

ALICERCES DA FÉ

Curso para escola dominical em um semestre

1 – A BÍBLIA SAGRADA

I – INTRODUÇÃO

A Bíblia é um livro sem igual, pois, embora seja um dos escritos mais antigos da história, continua sendo o *bestseller* mundial por excelência. Foi produzido no mundo oriental antigo, mas influenciou e moldou o mundo ocidental moderno. Já houve tiranos que queimaram a Bíblia, mas a mesma permanece como sendo o livro mais traduzido, mais citado, mais publicado, e que mais influência tem exercido em toda a história da humanidade.

A palavra **Bíblia (Livro)** passou a fazer parte do vocabulário das línguas modernas através do francês, passando primeiro pelo latim *bíblia*, com origem no grego *biblos*. Entretanto, na origem, o nome era utilizado para se referir à casca de um papiro do século XI a.C. Após o século II d.C., o nome passou a ser usado pelos cristãos para designar os seus livros sagrados.

Estruturalmente, a Bíblia possui duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento, tendo, a primeira parte, sido escrita pela comunidade judaica, antes da Era de Jesus; e a segunda, pelos discípulos de Cristo, ao longo do século I.

Norman Geisler esclarece que: “A palavra *testamento*, que seria mais bem traduzida por “aliança”, é tradução das palavras hebraicas e gregas que significam “pacto” ou “acordo” celebrado entre duas partes (“aliança”). Portanto, no caso da Bíblia, temos o pacto antigo, celebrado entre Deus e seu povo, os judeus, e o pacto novo, celebrado entre Deus e os cristãos.

Estudiosos cristãos frisaram a unidade existente entre esses dois testamentos da Bíblia sob o aspecto da Pessoa de Jesus Cristo, que declarou ser o tema unificador da Bíblia. Agostinho dizia que o Novo Testamento acha-se velado no Antigo Testamento, e o Antigo, revelado no Novo. Outros autores disseram o mesmo em outras palavras: “O Novo Testamento está no Antigo Testamento ocultado, e o Antigo, no Novo revelado”. Assim, Cristo se esconde no Antigo Testamento e é desvendado no Novo. Os crentes anteriores a Cristo olhavam adiante com grande expectativa, ao passo que os crentes de nossos dias vêm em Cristo a concretização dos planos de Deus”¹ (Ler Ef 3:1-12).

¹ Introdução Bíblica, de Norman L. Geisler e William Nix. Editora Vida, 1997.

SEÇÕES DA BÍBLIA

A lei (Pentateuco) – 5 livros		Poesia – 5 livros	
1. Gênesis 2. Êxodo 3. Levítico 4. Números 5. Deuteronômio		1. Jó 2. Salmos 3. Provérbios 4. Eclesiastes 5. O Cântico dos Cânticos	
História – 12 livros		Profetas – 17 livros	
1. Josué 2. Juízes 3. Rute 4. 1º Samuel 5. 2º Samuel 6. 1º Reis 7. 2º Reis 8. 1º Crônicas 9. 2º Crônicas 10. Esdras 11. Neemias 12. Ester		A – Maiores 1. Isaías 2. Jeremias 3. Lamentações 4. Ezequiel 5. Daniel	B – Menores 1. Oséias 2. Joel 3. Amós 4. Obadias 5. Jonas 6. Miquéias 7. Naum 8. Habacuque 9. Sofonias 10. Ageu 11. Zacarias 12. Malaquias

EVANGELHOS		HISTÓRIA	
1. Mateus 2. Marcos 3. Lucas 4. João		1. Atos dos Apóstolos	
EPÍSTOLAS			
1. Romanos 2. 1º Coríntios 3. 2º Coríntios 4. Gálatas 5. Efésios 6. Filipenses 7. Colossenses 8. 1º Tessalonicenses 9. 2º Tessalonicenses 10. 1º Timóteo 11. 2º Timóteo		12. Tito 13. Filemon 14. Hebreus 15. Tiago 16. 1º Pedro 17. 2º Pedro 18. 1º João 19. 2º João 20. 3º João 21. Judas	
PROFECIA			
1. Apocalípse			

A divisão do Antigo Testamento em 4 (quatro) seções começou a ser feita com base na tradução das Escrituras Sagradas para o grego, conhecida como *Versão dos Septuaginta (LXX)*, que foi iniciada no século III a.C.

Ainda que não haja nenhuma determinação divina para que a Bíblia seja dividida em 8(oito) partes, o fato de que as Escrituras devem ser entendidas em uma perspectiva cristocêntrica², de acordo com as palavras do próprio Jesus, torna essa divisão bastante coerente com a temática dos grupos de livros. (Vide quadro abaixo):

<p style="text-align: center;">ANTIGO TESTAMENTO</p>	<p style="text-align: center;">LEI HISTÓRIA POESIA PROFECIA</p>	<p>Fundamento da chegada de Cristo Preparação para a Chegada de Cristo Anelo pela chegada de Cristo Certeza da chegada de Cristo</p>
<p style="text-align: center;">NOVO TESTAMENTO</p>	<p style="text-align: center;">EVANGELHOS ATOS EPÍSTOLAS APOCALÍPSE</p>	<p>Manifestação de Cristo Propagação de Cristo Interpretação e aplicação de Cristo Consumação em Cristo</p>

Você sabia que as bíblias mais antigas não eram divididas em capítulos e versículos?

É verdade! Essas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar as Escrituras. Em 1227 Stephen Langton, professor da Universidade de Paris, dividiu a Bíblia em capítulos, e em 1551, Robert Stephanus, impressor parisiense, acrescentou a divisão em versículos.

² Jesus afirmou ser ele próprio o tema do Antigo Testamento, cf. Mt 5.17; Lc 24.27; Jo 5.39; Hb 10.7

II – INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Não obstante a forma e as propostas de estruturação da Bíblia, conforme tratamos anteriormente, a sua principal característica é o fato de ter sido **inspirada por Deus**. Quando nos referimos à inspiração, não estamos tratando de inspiração poética, mas do selo da autoridade divina, pois toda a Bíblia foi literalmente “soprada por Deus”.

Partindo da própria Bíblia, podemos entender o que significa inspiração bíblica:

2º Tm 3.16: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça”.

1º Co 2.13: “Disto também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais”.

2º Pe 1.21: “Pois a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens santos da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo”.

De acordo com os versículos acima, podemos concluir que a palavra inspiração se aplica aos escritos e não aos escritores, ou seja, **a Bíblia é inspirada, e não os seus humanos**.

Podemos, também, concluir que o processo total da inspiração contém três elementos essenciais³, que passaremos a analisar:

a) Causalidade divina: Deus é a Fonte Primordial da inspiração da Bíblia. O elemento divino estimulou o elemento humano. Primeiro Deus falou aos profetas e, em seguida, aos homens, mediante esses profetas. Deus revelou-lhes certas verdades da fé, e esses homens de Deus as registraram. O primeiro fator fundamental da doutrina da inspiração bíblica, e o mais importante, é que Deus é a fonte principal e a causa primeira da verdade bíblica. No entanto, não é esse o único fator.

b) Mediação profética: Os profetas que escreveram as Escrituras não eram autômatos. Eram algo mais que meros secretários preparados para anotar o que se lhes ditava. Escreveram segundo a intenção total do coração, segundo a consciência que os movia no exercício normal de sua tarefa, com seus estilos literários e seus vocabulários individuais. As personalidades dos profetas não foram violentadas por uma intrusão sobrenatural. A Bíblia que eles produziram é a Palavra de Deus, ou seja, Deus usou personalidades humanas para

³ Introdução Bíblica, de Norman L. Geisler e William Nix. Editora Vida, 1997, pág. 11.

comunicar proposições divinas. Os profetas foram a causa imediata dos textos escritos, mas Deus foi a causa principal.

c) **Autoridade escrita:** O produto final da autoridade divina em operação por meio dos profetas, como intermediários de Deus, é a autoridade escrita de que se reveste a Bíblia, cf. 2Tm 3.16. A Bíblia é a última palavra no que concerne a assuntos doutrinários e éticos. Todas as controvérsias teológicas e morais devem ser trazidas ao tribunal da Palavra escrita de Deus. As Escrituras receberam sua autoridade do próprio Deus, que falou mediante os profetas. No entanto, são os escritos proféticos e não os escritores desses textos sagrados que possuem e retêm a resultante autoridade divina. **Os profetas morreram, mas os escritos proféticos prosseguem.**

III – TEORIAS SOBRE A INSPIRAÇÃO BÍBLICA

É muito importante que o povo de Deus conheça e seja capaz de distinguir as diversas teorias acerca da inspiração da Bíblia, de forma que possa se posicionar de forma coerente diante de posicionamentos que negam ou relativizam o processo total de inspiração.

Na história da humanidade, as teorias acerca da inspiração da Bíblia têm passado por variações, que são vinculadas às características essenciais de três movimentos teológicos: *ortodoxia*, *modernismo (liberalismo)* e *neo-ortodoxia*.

A *ortodoxia* sempre prevaleceu na maior parte da história, e ela defende que a **Bíblia é a Palavra de Deus**.

As outras duas correntes relativizaram o conceito ortodoxo de inspiração. O *modernismo* crê que a **Bíblia contém a Palavra de Deus**, e a *neo-ortodoxia* defende que **a Bíblia se torna a Palavra de Deus**.

Passaremos a definir melhor as três principais teorias sobre a Bíblia, deixando claro que **NÓS SOMOS ORTODOXOS**, não por questões de intuição ou de intransigência desmotivada, mas com base em evidências sólidas, claras e robustas, que também serão abordadas posteriormente.

a) Ortodoxia

A opinião ortodoxa prevaleceu por 18 (dezoito) séculos. Os apóstolos eram ortodoxos. Os pais da igreja, salvo algumas exceções, sem grande relevância, ensinaram firmemente que a **Bíblia é a Palavra de Deus** escrita.

A ortodoxia crê que a Bíblia foi ditada por Deus aos seus profetas, não de uma forma mecânica, mas levando em consideração a personalidade do autor humano.

John R. Rice, em sua obra *Our God-breathed book – the Bible* (Nosso livro soprado por Deus – a Bíblia)⁴, declara que Deus, por sua atuação especial e providência, foi quem formou as personalidades sobre as quais o Espírito Santo haveria de soprar seu ditado, usando os estilos particulares que Ele desejava, resultando na construção das Escrituras Sagradas.

Mais adiante esclarecemos, de forma mais detida, as razões de sermos ortodoxos.

b) Modernismo (liberalismo)

O modernismo surgiu no século XIX e chegou ao seu ápice por volta da 1ª Grande Guerra Mundial, quando assumiu o controle dos principais seminários, faculdades e púlpitos.

O modernismo, ou liberalismo teológico, encontrou as suas bases filosóficas nos escritos de Immanuel Kant. Para os modernistas, certas partes da Bíblia são divinas, expressam a verdade, mas outras são obviamente humanas e apresentam erros. Desse modo, eles crêem que **a Bíblia apenas contém a Palavra de Deus**.

Eles não crêem nos milagres, e reprovam os relatos bíblicos acerca do nascimento virginal, da expiação vicária e da ressurreição de Cristo.

Eles acham que a Bíblia foi vítima da sua época, ou seja, afirmam que ela teria incorporado lendas, mitos e falsas crenças relacionadas à ciência, e que os homens “iluminados” de hoje devem rejeitá-la, pois os erros seriam decorrentes de uma mentalidade primitiva.

Em resumo, eles defendem que só as verdades divinas, entremeadas nessa mistura de ignorância antiga e erro grosseiro, é que de fato teriam sido inspiradas por Deus.

Eles crêem num tipo de evolucionismo religioso, ou seja, um processo subjetivo de crescente conhecimento de Deus em direção ao progresso humano.

A Revolução Industrial também foi pano de fundo do liberalismo, pois o progresso das criações humanas sufocou a idéia da necessidade de uma vida futura.

É triste termos que nos deparar com uma visão tão profana da Bíblia, uma oposição que a própria ciência tem, na atualidade, confrontado com as suas descobertas, que vêm ratificando a historicidade da Bíblia.

O modernismo foi e continua sendo um verdadeiro câncer em muitas igrejas cristãs espalhadas pelo mundo. Muitos seminários com visão liberal tem formado teólogos que pouco conhecem acerca da verdadeira presença de

⁴ Murfreesboro, Sword of the Lord, 1969.

Deus na vida do homem, pois, ao negarem a Palavra de Deus, negam o próprio Deus.

Como se dizem cristãos, se negam as palavras do próprio Cristo, que em vários momentos do seu ministério terreno defendeu a completa autoridade das Escrituras?

O liberalismo conseguiu “matar” muitas igrejas locais em todo o mundo. Igrejas que foram se tornando tão frias e indiferentes à voz do Senhor, que o poder de Deus deixou de ser percebido na vida dos seus membros.

O apóstolo Paulo parece ter instruído Timóteo acerca dos perigos do liberalismo:

1º Tm 6.20: “Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, evitando as conversas vãs e profanas e as oposições da falsamente chamada ciência; a qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja convosco”.

c) Neo-Ortodoxia

Os neo-ortodoxos começaram a surgir no início do século XX, após a derrocada do pensamento liberal, causada pelos horrores da guerra, principalmente pela influência do pai dinamarquês do existencialismo, Soren Kierkegaard, ocasionando uma nova reforma na teologia européia.

Muitos estudiosos se voltaram novamente para as Escrituras, com a intenção de ouvir a voz de Deus, mas sem deixar de lado as suas opiniões críticas.

A neo-ortodoxia ensina que a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas se torna a Palavra de Deus a partir de um encontro pessoal entre Deus e o homem. Os maiores defensores da neo-ortodoxia são Paul Tillich, Rudolf Bultmann, Shubert Ogden, Karl Barth e Emil Brunner.

Para os três primeiros, a Bíblia tem que ser despida de seus mitos e lendas, de forma que o leitor descubra o conhecimento existencial, isto é, não é necessário que a pessoa se prenda a uma revelação objetiva, histórica e proposicional, a fim de experimentar a verdade.

Os dois últimos são tidos como mais evangélicos. Barth crê que o registro escrito da Palavra de Deus possui erros, mas afirma que a Bíblia é a fonte da revelação de Deus.

A neo-ortodoxia trouxe de volta a idéia de um Deus transcendente, e não apenas imanente (presente e ligado à sua criação, garantindo o progresso em direção a uma ordem humana ideal na terra), mas que é superior e anterior à criação, um ser “totalmente outro” em relação ao homem, lançando fora a idéia liberal de que o homem tem uma “centelha de Deus” em si mesmo.

Os neo-ortodoxos, entretanto, não crêem na Bíblia como sendo uma revelação proposicional (determinante), objetiva, histórica e inspirada em si

mesma, ou seja, eles tornaram a experiência e a ética mais importantes do que a doutrina bíblica.

A neo-ortodoxia entrou em declínio no fim dos anos 50.

IV – ENSINO BÍBLICO SOBRE A INSPIRAÇÃO

Os dois grandes textos bíblicos que ensinam sobre a inspiração já foram citados (2º Tm 3.16 e 2º Pe 1.21). A Bíblia se auto declara como sendo um livro dotado de autoridade divina, decorrente de um processo pelo qual os escritores foram movidos pelo Espírito Santo a escrever textos inspirados (soprados) por Deus.

Geisler e Nix⁵ propõem as seguintes características da inspiração:

a) A inspiração é verbal. Independentemente de outras afirmações que possam ser formuladas a respeito da Bíblia, fica bem claro que esse livro reivindica para si mesmo esta qualidade: a inspiração verbal. O texto clássico de 2 Timóteo 3.16 declara que as *grapha*, ou seja, os textos, é que são inspirados:

- “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor...” (Êx 24.4);
- O Senhor ordenou a Isaías que escrevesse num livro a mensagem eterna de Deus (Is 30.8);
- Davi confessou: “O Espírito do Senhor fala por mim, e a sua *palavra* está na minha boca” (2º Sm 23.2);
- Jeremias recebeu a seguinte ordem: “... não te esqueças de nenhuma *palavra*” (Jr 26.2);
- Jesus e os apóstolos ressaltaram a revelação ao usarem repetidamente a expressão “*está escrito*” (Mt 4.4,7; Lc 24.27, 44);
- Paulo testemunhou: “... falamos, não com *palavras* de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina...” (1º Co 2.13);
- João adverte a todos a não “tirar quaisquer *palavras* do livro desta profecia” (Ap 22.19).
- Jesus declarou que não só as palavras, mas até mesmo os pequenos sinais diacríticos de uma palavra hebraica vieram de Deus: “***Em verdade vos digo que até que a terra e o céu passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido***” (Mt 5.18).

b) A inspiração é plena. A Bíblia reivindica a inspiração divina de todas as suas partes. É inspiração plena, total, absoluta. “Toda Escritura é divinamente inspirada...” (2º Tm 3.16). Nenhuma parte das Escrituras deixou de receber

⁵ Introdução Bíblica, de Norman L. Geisler e William Nix. Editora Vida, 1997.

total autoridade doutrinária. Paulo disse: “...tudo o que outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito” (Rm 15.4). Jesus e todos os autores do Novo Testamento exemplificam amplamente sua crença firme na inspiração integral e completa do Antigo Testamento, citando trechos das Escrituras que eram para eles de autoridade, até mesmo os que apresentam ensinamentos fortemente polêmicos. A criação de Adão e Eva, a destruição do mundo pelo dilúvio, o milagre de Jonas e o grande peixe e muitos outros acontecimentos são mencionados por Jesus, deixando bem clara a autoridade deles. Todo trecho das Sagradas Escrituras reivindica total e completa autoridade. A inspiração da Bíblia é plena, ou seja, completa e integral, abrangendo todas as suas partes.

c) A inspiração atribui autoridade. A inspiração concede autoridade indiscutível ao texto bíblico. Disse Jesus: “... a Escritura não pode ser anulada...” (Jo 10.35). Em numerosas ocasiões o Senhor recorreu à Palavra de Deus escrita, que ele considerava árbitro definitivo em questões de fé e de prática. O Senhor recorreu às Escrituras como a autoridade para ele purificar o templo (Mc 11.17), para pôr em cheque a tradição dos fariseus (Mt 15.3,4) e para resolver divergências doutrinárias (Mt 22.29). Até mesmo Satanás foi repreendido por Cristo mediante a autoridade da Palavra escrita de Deus: “Está escrito”. Jesus contra-atacou as tentações de Satanás com a Palavra de Deus escrita. (Mt 4.4, 7, 10). Jesus também disse: “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei” (Lc 16.17). A Palavra de Deus não pode ser anulada. Provém de Deus e está envolta na autoridade divina que o próprio Deus lhe concedeu.

d) A inspiração gera suficiência. A inspiração das Escrituras as torna suficientes, ou seja, a Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção. Significa também dizer que a Bíblia é o que nós precisamos para a salvação, de forma que, de maneira perfeita, possamos confiar e obedecer ao Senhor. Na Epístola aos Gálatas lemos que: “ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos anunciamos, seja anátema”. (Gl 1:8). (Consultar Dt 4.2, Dt 12.32, Pv 30.5-6, Ap 22.18-19).

e) A inspiração implica inerrância. A Bíblia ensina claramente que Deus não pode mentir, nem falar com falsidade. (2º Sm 7.28; Tt 1.1,2; Hb 6.18). Além disso, todas as palavras das Escrituras são declaradas completamente verdadeiras e destituídas de erros, qualquer que seja o trecho. (Nm 23.19: Sl 12.6. 119.89, 96; Pv 30.5; Mt 24.35).

V – EVIDÊNCIAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Durante toda a história da igreja cristã, os cristãos têm sido confrontados pelo mundo acerca da inspiração da Bíblia.

Nós tratamos a Palavra de Deus com respeito e temor, mas, quando afirmamos diante do mundo que Ela é inspirada, somos muitas vezes questionados, e passamos a ter uma nova tarefa: comprovar o que dissemos.

Esta seção é destinada à apologia bíblica, ou seja, através das evidências internas e externas, passaremos a defender o caráter inspirado da Bíblia.

Inspiração significa “soprado por Deus”, isto é, é o processo mediante o qual as Escrituras, a saber, os escritos sagrados, foram revestidos de autoridade divina no que concerne à doutrina e à prática. É importante salientar que esse revestimento foi dado aos escritos e não aos escritores. Entretanto, como já vimos, eles foram movidos pelo Espírito para escreverem suas mensagens vindas de Deus.

Há dois tipos de evidências acerca da inspiração bíblica:

a) **Evidências internas**

As evidências internas brotam da própria Bíblia, e podemos dividi-las em quatro:

1 – Autoridade que se autoconfirma. Diz respeito ao fato de que a Bíblia fala com autoridade própria, cheia de convicção. Jesus enchia as multidões de admiração e espanto pois “as ensinava como tendo autoridade” (Mc 1.22). Da mesma forma, a expressão “assim diz o Senhor”, encontrada várias vezes nas Escrituras, fala por si mesma. A evidência da autoridade que se autoconfirma também diz respeito ao fato de que a Bíblia não precisa ser defendida, pois os seus ensinamentos falam por si mesmo. A autoridade da Bíblia é como um leão, para que ele demonstre a sua autoridade basta soltá-lo. Do mesmo modo, basta que explanemos os ensinamentos da Bíblia e ela mesma se encarrega de impor a sua autoridade.

2 – Testemunho do Espírito Santo. Diz respeito ao fato de que os filhos de Deus têm em si o testemunho do Espírito Santo, que testifica que a Bíblia é a Palavra de Deus. O testemunho íntimo de Deus no coração do crente vai evidenciando a origem divina da Bíblia, à medida que vamos lendo as Escrituras. (2º Pe 1.20, 21). Em suma, a Palavra de Deus recebe confirmação da parte do Espírito de Deus.

3 – Capacidade transformadora da Bíblia. A transformação operada pela Bíblia, convertendo o incrédulo e edificando-o na fé cristã, é também uma evidência interna da inspiração. Na Epístola aos Hebreus lemos que: “A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes...” (Hb 4.12). Muitas pessoas no mundo têm experimentado o poder transformador da Palavra de Deus. Casamentos restaurados, drogados que

deixam as drogas, prostitutas que se tornam mães e esposas dignas, criminosos que se tornam mansos e cordatos, satanistas que se transformam em pregadores da Palavra de Deus, sentimentos de ódio dando lugar ao amor. Tudo isso decorrente da leitura da Palavra de Deus. A evidência de que Deus atribui autoridade à Bíblia pode ser claramente comprovada através do seu poder transformador.

4 – Unidade da Bíblia. Uma das evidências internas mais impressionantes, principalmente por não ser subjetiva. A unidade da bíblia é algo surpreendente. Ela é constituída por 66 livros, que foram escritos ao longo de 1500 anos, por cerca de 40 autores, em três línguas, com centenas de tópicos, e, mesmo assim, mantém, expressa ou implicitamente, uma unidade temática – Jesus Cristo. Um problema (o pecado) e a solução (Jesus Cristo, o Salvador), unificam as páginas da Bíblia, desde o Gênesis até o Apocalipse.

b) Evidências externas

Já vimos as evidências internas, que, embora sejam convincentes, passam pelo campo da experiência pessoal, do subjetivismo. As evidências internas estão disponíveis apenas aos que estão dentro do Cristianismo, pois, para o incrédulo, são apenas questões de fé pessoal.

Por outro lado, as evidências que passaremos a tratar agora são luzes que atingem a intelectualidade humana, a sua racionalidade, e passam a comprovar que as Escrituras têm, realmente, o selo da inspiração divina. Trata-se de um testemunho público de algo inusitado, que serve para atrair a atenção do ser humano para a voz de Deus nas Escrituras.

1 – Historicidade da Bíblia. Uma grande parte do que está escrito na Bíblia é história e, desse modo, é passível de comprovação. Dois elementos têm apoiado a historicidade da Bíblia: os artefatos arqueológicos e os documentos escritos. É importante ressaltar que nenhum dos artefatos desenterrados pelos arqueólogos invalidou o ensino bíblico. Pelo contrário, a arqueologia tem comprovado os relatos bíblicos. Segundo Donald J. Wiseman, na obra “*Confirmações arqueológicas do Velho Testamento*”, “A geografia das terras mencionadas na Bíblia e os remanescentes visíveis da Antiguidade foram gradativamente registrados, até que hoje, em sentido mais amplo, foram localizados mais de 25.000 locais, nesta região, que datam dos tempos do Antigo Testamento”. Em termos concretos, podemos dizer que as confirmações acerca de fatos narrados na Bíblia conferem credibilidade às suas declarações.

2 – O Testemunho de Cristo. Jesus Cristo é, sem dúvida, uma personalidade muito respeitada em todo o mundo, inclusive para os que não professam a fé cristã. Mesmo sem ser considerado como Deus, é reconhecido como um homem de grande integridade moral, e de um estilo de vida exemplar. Se

mesmo um ateu dá crédito à pessoa de Jesus Cristo, ainda que apenas como um grande homem, deveria também acreditar nas suas palavras. Portanto, com base na própria integridade moral de Jesus, podemos crer que a Bíblia é a Palavra de Deus, pois Ele disse isso várias vezes.

3 – As Profecias cumpridas. O cumprimento das profecias bíblicas é um grande testemunho externo que comprova a inspiração bíblica. Até a presente data, nenhuma profecia bíblica a respeito de acontecimentos ficou sem cumprimento. Nostradamus, e tantos outros falsos profetas, errou em suas predições. Por outro lado, a Bíblia não erra em suas declarações sobre o futuro. Algumas das profecias, tais como: a época do nascimento de Jesus (Dn 9), a cidade em que ele haveria de nascer (Mq 5.2), a natureza de sua concepção e nascimento (Is 7.14), foram cumpridas. Outros livros ditos “sagrados” reivindicam para si a inspiração divina, mas não contêm predições do futuro, como é o caso do *Alcorão (livro dos muçulmanos)*.

4 – Influência mundial da Bíblia. Não há no mundo nenhum livro que tenha exercido mais influência sobre a humanidade do que a Bíblia. Foi traduzido em mais de mil línguas, abrangendo 90% da população do mundo; tem sido impressa em maior número do que qualquer outro livro. Suas tiragens somam alguns bilhões de exemplares. Os *bestsellers* que têm vindo em segundo lugar, ao longo dos séculos, nunca chegaram perto do detentor perpétuo do primeiro lugar: **A Bíblia**. Além disso, nenhum outro livro excede a profundidade moral contida nas Escrituras Sagradas, nem é capaz de apresentar um conceito mais majestoso sobre Deus do que a Bíblia.

5 – Testemunho de grandes personalidades:

Abraão Lincoln: “Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem, da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante este livro”.

George Washington: “Impossível é governar bem o mundo sem Deus e sem a Bíblia”.

Napoleão Bonaparte: “A Bíblia não é um simples livro, senão uma Criatura Vivente, dotada de uma força que vence a quantos se lhe opõem”.

Rainha Vitória: “Este livro dá a razão da supremacia da Inglaterra”.

Isaac Newton: “Há mais indícios seguros de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana”.

6 – Indestrutibilidade. A Bíblia é a obra mais atacada que existe. Não obstante, a Palavra de Deus tem resistido a todos os ataques e a todos os atacantes. Diocleciano (Imperador Romano) tentou exterminá-la no ano de 303dC, no entanto, a Bíblia é o livro mais impresso do mundo. Vários críticos

do passado disseram que ela era composta de histórias que não passaram de mitos. De uma forma categórica, a arqueologia tem comprovado a sua historicidade. Na verdade, o próprio Jesus garantiu que ela seria indestrutível: *“Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão”*.

VI – O CÂNON DAS ESCRITURAS

Enquanto a inspiração é o meio pelo qual a Bíblia recebeu a sua autoridade, a canonização é o processo de aceitação definitiva dos escritos inspirados.

A origem da palavra *cânon* está ligada à palavra grega *Kanon* (cana, régua), que se originou da palavra hebraica *kaneh*, que significa “vara ou cana de medir” (Ez 40.3). Esta palavra sempre foi usada para expressar padrão, regra, norma, além de unidade de medida.

O que determina a canonicidade de um livro é a sua inspiração.

Deus dá a autoridade a um livro, e os homens de Deus o acatam. Deus revela, e seu povo reconhece o que o Senhor revelou. A canonicidade é determinada por Deus e descoberta pelos homens de Deus.

Alguns critérios foram usados pelos homens de Deus, nos primeiros séculos da história da igreja, com o fim de descobrir se os escritos eram ou não provenientes do próprio Deus.

Dentre esses critérios, podemos destacar:

a) A autoridade do livro. Cada livro da Bíblia traz em si uma reivindicação de autoridade divina. Frequentemente, lemos a categórica expressão: “assim diz o Senhor”. Muitas vezes, o próprio tom, e as exortações contidas nos livros da Bíblia, revela sua origem divina. Nos escritos voltados mais ao ensino, existem declarações de Deus acerca de como os crentes devem ser e agir.

b) A autoria profética de um livro. Os livros proféticos foram produzidos pela atuação do Espírito Santo, movendo homens conhecidos como profetas (2º Pe 1.20,21). A Palavra do Senhor foi dada ao seu povo por intermédio de profetas de Deus, ou seja, todos os autores dos livros bíblicos tinham um dom profético, ou uma função profética, ainda que tal pessoa não fosse profeta por ocupação (Hb 1.1). Na epístola aos Gálatas, Paulo exorta o povo dizendo que suas cartas deveriam ser aceitas, tendo em vista o seu ofício apostólico, determinado pelo Senhor (Gl 1.1). Paulo advertia que todos os livros que não fossem provenientes de profetas nomeados por Deus deveriam ser rejeitados. Os crentes não deveriam aceitar livros de alguém que falsamente afirmasse ser apóstolo de Cristo (2º Ts 2.2). Foi em decorrência desse princípio que a segunda carta de Pedro foi rejeitada por alguns da igreja primitiva, até que os mesmos ficassem convencidos de que ela tinha sido enviada pelo apóstolo – conforme relato do seu primeiro versículo – o que veio a ocorrer posteriormente.

c) A confiabilidade de um livro. Um outro grande sinal da inspiração de um livro é o fato do mesmo ser digno de confiança. Todo e qualquer livro que contenha erros factuais ou doutrinários, quando comparados com as revelações anteriores, não poderia ter sido inspirado por Deus. Deus jamais mentirá ou entrará em contradição. Diante desse princípio de busca de canonicidade, os crentes de Beréia só aceitaram os ensinamentos de Paulo após pesquisas minuciosas das Escrituras já existentes, com o intuito de verificar se Paulo não falava de uma forma contraditória (At 17.11). O livro de Tiago foi rejeitado por muito tempo, pois alguns líderes da igreja primitiva achavam que a sua mensagem não era compatível com a doutrina da justificação pela fé ensinada por Paulo. Entretanto, após uma análise profunda, constatou-se que os ensinamentos de Paulo e Tiago não eram conflitantes, mas se complementavam. **(Ler Tiago 2: 14-26).**

d) A natureza transformadora de um livro. O quarto teste era: Se o livro fosse capaz de transformar vidas, era tido como canônico. Por muito tempo se rejeitou a autoridade de Cântico dos Cânticos e Eclesiastes, até que os estudiosos se convenceram de que o Cântico dos Cânticos não é sensual, mas profundamente espiritual, e que Eclesiastes não é um livro cético e pessimista, mas positivo e edificante.

e) A aceitação de um livro. A última marca da canonicidade era a aceitação e reconhecimento pelo povo de Deus ao qual o livro tinha sido originariamente destinado. A Palavra de Deus, dada mediante seus profetas e contendo sua verdade, deve ser reconhecida pelo seu povo.

Após analisarmos brevemente essas cinco marcas de canonicidade, podemos constatar que o processo de descoberta dos livros dados por Deus aos homens exigiu muitos anos.

VII – POR QUE A NOSSA BÍBLIA É DIFERENTE DA BÍBLIA CATÓLICA ROMANA?

Esse tem sido um tema muito polêmico no meio do povo cristão. Enquanto o Novo Testamento possui a mesma quantidade de livros em ambas as Bíblias, a quantidade de livros no Antigo Testamento da Bíblia Católica é um pouco maior. Dentre os livros que os católicos acrescentaram oficialmente à Bíblia, em 1546, no Concílio de Trento, estão: Tobias, Judite, Eclesiástico, 1 Macabeus, 2 Macabeus.

Por que não aceitamos os livros apócrifos (livros escritos pelos judeus no período inter-testamentário) que foram acrescentados ao Velho Testamento dos Católicos?

Várias razões nós temos para rejeitá-los como canônicos, muito embora os julgemos de grande valia para conhecermos a história do povo de Israel nesse período inter-testamentário.

Vejamos essas razões:

- Os judeus jamais aceitaram esses livros como canônicos;
- Não foram aceitos por Jesus, nem pelos autores do Novo Testamento;
- A maior parte dos primeiros grandes pais da igreja rejeitou sua canonicidade;
- Jerônimo, o grande especialista bíblico e tradutor da *Vulgata (tradução do Antigo Testamento do hebraico para o latim)*, rejeitou fortemente os livros apócrifos. Só após a morte de Jerônimo que os apócrifos foram incorporados à *Vulgata*;
- Muitos estudiosos católicos romanos, ainda ao longo da Reforma, rejeitaram os livros apócrifos;
- Nenhuma igreja cristã ortodoxa grega, anglicana ou protestante, até a presente data, reconheceu os apócrifos como inspirados e canônicos, no sentido integral dessas palavras;
- Algumas doutrinas católicas que conflitam com a teologia bíblica, tal como a oração pelos mortos que é baseada em um livro apócrifo.

VIII – DECLARAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA SOBRE A PALAVRA DE DEUS

A Bíblia é a palavra de Deus em linguagens humana(1). É o registro da revelação que Deus fez a respeito de si mesmo aos homens (2). Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo (3). Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes, e promover a glória de Deus (4). Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina (5). Revela o destino final do mundo e os critérios pelos quais Deus julgará todos os homens (6). A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens (7). Ela deve ser interpretada à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus (8).

(1) Sl 119:89; Hb 1:1; Is 40:8; Mt 24:35

(2) Is 40:8; Mt 22:29; Hb 1:1-2; Rm 16:25,26; 1º Pe 1:25

(3) Ex 24:4; At 3:21; 2º Sm 23:2

(4) Lc 16:29; 2º Tm 3:16,17; Hb 4:12

(5) Sl 19:7-9; Sl 119:105; Pv 30:5

(6) Jo 12:47, 48; Rm 2:12,13

(7) 2º Cr 24:19; Is 34:16; Gl 6:16

(8) Lc 24:44,45; Mt 5:22,28,32,34,39; Jo 5:39,40

2 – A PESSOA DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

Mesmo aqueles que tentam negar acabam tendo que admitir a existência de um Deus. A própria tentativa de negar-lhe a existência já é uma prova disso. Todos os seres humanos, em todos os tempos, lugares e culturas têm uma profunda e íntima intuição de que Deus existe, de que são criaturas de Deus e de que ele é seu Criador. Vejamos o que o apóstolo Paulo diz a esse respeito:

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.

Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato” (Rm 1:18-21).

Até mesmo os gentios incrédulos possuíam um certo “conhecimento de Deus”, mas não atentaram para esse conhecimento e então “mudaram a verdade de Deus em mentira” (Rm 1.25), dando a entender que, ativa ou obstinadamente, rejeitaram alguma verdade sobre a existência e o caráter de Deus que já conheciam.

A Bíblia chama o ateísmo de insensatez (Sl 14:1), orgulho, perversidade (Sl 10:3-4). Essas passagens indicam tanto que o pecado leva as pessoas a pensarem irracionalmente e a negarem a existência de Deus, quanto que só diz “Não há Deus” quem não pensa racionalmente ou foi iludido.

Paulo também admite que o pecado traz outros efeitos: faz as pessoas negarem seu conhecimento de Deus; ele fala daqueles que “detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1.18) e afirma que os que agem assim são “indesculpáveis” pela negação de Deus (Rm 1.20). Entretanto, aqueles que são filhos de Deus têm essa consciência de forma clara, o que nos leva a reconhecer a Deus como nosso amoroso Pai celeste (Rm 8.15). O Seu Espírito derramado em nossos corações dá testemunho de que somos filhos de Deus (Rm 8.16) e Cristo habita vivo em nosso coração.

“Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada”. (Jo 14:23).

A intensidade dessa consciência num cristão é tal que, mesmo sem jamais termos visto ao Senhor Jesus Cristo, de fato o amamos (1º Pe 1.8).

II – EVIDÊNCIAS DAS ESCRITURAS E DA NATUREZA

Além da consciência humana, que dá claro testemunho da existência de Deus, encontramos claras evidências da sua existência na Bíblia e na natureza.

As provas de que Deus existe encontram-se disseminadas por toda a Bíblia. De fato, a Bíblia sempre pressupõe que Deus existe. Gênesis 1:1, o primeiro versículo da Bíblia, não apresenta provas da existência de Deus, mas passa imediatamente a narrar os atos criadores de Deus: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. Se acreditarmos na veracidade das Escrituras, saberemos, com base nela, não só que Deus existe, mas também muita coisa sobre sua natureza e seus atos.

A natureza também fornece farto testemunho da existência de Deus. Paulo diz que a eterna natureza e divindade de Deus são claramente percebidas “por meio das coisas que foram criadas” (Rm 1.20). Essa vasta referência às “coisas que foram criadas” sugere que em certo sentido todas as coisas criadas evidenciam o caráter de Deus. No entanto, o ser humano é a parte da criação que dá maior testemunho acerca da existência de Deus, pois ele foi criado à sua imagem e semelhança. Sempre que nos deparamos com outro ser humano, percebemos que um ser tão complexo somente pode ter sido obra de um Criador sábio e infinito.

Além das provas encontradas na existência da raça humana, há outras evidências provenientes do mundo natural. As “chuvas e estações frutíferas” bem como a “fartura e a alegria” de que todas as pessoas desfrutam e se beneficiam são também testemunhas da existência de Deus (At 14.17). O salmista nos fala do testemunho dos céus:

“ Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite” (SI 19.1-2).

Essa grande variedade de testemunhos da existência de Deus, oriundos de partes diversas do mundo criado, indica-nos que, em certo sentido, tudo que existe dá provas da existência de Deus. Se nosso coração e nossa mente não estiverem por demais ofuscados pelo pecado, ser-nos-á impossível olhar atentamente para cada uma das coisas criadas e dizer: “Ninguém criou isto, é apenas obra do acaso”.

Assim, para aqueles que avaliam corretamente as evidências, tudo o que há nas Escrituras e tudo o que há na natureza prova claramente que Deus existe e que ele é o Criador onipotente e sábio descrito pela Bíblia. Portanto, quando cremos que Deus existe, baseamos nossa crença não em alguma cega esperança alheia a qualquer evidência nas palavras e nas obras de Deus. Essas evidências todas podem ser consideradas provas válidas da existência de Deus, ainda que algumas pessoas as rejeitem. Isso não significa que a evidência é inválida em si mesma, mas somente que aqueles que a rejeitam avaliam-na incorretamente ou com má vontade.

III – ARGUMENTOS TRADICIONAIS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Ao longo da história, diversos homens, cristãos ou não, tentaram demonstrar a existência de Deus. Algumas provas, chamadas tradicionais, concebidas em várias épocas, são, de fato, tentativas de analisar as evidências, especialmente as evidências da natureza, de modo extremamente cuidadoso e logicamente preciso, com o objetivo de demonstrar para as pessoas que não é racional rejeitar a idéia de que Deus existe. Se for verdade que o pecado faz as pessoas pensarem irracionalmente, então essas provas são tentativas de fazer as pessoas ponderarem racionalmente sobre as evidências da existência de Deus, apesar das tendências irracionais decorrentes de sua natureza pecaminosa.

São quatro os mais importantes tipos de argumentos:

- a) **Argumento cosmológico.** O argumento cosmológico considera o fato de que toda coisa conhecida do universo tem uma causa. Portanto, enfatiza o argumento: o próprio universo deve também necessariamente ter uma causa, e a causa primária de universo tão grandioso só pode ser Deus.
- b) **Argumento teleológico.** O argumento teleológico é na verdade uma subcategoria do argumento cosmológico. Trata da evidência da harmonia, da ordem e do planejamento existentes no universo, e argumenta que esse planejamento dá provas de um propósito ou desígnio inteligente (a palavra grega *telos* significa “fim”, meta ou “propósito”). Como o universo foi planejado com um propósito, deve necessariamente existir um Deus inteligente e determinado que o criou para funcionar assim.
- c) **Argumento ontológico.** O argumento ontológico parte da idéia de Deus, definido como um ser “maior do que qualquer coisa que se possa imaginar”. Depois arrazoa que a característica da existência deve pertencer a tal ser, pois maior é existir que não existir.
- d) **Argumento moral.** O argumento moral parte do senso humano do certo e do errado (consciência), e da necessidade da imposição da justiça. Conclui que deve necessariamente existir um Deus que seja o padrão do certo e do errado e que esse Ser moral irá algum dia impor a justiça a todas as pessoas.

Como todos esses argumentos se baseiam em fatos sobre a criação que realmente são verdadeiros, podemos dizer que todas essas provas (quando cuidadosamente formuladas) são, num sentido objetivo, provas válidas. São válidas porque avaliam corretamente as evidências e ponderam com acerto, chegando a uma conclusão verdadeira: de fato, o universo realmente tem Deus como causa, realmente dá provas de um planejamento deliberado. Deus realmente existe como ser maior do que qualquer coisa que se possa imaginar e ele realmente nos deu um senso do certo e do errado e um senso de que seu juízo virá algum dia. Os atos reais mencionados nessas provas, portanto, são verdadeiros, e nesse sentido as provas são válidas, ainda que nem todas as pessoas se convençam delas.

O valor dessas provas está, principalmente, na possibilidade de vencer algumas objeções intelectuais dos incrédulos. É importante destacar que elas não conseguirão levar os descrentes à uma fé salvadora, pois isso vem pela aceitação no testemunho da Bíblia, mas podem ajudar a superar as objeções dos descrentes e, para os crentes, proporcionar mais evidências intelectuais de algo sobre o qual já foram convencidos com base na sua própria relação íntima com Deus e no testemunho bíblico.

Apesar da validade de tais argumentos, precisamos estar conscientes de que, se Deus não nos iluminasse, jamais creríamos nele, pois:

“o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo” (2º Co 4:4).

“visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêm pela loucura da pregação” (1º Co 1:21).

Neste mundo decaído, a sabedoria humana é insuficiente para que conheçamos a Deus. Por isso Paulo afirma que sua pregação era realizada “em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1º Co 2.4-5). Dependemos de Deus para remover a cegueira e a irracionalidade provocada pelo pecado, possibilitando assim que avaliemos corretamente as evidências, creiamos no que dizem as Escrituras e venhamos a ter fé salvadora em Cristo.

IV – CONCEPÇÕES ERRÔNEAS A RESPEITO DE DEUS

a) *Deísmo*

Na concepção deísta, Deus criou o universo, mas não interage com ele. Deus é pessoal e transcendente, mas não imanente, ou seja, Ele é uma espécie de Deus “controle-remoto”: Ele apertou um botão para criar todas as

coisas, mas agora não intervém naquilo que criou. **Essa idéia não é coerente com o ensino das Escrituras**, que afirmam que Deus se preocupa e interage com a sua criação, estando presente em todos os momentos. Essa presença e interação se chama imanência. Em resumo, Deus é transcendente, mas não deixa de ser imanente. Vejamos alguns versículos:

“Porque, quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele; nisto procedeste loucamente; por isso, desde agora, haverá guerras contra ti”. (2º Cr 16:9).

“Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? (Mt 6:25-30).

b) Politeísmo

Politeísmo é a crença de que existem vários deuses. Alguns afirmam que esse conceito surgiu como reação ao monoteísmo, mas na verdade trata-se de uma degeneração do conceito da divindade. Frequentemente está intimamente ligado ao culto da natureza (animismo) e é a base do Hinduísmo, Zen-Budismo, Mormonismo e antigas religiões pagãs. Na visão politeísta, Deus é relegado a um entre muitos deuses.

A palavra de Deus afirma claramente que só há um Deus:

“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”. (Dt 6:1).

“Vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR, o meu servo a quem escolhi; para que o saibas, e me creiais, e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá.

Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador”. (Is 43:10-11).

c) Panteísmo

Concepção que afirma: Deus se identifica com o universo, de modo que Deus é tudo e tudo é Deus. Deus é imanente, mas não transcendente. Essa idéia está presente nos ensinamentos de alguns filósofos e do movimento Nova Era. Ela é equivocada, pois, embora Deus esteja presente na Criação, Ele não se confunde com ela, sendo anterior e superior a tudo o que criou (transcendente). Vejamos o que a Bíblia afirma:

“Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem”. (Sl 103:13).

“Quem há semelhante ao SENHOR, nosso Deus, cujo trono está nas alturas, que se inclina para ver o que se passa no céu e sobre a terra?” (Sl 113:5-6).

“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos”. (Is 55:8-9).

V – O CARÁTER DE DEUS: ATRIBUTOS

a) Introdução

Ao falarmos do caráter de Deus, logo percebemos que não podemos dizer, ao mesmo tempo, tudo o que a Palavra nos ensina sobre o Seu caráter, ou seja, precisamos, de alguma forma, classificar os atributos de Deus. Existem alguns riscos nessa abordagem:

Primeiro, corremos o risco da **simplicificação extrema**. Não devemos estender demasiadamente o número de atributos, mas também não podemos simplificar demais, pois isso enfraqueceria o nosso conceito sobre Deus.

Em segundo lugar, corremos o risco de **departamentalizar Deus** por atributos. Ao estudarmos os atributos de Deus em separado, devemos levar em conta a sua **essência única**. Nenhum atributo procede do outro, nem o precede. Todas as perfeições de Deus são eternas.

Empregam-se vários métodos diferentes de classificação dos atributos de Deus. Em nosso estudo, utilizaremos a classificação mais usada: os atributos naturais (ou seja, aqueles atributos que se encontram somente em Deus e fazem parte apenas da sua natureza) e os atributos morais (aqueles que Deus partilha conosco).

A compreensão do caráter divino segundo as Escrituras deve abrir nossos olhos e nos permitir interpretar corretamente a criação. Assim, seremos

capazes de ver reflexos da excelência do caráter de Deus em toda a criação, pois **“...toda a terra está cheia da sua glória”** (Is 6:3).

b) Atributos naturais de Deus:

1 – Independência

A independência de Deus pode ser definida assim: Deus não precisa de sua criação para nada, porém, tanto nós quanto o restante da criação podemos glorificá-lo e dar-lhe alegria. Esse atributo de Deus é, às vezes, chamado de existência autônoma.

As Escrituras, em várias passagens, ensinam que Deus não precisa de parte nenhuma da criação para existir ou para qualquer outra coisa. Deus é absolutamente independente e auto-suficiente:

“O Deus que fez o mundo e tudo o que existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (At 17.24-25).

“Quem primeiro deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu” (Jó 41.11).

Criatura nenhuma deu algo a Deus que primeiro não viesse dEle, que criou todas as coisas. Da mesma forma, lemos a palavra de Deus no salmo 50: “Pois são meus todos os animais do bosque e as almas aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes, e são meus todos os animais que pululam no campo. Se eu tivesse fome, não to diria, pois o mundo é meu e quanto nele se contém” (Sl 50.10-12).

Alguns teólogos ensinam que Deus criou os seres humanos porque se sentia só e precisava de companhia. Se isso fosse verdade, certamente significaria que Deus não é completamente independente da criação. Significaria que Deus necessitaria criar pessoas para ser completamente feliz ou plenamente realizado na sua existência individual.

Entretanto, baseados nas Escrituras, vemos que entre as pessoas da Trindade houve, há e sempre haverá amor, comunhão e comunicação perfeitos por toda a eternidade. O fato de Deus ser três pessoas, mas um só Deus, significa que não havia solidão nem falta de comunhão pessoal da parte de Deus antes da criação. De fato, esse amor, essa comunhão interpessoal e esse partilhar de amor sempre foram e sempre serão muito mais perfeitos do que qualquer comunhão que nós venhamos a ter com outras pessoas no mundo.

2 - Imutabilidade

Podemos definir a imutabilidade de Deus assim: Deus é imutável no seu ser, nas suas perfeições, nos seus propósitos e nas suas promessas, porém, Deus age e sente emoções, e age e sente de modos diversos diante de situações diferentes. A Palavra de Deus afirma:

“Em tempos remotos, lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permaneces: todos eles envelhecerão como uma veste. Como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim”. (Sl 102.2.5-27).

O ser de Deus existia antes da criação do universo e existirá para sempre após a destruição dessas coisas. Deus muda o universo, mas ele é sempre “o mesmo”.

Tiago afirma aos seus leitores que todos os dons provém, em última análise, de Deus, “em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1.17). Seu argumento é que, como os dons excelentes sempre vieram de Deus, podemos estar seguros de que somente dons excelentes virão dele no futuro, pois o seu caráter jamais muda, nem sequer em grau mínimo.

Podemos concluir que Deus é imutável no que diz respeito ao seu “ser” e com respeito às suas “perfeições” (ou seja, os seus atributos ou os vários aspectos do seu caráter).

Essa definição dada também afirma a imutabilidade de Deus com respeito aos seus propósitos. Uma vez tendo determinado que irá seguramente fazer algo, o propósito de Deus é imutável e será realizado:

“ O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33.11).

“Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o principio anuncio o que há de acontecer e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei” (Is 46.9-11).

3 – Eternidade

A eternidade de Deus pode ser definida assim: Deus não tem princípio nem fim. Para Ele não existe limitação de tempo; Ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo.

Deus é eterno no seu próprio ser. O fato de Deus não ter princípio nem fim está explícito em Salmos 90.2: “Antes que os montes nascessem e se

formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus”. Do mesmo modo, em Jó 36.26, Eliú diz sobre Deus: “...o número dos seus anos não se pode calcular”.

A eternidade de Deus é também revelada por passagens que abordam o fato de que Deus é ou existe.

“Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso” (Ap 1.8; cf. 4.8).

O próprio nome de Deus também implica em contínua existência: Deus é o eterno “Eu Sou”, aquele que existe eternamente:

“Eu Sou o QUE Sou!” (Êx 3.14).

Antes de haver um universo, e antes de haver o tempo, Deus sempre existiu, sem princípio e sem ser influenciado pelo tempo. E até o mesmo tempo não tem existência por si mesmo, mas à semelhança do restante da criação, depende do eterno ser divino e do eterno poder divino para continuar existindo.

4 – Onipresença

Da mesma forma como é ilimitado ou infinito com respeito ao tempo, Deus também é ilimitado com respeito ao espaço. Essa característica da natureza de Deus é chamada onipresença. Podemos definir a onipresença de Deus assim: Deus não tem tamanho nem dimensões e está presente em todos os lugares com todo o seu ser. Ele, porém, age de modos diversos em lugares diferentes.

Deus está presente em todo lugar. Há muitas passagens que falam da presença de Deus em toda parte:

“Acaso sou Deus apenas de perto, diz o SENHOR, não também de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? – diz o SENHOR; porventura, não encho eu os céus e a terra? – diz o SENHOR” (Jr 23.23-24).

A onipresença de Deus é exprimida de maneira tremenda pelo Salmista:

“Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá” (Sl 139.7-10).

Não há lugar em todo o universo, na terra ou no mar, no céu ou no inferno, onde se possa escapar da presença de Deus. Deus não tem limitações de espaço. Deus não pode ser contido por espaço nenhum, por maior que seja. Salomão diz na sua oração a Deus:

“Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei” (1º Rs 8.27).

Os céus e o céu dos céus não podem conter a Deus; na verdade, Ele não pode ser contido por nenhum espaço imaginável. A onipresença de Deus implica em sua presença e não apenas para abençoar e sustentar, mas também para julgar e punir todo desígnio humano:

“Nenhum deles fugirá, e nenhum escapará. Ainda que desçam ao mais profundo abismo, a minha mão os tirará de lá; se subirem ao céu, de lá os farei descer. Se se esconderem no cimo do Carmelo, de lá buscá-los-ei e de lá os tirarei; e, se dos meus olhos se ocultarem no fundo do mar de lá darei ordem à serpente, e ela os morderá. Se forem para o cativoiro diante de seus inimigos, ali darei ordem à espada, e ela os matará; porei os olhos sobre eles, para o mal e não para o bem” (Am 9.1-4).

5 – Unidade

A unidade de Deus pode ser definida desta forma: Deus não está dividido em partes; porém percebemos atributos diversos de Deus enfatizados em momentos diferentes. Esse atributo de Deus é também denominado simplicidade, onde simples significa “não complexo” ou “não composto de partes”.

Quando a Bíblia fala dos atributos de Deus, nunca ressalta um deles como mais importante que os restantes. Todo atributo é completamente verdadeiro acerca de Deus, e verdadeiro acerca de todo o caráter divino. Quando João afirma que “Deus é luz” (1º Jo 1.5) e depois, um pouco adiante, diz que “Deus é amor” (1º Jo 4.8), não significa com isso que uma parte de Deus é luz e outra parte é amor, que Ele é mais luz que amor, ou mais amor que luz. Na verdade, o próprio Deus é luz e o próprio Deus é também amor. Isto é válido para todas as outras descrições do caráter de Deus, a exemplo de Êxodo 34.6-7:

“E, passando o Senhor por diante dele, clamou: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração!”

É importantíssimo lembrar que todo o ser divino compreende a totalidade dos seus atributos: ele é inteiramente amoroso, inteiramente misericordioso, inteiramente justo e assim por diante. Cada atributo de Deus que encontramos nas Escrituras é verdadeiro com respeito a todo o ser divino. Deus em si é uma unidade, uma pessoa integral, unificada e completamente integrada, infinitamente perfeita em todos esses atributos.

6 – Onisciência

A onisciência pode ser definida assim: Deus conhece a si mesmo e a todas as coisas reais e possíveis num ato simples e eterno. A essa qualidade de tudo conhecer, chamamos onisciência.

A declaração acima afirma que Deus conhece o seu próprio ser, infinito e eterno, de forma plena:

“Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus” (1º Co 2:10-11).

A onisciência divina é também o conhecimento de todas as coisas reais e possíveis. As coisas reais são aquelas que existem e acontecem no universo. As coisas possíveis incluem aquelas que não aconteceram, mas que poderiam vir a ser pela vontade de Deus:

“E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4:13).

“SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra não me chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda (Sl 139:1-4).

7 – Onipotência

A onipotência é o atributo de Deus que lhe permite fazer tudo o que for da Sua vontade. Esse atributo é um dos que mais aparece nas Escrituras. A Bíblia está cheia de referências ao poder e majestade de Deus. Um dos nomes de Deus no Antigo Testamento é “El-Shadai”, o Todo-poderoso (Gn 17:21). Paulo afirma que Deus é “poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos” (Ef 3:20). Isto significa que o poder de Deus é infinito, e que ele não está limitado ao que já fez. Ele é capaz de fazer mais do que faz, pois “para Deus tudo é possível” (Mt 19:26).

O exercício de Seu poder sobre a criação é também chamado de soberania. A soberania de Deus é o exercício do Seu governo sobre todas as coisas criadas.

c) Atributos morais de Deus

1 - Bondade:

A bondade de Deus significa que é o padrão determinante do que é bom. Tudo o que Deus faz é bom e digno de aprovação. Ao jovem rico, que confiava em seus próprios méritos de bondade, Jesus declarou que “ninguém é bom, senão um, que é Deus” (Lc 18:19). No livro dos Salmos encontramos diversas vezes a afirmação que Deus é bom (Sl 106:1; 100:5; 107:1 34:8).

A Bíblia afirma também que Deus é a fonte de tudo que é bom no mundo:

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17).

“O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9).

Além disso, a Palavra também revela que todos os propósitos de Deus são bons, pois a sua vontade é boa, perfeita e agradável (Rm 12:2) e que todas as coisas cooperam para o nosso bem (Rm 8:32).

2 – Amor

Ao dizermos que o amor é um dos atributos de Deus, afirmamos que Ele se doa eternamente aos outros. Deus busca o bem supremo dos seres humanos, pagando um preço infinito. João afirma categoricamente que “Deus é amor” (1º Jo 4:8). Essa auto-doação de Deus encontra clara manifestação no relacionamento dEle com a humanidade. Deus nos criou, nos sustenta e redime baseado nesse amor:

“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5:8).

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

O ato de entrega do seu próprio Filho é o ápice da demonstração do amor e está acima da nossa capacidade de compreensão.

3 – Misericórdia, graça e paciência

Aspectos da bondade divina que podem ser vistos como casos especiais da aplicação dessa mesma bondade:

Misericórdia é a bondade divina demonstrada para com os aflitos e angustiados:

“O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno” (Sl 103:8).

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus” (2º Co 1:3).

Graça é a bondade de Deus para com aqueles que merecem apenas a punição. Essa graça nunca é obrigatória ou baseada em nossos méritos, mas é um ato voluntário da parte de Deus.

“pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:23-24)

“e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef. 2:5-8).

Paciência é a bondade divina ao reter a sua ira e sustar o castigo daqueles que persistem no pecado. A paciência divina é também chamada de longanimidade. A Bíblia frequentemente chama Deus de “longânimo” (Êx 34:6; Nm 14:18; Sl 86:15; Jn 4:2). O apóstolo Paulo fala na “bondade, tolerância e longanimidade” de Deus (Rm 2:4) reveladas em Cristo Jesus.

4 – Santidade

Deus é justo, perfeito e separado de todo pecado e mal. A palavra santo vem de uma raiz hebraica que significa **separado**. Deus é denominado Santíssimo e também “Santo de Israel” (Sl 71:22; Is 1:4). Os serafins ao redor do trono de Deus não param de clamar: “santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória” (Is 6:3).

A santidade de Deus é o padrão que todos os seus servos devem imitar. O senhor ordena: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou

santo” (Lv 19:2). Nós, povo da Nova Aliança, somos chamados para sermos santos e assim glorificarmos a Deus:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1º Pe 2:9).

5 - Justiça

Quando falamos na justiça como um atributo divino, dizemos que Deus sempre age segundo o que é justo, sendo Ele mesmo o padrão definitivo da justiça. Moisés declara a respeito de Deus:

“Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto” (Dt 32:4)

Em última análise, a justiça consiste em dar a cada um o que lhe é devido. Dentro do governo de Deus os homens são considerados seres morais responsáveis por seus atos. Devido à cegueira causada pelo pecado, os homens tentam fugir desse governo colocando-se assim debaixo da ira de Deus. A justiça de Deus é o atributo que infunde pavor nos homens, os quais, no fundo de suas almas, sabem que deverão dar contas de seus atos a um Deus justo.

Para o cristão, a justiça de Deus deve ser motivo de regozijo, pela certeza de que existe um Deus justo que é galardoador daqueles que o temem (Hebreus 11.6).

6 - Fidelidade

A fidelidade divina implica que Deus é verdadeiro. Todas as suas palavras e atos são verdadeiros e ao mesmo tempo Deus é fiel e verdadeiro. Ele mantém as suas promessas e cumpre cabalmente a sua palavra:

“Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá? (Nm 23:19).

Na verdade, o cerne da verdadeira fé é crer absolutamente na palavra de Deus e confiar que Ele fará aquilo que propôs, pois Jesus declarou: **“a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17).**

VI – OS NOMES DE DEUS

Os nomes bíblicos de pessoas e lugares são em geral muito significativos. Muitas vezes, na Bíblia um nome é também a descrição do caráter do seu possuidor. Num sentido geral, o “nome” de Deus se iguala a tudo o que a Bíblia e a criação nos dizem sobre Ele. Entender o significado dos

nomes de Deus ajuda-nos a entender mais do seu caráter e modo de agir na história da Revelação.

a) Os nomes de Deus no Antigo Testamento

1 – El e Elohim

El é a forma singular de Elohim. Aparece frequentemente em palavras compostas como “Betel” e “Peniel”, ou em combinação com outros nomes. Esses dois nomes, em geral, salientam o fato de Deus ser um ser exaltado, poderoso, que se revela através de atos de poder, devendo por isso ser adorado e temido. A forma plural Elohim é devida ao chamado plural de majestade, já que, quando designa o Deus verdadeiro, o verbo aparece no singular.

As principais formas compostas são: El Shadai (Deus Todo Poderoso): Gn 17:1; El Elion (Deus Altíssimo): Dt 32:18; El Olam (Deus Eterno): Gn 21:33.

2 – Javé

Ao contrário do nome genérico Elohim, Javé é o nome pessoal do Deus de Israel. É às vezes traduzido Jeová ou SENHOR em nossas bíblias. Este é o nome mais distinto de Deus. Neste nome Ele revela o aspecto mais íntimo do ser divino, isto é, que Ele é um Deus da graça. A pronúncia Javé ou Jeová é recente e trata-se da vocalização do tetragrama IHVH, forma arcaica do verbo ser, com as vogais da palavra Adonai. Baseia-se na revelação de Deus no Êxodo 3:14:

“Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros”.

As principais formas compostas desse nome são:

- (1) Jeová-Jiré (o Senhor Proverá): Gn 15:26
- (2) Jeová-Rafa (o Senhor que te sara): Êx 15:26
- (3) Jeová-Nissi (o Senhor é a minha bandeira): Êx 17:8-15
- (4) Jeová-Shalom (o Senhor é paz): Jz 6:24
- (5) Jeová-Raah (o Senhor é o meu pastor): Sl 23:1
- (6) Jeová-Tsidkenu (o Senhor é a nossa justiça): Jr 23:6
- (7) Jeová-Shamah (o Senhor está aqui): Êx 48:35
- (8) Jeová-Sabaoth (o Senhor dos exércitos): 1º Sm 1:3, 11

3 – Adonai

Nome que aparece muitas vezes no Antigo Testamento e exprime a idéia de soberania, domínio e possessão. A idéia principal do vocábulo “Adon” e “Adonai” é Senhor ou Meu Senhor, podendo ser aplicado tanto para Deus como para o homem. Com relação ao homem, usava-se para designar as relações de senhor e de marido.

b) Os nomes de Deus no Novo Testamento

1 – Theos

Traduzido por Deus. Muitas vezes aparece com um pronome possessivo: meu Deus, nosso Deus, teu Deus. A idéia de um Deus meramente nacional no Antigo Testamento cedeu lugar a de um Deus pessoal na Nova Aliança.

2 - Kúrios

Traduzido por Senhor. No Novo Testamento é um nome aplicado tanto a Deus como a Cristo, indicando sua divindade. Traduz também as palavras Javé e Adonai do Antigo Testamento.

3 – Pater

Traduzido por Pai. É um título que aparece quase que exclusivamente no Novo Testamento, e demonstra a nossa relação filial com Deus, a ponto de podermos chamá-lo “Abba Pai” (Rm 8:15; Gl 4:6).

VII – A TRINDADE

a) Introdução

A palavra trindade não aparece na Bíblia. Foi usada pela primeira vez por Tertuliano em 220 a.D. Este é um dos motivos pelos quais a doutrina tem sido atacada ao longo da história da Igreja. A doutrina da trindade é uma das mais importantes da fé cristã. Estudá-la não é fácil, pois exige fé acima da razão. Embora nossa mente finita não consiga compreender esse mistério, pela fé a aceitamos conforme revelada na Palavra.

Podemos definir a doutrina da trindade da seguinte forma: Deus existe eternamente como três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada pessoa é plenamente Deus, e existe só um Deus.

b) A trindade revelada no Antigo e no Novo Testamento

O ensino sobre a trindade não é explícito no Antigo Testamento, mas ninguém pode negar que ele aparece implicitamente. A razão para não ser claramente revelada no A.T. era inculcar na mente do povo de Israel a doutrina da unidade de Deus e a adoração ao Deus único. Por outro lado, sua revelação ainda não era necessária, visto que o plano da salvação eterna ainda não havia sido manifestado plenamente. Vejamos algumas passagens que mostram a pluralidade das pessoas de Deus no A. T.:

“No princípio, criou Deus (Elohim – plural) os céus e a terra. (Gn 1:1)

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1:26).

“Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal: assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente” (Gn 3:22).

“Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro” (Gn 11:7).

“O SENHOR te abençoe e te guarde;

o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti;

o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz” (Nm 6:24-27)
(fórmula trinitária).

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6:3).

c) As provas da trindade no Novo Testamento

No Novo Testamento a trindade aparece explicitamente. Nela a filiação do Logos eterno e o ministério do Espírito Santo surgem com maior clareza, lançando luz sobre a natureza triúna de Deus. Vemos a trindade em muitas ocasiões;

(1) O nascimento de Jesus (Lc 1:35)

(2) O batismo de Jesus (Lc 3:21, 22)

(3) A Grande Comissão (Mt 28:19)

(4) A introdução das cartas de Paulo (Rm 1:1-7; 1º Co 1:1-3)

(5) A bênção apostólica (2º Co 13:13)

(6) Os atributos divinos do Filho e do Espírito Santo (Ap 22:13; Hb 9:14; 2º Co 12:9; 1º Co 2:11; Mt 18:20; Sl 139:7; At 3:4).

d) Declarações trinitárias

1 – Deus é três pessoas

O fato de Deus ser três pessoas significa que as pessoas não se confundem, permanecendo totalmente distintas uma da outra. O Pai não é o Filho: o Filho é distinto do Espírito Santo, que não se confunde com o Pai.

2 – Cada pessoa é plenamente Deus

Além de serem completamente distintas, cada pessoa da trindade é plenamente Deus. O Pai é Deus, o Filho é plenamente Deus, com todos os atributos da divindade, assim como o Espírito Santo também os possui de igual modo.

3 – Só há um Deus

As Escrituras deixam claro que só há um Deus (Dt 6:4-5). A doutrina da trindade não entra em confronto com esse ensino, pois não são três deuses, mas apenas um único e soberano Deus subsistindo em três pessoas distintas.

e) Concepções errôneas acerca da trindade

Ao longo da história do cristianismo, muitas heresias e incompreensões surgiram a respeito da trindade.

1 – Modalismo

O modalismo, ou monarquianismo, ensinava que Deus era apenas uma pessoa representando três papéis diferentes, isto é, agindo ora como o Pai, ora como o Filho, ora como o Espírito Santo. Esse conceito não encontra base bíblica. Ao despersonalizar Deus, acaba por gerar heresias como o patripassionismo, que ensina que, na verdade, quem sofreu na cruz foi o Pai. Sua forma moderna é o unitarismo.

2 – Subordinacionismo

Essa doutrina, defendida por Ário no quarto século, ensinava que apenas o Pai é eterno. O Filho seria apenas uma criatura exaltada, mas

subordinada ao Pai, sem participar da essência divina. O Espírito Santo seria uma emanção do Pai, não possuindo personalidade. Esse ensino conflita com farto testemunho bíblico acerca da divindade, tanto de Cristo, como do Espírito Santo. Atualmente a seita dos Testemunhas de Jeová sustenta essa doutrina.

3 – Triteísmo

O triteísmo tenta explicar a doutrina da trindade negando a unidade de Deus. Afirma que, na verdade, são três deuses, o que não passa de uma forma de politeísmo evidentemente contrário a todo ensino bíblico sobre Deus.

f) As diferentes funções das pessoas da trindade

Embora iguais em atributos e dignidade, as pessoas da trindade têm funções primordiais diferentes. Essas distinções acham-se relacionadas entre si, e em relação ao mundo.

1 – As relações entre as pessoas da trindade

A característica pessoal do Filho é que ele é eternamente gerado pelo Pai. Este é seu predicado comunicável. A palavra gerar, quando aplicada à divindade, não exprime um início criado, mas um modo de existir. Isto significa dizer que, embora gerado pelo Pai, o Filho é tão eterno quanto Ele. Essa geração não implica em inferioridade por parte do Filho (Jo 1:1-2, 14,18; 3:18; Cl 1:15-16; Jo 17:15).

A característica pessoal do Espírito Santo é que ele procede eternamente do Pai e do Filho. Por esse ato, o Pai e o Filho não chamam o Espírito à existência, mas se tornam a causa de sua subsistência pessoal (Jo 14:26; 16:7; 15:26).

2 – Os trabalhos das três pessoas da trindade

Quando as Escrituras enfocam o modo como Deus se relaciona com o mundo, afirmam que as pessoas da trindade têm diferentes funções. A isto chamamos *economia divina*, no sentido de ordenamento de atividades.

Deus, o Pai, é a origem ou fonte da deidade. Dele provém todas as coisas. Ele planejou a redenção e enviou Seu filho ao mundo (Jo 3:16; Gl 4:4; Ef 1:9-10).

Ao Filho pertence o princípio da revelação, quer na criação, quer na redenção (Jo 1:18). Tudo foi feito por Ele e para Ele. Por isso Ele é chamado Verbo de Deus (Jo 1:1). Ao Filho cabe realizar a nossa redenção, em amor e obediência ao Pai (Jo 6:38; Hb 10:5-7).

Pertence ao Espírito Santo o trabalho de levar à consumação a obra de redenção, regenerando-nos, santificando-nos e dando-nos força para o serviço (Jo 3:5-8; Rm 8:13; At 1:8).

VIII – DECLARAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA SOBRE A PESSOA DE DEUS

O único Deus Vivo e verdadeiro é Espírito pessoal, eterno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente e onipresente; é perfeito em santidade, justiça, verdade e amor (1). Ele é criador, sustentador, redentor, juiz e senhor da história e do universo, que governa pelo seu poder, dispondo de todas as coisas de acordo com seu eterno propósito e graça (2). Deus é infinito em santidade e em todas as demais perfeições (3). Por isso, a Ele devemos todo o amor, culto e obediência (4). Em sua trindade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas, mas sem divisão em sua essência (5).

(1) Dt 6:4; Jr 10:1; 1º Tm 2:5-6

(2) Gn 1:1; 17:1; Êx 15:11-18; At 17:24-26

(3) Is 6:2,5,7; Jó 34:10

(4) Mt 22:37; Jo 4:23,24; 1º Pe 1:1, 5, 16

(5) Mt 28:19; Mc 1:9-11; Jo 5:7; Rm 15:30; Fp 3:3

3. A DOCTRINA DO HOMEM COM RELAÇÃO A DEUS

I – INTRODUÇÃO

Após termos tratado sobre a revelação de Deus (A Bíblia) e a pessoa de Deus, sua natureza, atributos e declarações de fé, vamos agora estudar o que as Escrituras Sagradas nos ensinam a respeito da principal criação de Deus, que não são os anjos, nem qualquer outra criatura celestial, mas o homem. Foi por causa deste homem e em prol dele, e não de seres angélicos, que Deus mesmo se fez homem, viveu como homem, sofreu e morreu pelos homens para ser propício a este homem. Com efeito, é grande o mistério que encerra este amor, supremo conselho de Deus, que resolveu e que deliberou fazer da raça humana objeto sublime do Seu amor.

Neste capítulo estaremos efetuando uma transição natural, da Teologia pura para a Antropologia, ou melhor, para a Antropologia teológica também chamada de *teantropologia*, que é a Doutrina do Homem com Relação a Deus.

Não se deve confundir a *Teantropologia* com a **Antropologia Geral** (Ciência da humanidade) que é o estudo dos seres humanos de uma perspectiva biológica, social e humanista. Esta ciência divide-se geralmente em dois grandes campos: a antropologia física, que trata da evolução biológica e a adaptação fisiológica dos seres humanos, e a antropologia social ou cultural, que se ocupa das formas em que as pessoas vivem em sociedade, ou seja, as formas de evolução de sua língua, cultura e costumes.

A *teantropologia* ocupa-se unicamente com o que a Bíblia diz a respeito do homem e a relação em que ele está e deve estar com Deus. Ela só reconhece a Escritura como a sua fonte legítima, e examina os ensinamentos da experiência humana à luz da Palavra de Deus.

No estudo da Doutrina do Homem, vamos estudar, à luz das Sagradas Escrituras, sua **Origem**, discorrendo ainda sobre aspectos do **criacionismo** e do **evolucionismo**; estudaremos sua **Natureza**, passando pelas explicações da *dicotomia e tricotomia* e sobre a **Imagem de Deus**. Por estarem intimamente relacionadas, trataremos da Doutrina do Pecado como um sub-capítulo da Doutrina do homem, sob o tópico: **O Homem no Estado de Pecado**. Dentro desse tópico, veremos *A Origem do Pecado*, suas implicações, e os sub-tópicos: *Dados bíblicos da origem do pecado e A Idéia bíblica de pecado*.

II – A ORIGEM DO HOMEM

Quanto à origem do homem, pode-se destacar como relevantes, dentre outros, alguns aspectos que serão enumerados.

Destes aspectos decorrem naturalmente as explicações das origens **Criacionista** ou **Evolucionista**. Essas correntes são mutuamente excludentes, não se coadunam, pelo contrário, se crermos na explicação criacionista, então temos base bíblica para sustentar que:

- A criação do homem foi precedida por um solene conselho divino (vontade de Deus) (Gn 1.26);
- A criação do homem foi um ato de Deus, não mediato (com etapas), mas imediato. (Gn 2.7);
- O homem foi criado, diferentemente das outras criaturas, conforme um tipo divino (Gn 1.27);
- O homem foi criado com dois elementos humanos distintos (distinção entre a natureza do corpo e da alma). Na parte do corpo, Deus o cria a partir de material pré-existente, mas, quanto à alma, “Jeová lhe sopra nas narinas o fôlego da vida”;
- O homem possui primazia e é colocado por Deus numa posição exaltada. Ele é descrito como quem está no ápice de todas as ordens criadas. Foi “...de honra e de glória coroados” (Sl 8.4-9). Recebeu autoridade sobre toda a terra e para reinar sobre todos os outros seres (Gn 1.28). Possui consciência crítica e capacidade criadora como nenhuma outra criatura.

Contrariamente, se considerarmos o ponto de vista **evolucionista naturalista** (que é equivocado), então teríamos a negação das cinco assertivas teológico-criacionistas já citadas. Ou seja, como no naturalismo a intervenção divina é descartada, então, conseqüentemente: a) a criação do homem não partiu de uma deliberação divina; b) nem foi um ato imediato de Deus; c) muito menos o homem foi feito distinto das outras criaturas inferiores; d) não há distinção entre o corpo e a alma do homem em relação aos outros animais; e) sua primazia é meramente um acidente evolutivo pelo fato de o homem possuir alguns órgãos mais desenvolvidos que outros animais, como o hipotálamo e outros campos do cérebro. Mesmo dentro de uma proposta *evolucionista teísta*, todas as colocações criacionistas seriam igualmente negadas.

Não há espaço aqui para tratarmos, de modo aprofundado, o *criacionismo versus o evolucionismo*, porém discorreremos resumidamente sobre cada uma das duas vertentes de explicação sobre o começo da vida.

a) Criacionismo bíblico é a teoria, ou proposta, que explica a existência do cosmos, da vida e do homem a partir da ação do Deus Criador.

Para os criacionistas bíblicos, a criação de todas as coisas foi um ato deliberativo de Deus, planejado na sua eterna sabedoria e executado cabalmente nos mínimos detalhes. As espécies não evoluíram, ainda que admita-se, acertadamente, a capacidade de adaptação e mobilidade de espécies dentro de um mesmo gênero. No entanto, não há transição entre gêneros, uma vez que estes foram criados prontos e acabados. Traduzindo em miúdos: o gênero humano sempre existiu como é hoje, ainda que haja homens baixinhos como os pigmeus africanos e gigantes como os nórdicos, mas todos são homens. Desta forma, o gênero *Humano* não muda, nunca mudou. O gênero *canis* (dos cães) nunca deixou de ser canino, nem veio de um ancestral, nem caminha noutra direção. A genética é gênero-específica, não permitindo que cruzamentos entre gêneros diversos tenha continuidade. Ao contrário do que perpassa o senso comum, por sua vez mal informado, o criacionismo coleciona evidências científicas abundantes que apontam na sua direção e desmentem a Teoria da Evolução. Dentre as provas a favor do criacionismo, podemos citar:

1 – A Segunda Lei da Termodinâmica. Estabelece que o que é quente tende naturalmente a se esfriar, e o que é organizado tende igualmente a se desorganizar. O universo, na sua totalidade, está se desorganizando! Por isso que um veículo, mesmo guardado, sem ninguém usá-lo, ainda assim envelhece e se acaba. Por esse motivo, os seres vivos envelhecem e morrem. Naturalmente, o que se estabelece é o caos. Ora, se isto é assim, então como podem ter surgido sistemas organizados no universo sem uma intervenção, sem a ação de uma inteligência organizadora? Acreditar na evolução é andar na contra mão da física. É acreditar no inverso do que a segunda Lei da Termodinâmica estabelece. É dizer que o que está desorganizado se organiza, e de uma maneira tal, numa sucessividade de eventos fortuitos, que é capaz de gerar as miríades de seres vivos e até mesmo o mais complexo sistema conhecido - a inteligência humana.

2 – A Biogênese. Segundo essa LEI, provada, vida só nasce de vida, e para isto não se conhece nenhuma exceção. A descoberta desse princípio biológico representou historicamente um avanço na ciência, ao mesmo tempo que desmascarou a falsa, antiquada e insistente idéia da Geração Espontânea que é a mãe da Teoria da Evolução.

b) O Evolucionismo. A corrente que tomou maior proeminência foi defendida por **Charles Robert Darwin**, (1809-1882), cientista britânico, que criou as bases da moderna Teoria da Evolução, ao apresentar o conceito de que todas as formas de vida se desenvolveram em um lento processo de seleção natural. Seu trabalho teve uma influência decisiva sobre as diferentes disciplinas científicas e sobre o pensamento moderno em geral.

Depois de graduar-se em Cambridge, em 1831, o jovem Darwin embarcou, aos 22 anos, no navio de reconhecimento *HMS Beagle*, como

naturalista, sem remuneração, para empreender uma expedição científica ao redor do mundo.

Ao regressar à Inglaterra, em 1836, começou a compilar suas idéias sobre a evolução dos organismos. A teoria completa de Darwin foi publicada em 1859, com o título *A origem das espécies por meio da seleção natural*. Este livro, que ficou mais conhecido apenas como *A origem das espécies*, e do qual se disse que “causou uma comoção no mundo”, esgotou-se no primeiro dia de sua publicação e foram feitas seis edições sucessivas.

Em essência, a teoria sustenta que os membros jovens das diferentes espécies competem intensamente pela sobrevivência. Os que sobrevivem, e darão origem à geração seguinte, tendem a incorporar modificações naturais favoráveis, que se transmitem por meio da hereditariedade. Em conseqüência, cada geração será melhor, em termos adaptativos, em relação às anteriores. Este processo gradual e contínuo é a causa da evolução das espécies.

Durante a viagem do *Beagle*, Darwin esteve inclusive em várias cidades brasileiras, como Salvador, onde desembarcou em 29 de fevereiro de 1832, depois de uma parada em Fernando de Noronha. De 4 de abril a 5 de julho, visitou o Rio de Janeiro e localidades próximas.

Mais tarde outros empreenderam a defesa das idéias de Darwin, acreditando que as evidências fósseis iriam surgir aos montões dando sustentação às gradativas modificações das espécies. **O próprio Darwin, próximo de sua morte, disse que a falta de evidências fósseis constituía-se um grande problema à sua teoria.** Até o presente momento, não obstante a multidão de escavações paleontológicas, nunca foram encontradas as formas intermediárias das espécies, como requer a lógica, para que haja suporte para a Teoria da Evolução.

III – A NATUREZA DO HOMEM

Os três últimos argumentos característicos do ser humano, tratados no item *II – A Origem do Homem*, a saber, a distinção em relação às outras criaturas; a dualidade da natureza humana – material e espiritual; e a posição exaltada que o homem detém frente aos outros seres, existem em virtude da natureza com que Deus criou o ser humano.

a) Os elementos constitutivos da natureza humana

É consenso entre os cristãos que o homem é composto de uma parte material (corpo) e uma parte espiritual (alma/ ou alma e espírito). Todavia, com relação à parte espiritual do homem, há duas correntes diferentes. São elas: a *dicotomia* e a *tricotomia*. Vejamos o que diz cada uma delas:

1 - Dicotomia

Os dicotomistas sustentam que o homem é constituído de duas, e somente duas, partes distintas, a saber: corpo e alma. Para eles, a exposição geral da natureza do homem nas Escrituras é dicotômica. A palavra espírito, referindo-se a espírito humano, é, assim, sinônimo de alma. É importante salientar que, embora o homem possua uma parte física e outra espiritual, a Bíblia nos ensina a vê-lo como uma unidade. Isso é válido também para o pensamento *tricotomista*. Embora reconhecendo a complexa natureza humana, a Bíblia nunca expõe o homem redundando num duplo ou num triplo sujeito. Cada ato do homem é visto como um ato todo, não é a alma, e sim o homem que peca; não é o corpo, e sim o homem que está morto em seus delitos e pecados (Ef. 2.1). Do mesmo modo, não é meramente a alma ou o espírito, mas o homem todo que é redimido.

2 - Tricotomia

Os tricotomistas, diferentemente dos *dicotomistas*, sustentam que o homem é constituído de uma parte física e de uma parte espiritual, mas esta parte espiritual se divide em duas (alma e espírito). Estes dois elementos estariam intimamente ligados, porém distintos. Seria como se o espírito fosse o núcleo da alma. A alma estaria ligada às emoções e à vontade, enquanto que o espírito estaria relacionado com a dimensão espiritual propriamente dita (transcendência) sendo assim responsável por atribuições mais elevadas como a adoração e a comunicação íntima com Deus.

Argumentos e textos bíblicos favoráveis à TRICOTOMIA:

- Os textos bíblicos mais usados para expressar esta posição são 1º Ts 5.23 e Hb 4.12 e Mt 22.37;
- Fundamenta-se ainda na etimologia da palavra alma e espírito em hebraico e em grego. Alma (hebraico, *nephesh*: grego, *psyque*) e espírito (hebraico, *ruah*: grego, *pneuma*). **Obs.: Nós cremos na tricotomia.**

b) O homem como a imagem de Deus

A idéia ou conceito bíblico da Imagem de Deus, ao contrário do que parece, não é trivial. Como termo, a expressão Imagem de Deus é bastante conhecida de todos, e traços desta verdade acham-se até na literatura pagã. O Apóstolo Paulo assinalou em At 17.28 que poetas atenienses referiram-se à humanidade como geração de Deus. Conceitos outros são ventilados por toda parte e ao longo da história da igreja, desde aquele mais intuitivo, que tende a transparecer que nós somos corporalmente parecidos com Deus, até outros mais razoáveis que tendem a melhor se aproximar da realidade. Passagens

bíblicas que narram sobre a mão de Deus, Seu braço estendido, a terra como escabelo dos seus pés, parecem sustentar a primeira idéia. Estas, na verdade, são figuras que visam transmitir uma mensagem compreensível aos homens. Deus é Espírito, sua Imagem no homem transcende a noção de ser, no sentido corpóreo, parecido com Ele.

Os primeiros “pais da igreja” concordavam plenamente que a Imagem de Deus consistia, primordialmente, nas características racionais e morais do homem. Concebia-se, ainda, que a imagem incluía, além da razão e da moral, a liberdade. Calvino expressou que a imagem de Deus abrange tudo aquilo em que a natureza do homem sobrepuja a de todas as outras espécies de animais. Acreditamos, particularmente, que é razoável compreender que a imagem de Deus está também relacionada com os Seus atributos comunicáveis, tais como: a bondade, o amor, a misericórdia, a santidade, a justiça, a fidelidade, entre outros. Outros aspectos da Imagem de Deus podem ser observados nas múltiplas inteligências e capacidades, somente encontradas no gênero humano. (A criatividade, o senso crítico, o senso estético, o senso artístico e a consciência, dentre outros). Esse conjunto singular de capacidades expressa o que, mesmo depois da Queda, permanece como aspectos da Imagem e Semelhança de Deus no Homem.

IV – O HOMEM NO ESTADO DE PECADO

a) A origem do Pecado

O problema do mal que há no mundo sempre foi considerado um dos mais profundos problemas da Filosofia e da Teologia. É um problema que se impõe naturalmente à atenção humana, visto que o poder do mal é forte e universal, é uma doença sempre presente na vida, em todas as manifestações desta, e é matéria de experiência diária na vida de todos os homens. Os filósofos foram constrangidos a encarar o problema e a procurar uma resposta quanto à origem do mal, e, particularmente, do mal moral que há no mundo. A alguns pareceu uma parte de tal modo integrante da vida, que buscaram a solução na constituição natural das coisas. Outros, porém, estão convictos que o mal teve uma origem voluntária, isto é, que se originou na livre escolha do homem, quer na existência atual, quer numa existência anterior. Estes acham-se bem mais próximos da verdade revelada na Palavra de Deus.

b) Dados bíblicos sobre a origem do Pecado

Na Escritura, o mal moral existente no mundo transpõe claramente como pecado, isto é, como transgressão da lei de Deus. Nela, o homem sempre aparece como transgressor por natureza, e surge naturalmente a

questão: Como adquiriu ele essa natureza? O Que revela a bíblia sobre esse ponto?

1 – Não se pode considerar Deus como autor: Soberanamente, o decreto eterno de Deus deu certeza da entrada do pecado no mundo, mas não se pode interpretar isso de modo que se faça de Deus a causa do pecado no sentido de ser Ele o seu autor responsável. Essa idéia é claramente excluída pela Escritura (Jó 34.10, Is 6.3; Dt 32.4; Sl 92.16; Tg 1.13).

2 – O Pecado originou-se no mundo angélico: A Bíblia nos ensina que, ao investigarmos a origem do pecado, devemos retornar ao capítulo 3 de Gênesis e fixar a atenção em algo que aconteceu no mundo angélico. Assim, o pecado é introduzido no mundo por ação e influência direta de um anjo caído. O pecado primordial foi executado no céu por um ser angelical que levou consigo muitos outros.

3 – A origem do Pecado na raça humana: A transgressão de Adão foi a responsável direta pela origem do pecado na raça humana, como um ato voluntário do principal representante da raça humana. Por esse pecado, Adão, Eva e toda sua descendência tornaram-se escravos do pecado. Estabeleceu-se então uma corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, traz não somente sobre as gerações imediatas de Adão, mas sobre toda a humanidade, a maldição do pecado. Como resultado da Queda, o pai da raça só pôde transmitir uma natureza depravada aos descendentes.

V – A IDÉIA BÍBLICA DE PECADO

a) O Pecado é o Mal numa categoria específica

Hoje em dia ouve-se falar muito do mal e relativamente pouco de pecado, e isto é muito enganoso. Nem todo mal é pecado. Não se deve confundir o pecado com o mal físico, com o que é danoso ou calamitoso. Pode-se falar tanto de pecado quanto de doença como um mal, não havendo necessariamente relação direta de um com o outro. O mal pode ser aplicado nos dois sentidos, que são totalmente diversos. O pecado é um mal moral. Fundamentalmente, pecado não é uma coisa passiva, como uma fraqueza, um defeito ou uma imperfeição pela qual não podemos ser responsabilizados, mas uma ativa oposição a Deus, e uma positiva transgressão da Sua lei, constituindo culpa.

b) O Pecado tem caráter absoluto

Na esfera ética, o contraste entre o bem e o mal é absoluto. Não há condição neutra entre ambos. Apesar de, indubitavelmente, haver graus nos

dois, não há graduação entre o bem e o mal. A transição de um para o outro não é de caráter quantitativo, e, sim, qualitativo. Um ser moral bom não se torna mau por uma simples diminuição de sua bondade, mas somente por uma mudança radical, por um volver para o pecado. O pecado não é um grau menor de bondade, mas um mal positivo. A bíblia nos ensina isto. Quem não ama a Deus é, por isso, caracterizado como mau. A Escritura não reconhece nenhuma posição de neutralidade. Ela convida o ímpio a voltar-se para a retidão e, às vezes, fala do justo como caindo no mal; o homem está do lado certo ou do lado errado. (Mt 10.32, 33; 12.30; Lc 11.23; Tg 2.10).

c) O Pecado sempre tem relação com Deus e sua vontade

Os mais antigos teólogos compreenderam que é impossível ter uma correta concepção do pecado sem vê-lo em relação a Deus e Sua Vontade. Portanto, acentuavam o aspecto e falavam do pecado como “falta de conformidade com a lei de Deus”. Mas qual é o conteúdo da lei? Ao responder a questão, poderíamos determinar o pecado num sentido material. A exigência da lei é o amor de Deus. Então, o oposto é, sim, o pecado. A separação de Deus, o ódio a Deus e a oposição a Deus se manifestam em constante transgressão da lei de Deus, em palavras, pensamentos e ações, (Rm 1.32; 2.12-14; 4.15; Tg 2.9; 1º Jo 3.4).

d) O Pecado inclui a culpa e a corrupção

A culpa é o estado de merecimento da condenação (ou de ser passível de punição) pela violação de uma lei ou de uma exigência moral. A culpa de fato não é inerente ao homem, mas relativa à lei, que lhe fixa a penalidade. Essa culpa pode ser removida pela satisfação de exigências que o indivíduo cumpre pessoalmente ou vicariamente (quando outrem cumpre por ele). Das exigências e penalidades da lei, as quais nos era impossível cumprir, Cristo cumpriu-as vicariamente por nós, justificando-nos e excluindo-nos da culpa pela transgressão da lei (Jo 14.4; Jr 17.9; Mt 7.15-20).

e) O Pecado tem sua sede no coração

O pecado não reside especificamente nalguma faculdade da alma, mas no que, na psicologia da Bíblia, se chama coração, isto é, o lugar onde estão as saídas da vida. E desse centro, sua influência e operação espalham-se pelo intelecto, vontade, emoções. Em suma, a influência do pecado se espalha por todo o homem, inclusive o seu corpo. Em seu estado pecaminoso, o homem completo é objeto do desprazer de Deus, por isso mesmo, quando Deus provê remédio para o pecado, Ele planeja alcançar o homem integralmente, pois este, integralmente, é carecedor da sua graça. (Pv 4.3; Jr 17.9; Mt 15.19, 20; Lc 6.45; Hb 3.12).

f) O Pecado não consiste apenas de atos manifestos

O pecado não consiste apenas de atos patentes, mas também de hábitos pecaminosos e de uma condição pecaminosa da alma. Estes três âmbitos se inter-relacionam do seguinte modo: O estado pecaminoso é a base dos hábitos pecaminosos, e estes se manifestam em ações pecaminosas. Atos pecaminosos repetidos também podem levar a hábitos pecaminosos. As ações e disposições pecaminosas do homem devem ser atribuídas à uma natureza corrupta, que as explica. (Mt. 5.22, 28; Rm 7.7; Gl 5.17, 24).

VI – DECLARAÇÃO DA CBB SOBRE O HOMEM E O PECADO

a) HOMEM

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme a sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade (1). Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar (2). Seu espírito procede de Deus e para ele retornará (3). O Criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada (4). Criado para a glorificação de Deus (5). Seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com o seu Criador, bem como cumprir sua divina vontade (6). Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e espiritualmente, a verdade revelada, e tomar as suas decisões em matéria religiosa, sem a mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso (7).

(1) Gn 1.26-31; 18.22; 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26;

(2) Gn 2.7; 3.19; Ec 3.20; 12.7;

(3) Ec 12.7; Dn 12.2.3;

(4) Gn 1.21; 2.1; Sl 8.3-8;

(5) At 17.26-29; I Jo 1.3,6,7;

(6) Jr 9.23,24; Mq 6.8; Mt 6.33; Rm 8.38,39;

(7) Jo 1.4-13; 17.3; Ec 5.14, 17; 1º Tm 2.5; Jo 19.25,26; Jr 31.3; At 5.29.

b) PECADO

No princípio o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus (1). Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra o seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado (2). Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos somos, por natureza, pecadores e

inclinados à prática do mal (3). Todo pecado é cometido contra Deus, sua pessoa, sua vontade e sua lei (4). Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo (5). O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Cristo, filho de Deus, como Salvador pessoal (6). Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus. (7). Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo (8).

(1) Gn 2.15-17; 3.8-10; Ec 7.29;

(2) Gn 3; Rm 5.12-19; Ef 2.12; Rm 3.23;

(3) Gn 3.12; Rm 5.12; Sl 51.15; Is 53.6; Jr 17.5; Rm 1.18-27; 3.10-19; 7.14-25; Gl 3.22; Ef 2.1-3;

(4) Sl 51.4; Mt 6.14,15; Rm 8.7.22;

(5) Mt 6.14, 15; 18.21-35; 1º Co 8.12; Tg 5.16;

(6) Jo 3.36; 16.9; I Jo 5.10-12;

(7) Rm 5.12-19; 6.23; Ef 2.5; Gn 3.18; Rm 8.22;

(8) Rm 3.20, 23; Gl 3.10, 11; Ef 2.8,9;

4 – A PESSOA DE JESUS CRISTO

I – INTRODUÇÃO

O mundo não pode negar a importância de Jesus na História. Sua vida, ensinamentos e obras marcaram a face da sociedade de sua época, e sua influência tem se estendido até os dias de hoje, de modo que até mesmo aqueles que não crêem nele como Filho de Deus têm que admitir a sua existência histórica e a relevância de sua doutrina. Afinal, até nosso calendário está dividido em duas fases: antes de Cristo (a.C) e depois de Cristo (d.C).

Desde o início de seu ministério, Jesus foi “alvo de contradição” (Lc 2:34) por parte do seu povo. Os judeus não compreenderam sua mensagem e rejeitaram o messias que lhes foi enviado: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:11). Jesus demonstrou preocupação com a compreensão que seus discípulos tinham a seu respeito:

“Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Eliar; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16:13-17).

Se Jesus tinha essa preocupação, este deve ser um motivo suficiente para nós o conhecermos melhor. A maior parte das falsas doutrinas é oriunda de um conceito errado a respeito de Cristo. Saber quem é Jesus é essencial para a nossa salvação, crescimento espiritual e evangelização, pois Ele é o nosso modelo de vida.

II – JESUS É O PROMETIDO PELOS PROFETAS NO ANTIGO TESTAMENTO

A vinda de Jesus, bem como diversos detalhes acerca de sua vida e obra, foi prevista pelos profetas de Deus no Antigo Testamento:

a) O seu local de nascimento: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5:2). Cumprimento: Mt 2:1-6.

b) Ele nasceria de uma virgem: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7:14). Cumprimento: Mateus 1:18-25.

c) Ele teria o Espírito de Deus: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42:1). Cumprimento: João 1:32-34; 3:34-35.

d) Ele seria rejeitado: “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso” (Is 53:3). Cumprimento: João 1:11).

e) Sua entrada em Jerusalém foi profetizada: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9:9). Cumprimento: Mateus 21:1-9).

f) Ele seria traído: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Sl 41:9). Cumprimento: Mateus 26:14-16).

g) Sua morte foi profetizada com detalhes:

- Seu clamor a Deus (Sl 22:1 e Mt 27:46);
- A zombaria do povo (Sl 22:6-8 e Mt 27:39-43);
- As mãos e os pés trespassados (Sl 22:16 e Jo 20:25);
- Deitaram sortes sobre suas vestes (Sl 22:18 e Mt 27:35);
- A sua morte na cruz foi por causa de nossos pecados (Is 53:6 e 2º Co 5:21);
- Ao ser acusado, ficaria em silêncio (Is 53:7 e Mt 27:12-14);
- Foi contado entre os transgressores (Is 53:12).

h) Sua ressurreição foi profetizada: “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16:10) . Cumprimento: At 2:22-17.

III – OS NOMES DE JESUS

Nas Escrituras, encontramos diversos nomes e títulos aplicados à pessoa de Jesus. Alguns desses nomes necessitam de discussão especial para que nossa compreensão de sua pessoa seja mais clara, e assim possamos melhor conhecê-lo, amá-lo e glorificá-lo.

a) Jesus: O nome Jesus é derivado da palavra hebraica “yasha”, de onde vem o nome “leoshua” (Josué), que significa “Jeová é salvador” (Js 1:1 e Zc 3:1). Quando o anjo Gabriel anunciou a Maria que ela seria a mãe do Messias, disse-lhe que este seria o nome da criança (Lc 1:31). O mesmo foi dito a José, acrescentando que “...ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21).

b) Cristo: O nome “Cristo” é o equivalente grego da palavra hebraica messias (mashiyach) que significa “ungido”. A idéia da unção é de uso bem definido no Antigo Testamento. Os sacerdotes eram ungidos (Lv 4:3; 6:22), assim como os reis (1º Sm 10:1; 16:13; 1º Rs 1:39) e profetas (1º Rs 19:16). A unção incluía três elementos:

- A unção designava um ofício sagrado;
- A unção designava uma relação especial entre ungido e Deus;
- A unção simbolizava uma comunicação do Espírito Santo àquele que foi ungido.

No caso de Jesus, a sua unção está relacionada com a sua concepção (Lc 1:35) e com o momento de seu batismo, aparecendo em diversas passagens dos evangelhos (Mt 3:16; Mc 1:10; Lc 3:22). Isaías profetizou que o Messias seria aquele sobre quem estaria o Espírito do Senhor:

“ Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR” (Is 11:1-2).

“ O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de

espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo SENHOR para a sua glória” (Is 61:1-3).

c) Filho do Homem: A expressão “filho do homem” aparece em Sl 8:4 e em diversas passagens do livro de Ezequiel. Aplicado a Cristo, expressa sua completa humanidade e identificação conosco. Aponta para seu sofrimento, morte, ressurreição e vinda futura (Mt 12:40; 16:27; 19:28; Mc 13:26; Lc 9:26).

d) Filho de Deus: No Antigo Testamento, esse termo é aplicado de maneira variada: ao povo de Israel (Êx 4:22), aos anjos (Jó 1:6; 38:7), aos reis da casa de Davi (2º Sm 7:14) e às pessoas piedosas de maneira geral (Sl 29:1). É aplicado a Jesus de maneira singular, pois revela a sua divindade. Jesus é chamado de “**unigênito de Deus**”, ou seja, Ele é o filho único de Deus, gerado eternamente pelo Pai: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” (Jo 1:1-2). “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14).

e) Senhor: No Novo Testamento a palavra grega “*kurios*” é o equivalente a “*Jeová*” no Antigo Testamento, sendo traduzida como “Senhor”. Quando aplicada a Cristo, está relacionada com a sua dignidade real, seu domínio e autoridade como Deus, e seu caráter exaltado (Mt 8:2; Mt 20:33; Lc 2:11; Lc 3:4).

IV – O LADO HUMANO DE JESUS

A Bíblia é categórica ao afirmar que Jesus Cristo era homem. Ele foi em tudo semelhante a nós, exceto por não possuir pecado. Vejamos o que diz a Palavra de Deus:

a) Seu nascimento virginal: Jesus nasceu de uma mulher, como todos nós. Ele foi concebido no ventre de Maria pelo poder do Espírito Santo, sem a participação de um pai humano (Lc 1:35). Conforme Deus havia prometido, o Salvador seria a “semente da mulher” (Gn 3:15). A forma usada por Deus para trazer Jesus ao mundo atesta sua humanidade, mas também mostra que Deus é o único autor da redenção do homem (Gl 4:4-5).

b) Jesus possuía um corpo humano: Ele possuía um corpo sujeito às mesmas limitações que o nosso:

- Ele nasceu como um bebê (Lc 2:7);
- Ele cresceu até atingir a idade adulta (Lc 2:52);
- Ele sentiu fome e sede como todos os outros (Mt 4:2; Jo 19:28);

- Ele sentiu cansaço como qualquer ser humano (Jo 4:6; Mt 8:23).

c) Jesus possuía alma e emoções humanas: Os sentimentos de Jesus eram como os nossos:

- Ele sentiu profundo pesar diante da morte de um amigo, tendo inclusive chorado (Jo 11:34-36);
- Ele se compadeceu do sofrimento alheio (Mt 9:35-36);
- Ele sentiu indignação diante da incredulidade humana (Mc 3:5);
- Ele sentiu profunda tristeza e medo ante a proximidade da morte (Mc 14:33-34).

d) Como homem, Ele foi tentando, mas não pecou: Quando estava no deserto, Jesus foi tentado pelo Diabo, mas foi vitorioso. Cabe ressaltar que Jesus não usou seu próprio poder para atenuar as tentações, mas superou-as como homem perfeito que era, pois se Ele não tivesse sido tentado como homem, as mesmas não teriam sido válidas (Mt 4:1-11). A Bíblia mostra que Jesus não foi tentado apenas naquela ocasião, mas teve que enfrentar as artimanhas de Satanás em muitas ocasiões (Mt 16:21-23). O fato de Jesus ter sido tentado, mas jamais ter pecado, o habilita como nosso Sumo Sacerdote e intercessor:

“Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”. (Hb 4:14-15).

e) Por que era necessário que Cristo fosse plenamente humano?

- Para ser nosso representante diante de Deus e obedecê-lo de modo perfeito em nosso lugar (Rm 5:18-19);
- Para ser um sacrifício substitutivo. Se Jesus não tivesse sido homem, não poderia ter morrido em nosso lugar (Hb 2:16-17);
- Para se tornar o mediador entre Deus e os homens (1º Tm 2:5);
- Para restabelecer o propósito original de domínio do homem sobre a criação (Hb 2:8-9; Ef 1:22);
- Para ser nosso exemplo e padrão de vida santa (1º Jo 2:6; Rm 8:29), a “estatura do varão perfeito” (Ef 4:13);

- Para tornar-se o padrão de nosso futuro corpo glorificado (1º Co 15:23; 1º Jo 3:2).

V – A DIVINDADE DE CRISTO

Assim como a plena humanidade de Cristo, sua natureza divina é claramente atestada pelo testemunho bíblico. Qualquer pessoa que examine a Palavra de Deus com sinceridade chegará a esta conclusão inquestionável: **Jesus é Deus!**

a) Afirmações bíblicas diretas: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1:1).

No texto, o apóstolo João apresenta Jesus como o Verbo (*Logos*) divino que estava com Deus desde a eternidade e que é o próprio Deus. A Jesus é atribuída igualdade com o ser de Deus e participação ativa na obra da criação. Nos versículos seguintes, João afirma que o Verbo se fez carne, isto é, tornou-se homem, e habitou entre nós.

“... e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” (Rm 9:5b).

Aqui o apóstolo Paulo afirma que o homem Jesus, descendente de Abraão segundo a carne, é o Deus bendito e eterno.

“Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!

Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20:28-29).

Após sua ressurreição, o Senhor Jesus aparece novamente aos seus discípulos, desta vez com a presença do incrédulo Tomé, que confessa sua fé em Cristo como Senhor e Deus.

“...mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino” (Hb 1:8).

Ao comparar a condição dos anjos, com a posição de muito maior honra do Filho, o escritor de Hebreus, citando o Salmo 45:6, atribui a Jesus o caráter divino, digno de receber a adoração angelical (Hb 1:6).

“porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9).

Em Cristo encontramos toda a plenitude do ser de Deus, isto é, Ele é plenamente Deus. Ele é a imagem do Deus invisível, aquele que o revelou (Cl 1:15; Jo 1:18).

Além dessas afirmações bíblicas diretas, encontramos outras provas da divindade de Cristo no Novo Testamento

- A palavra Senhor, atribuída a Deus no Antigo Testamento, é usada com total liberdade em relação a Jesus (Lc 1:43; Lc 2:11; Mt 3:3; 1º Co 8:6; Hb 1:10-12);
- Jesus declarou ser o **EU SOU** (Jo 8:58; Êx 3:14);
- As mesmas palavras atribuídas a Deus em Apocalipse 1:8 são aplicadas a Jesus: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim”. (Ap 22:13)

b) Jesus possuía os atributos divinos

- Onipotência (Jo 5:17-19; Ap 1:8-11; Is 9:6);
- Onipresença (Mt 18:20; Mt 28:20);
- Onisciência (Jo 2:25; Ap 2:23; Mt 11:27);
- Imutabilidade (Hb 1:11-12; Hb 13:8);
- Eternidade (Is 9:6; Mq 5:2; Jo 8:58);
- Digno de adoração (Fp 2:9-11; Hb 1:6; Ap 5:12-13).

c) As obras divinas são atribuídas a Cristo

- O Filho cooperou com o Pai na obra da criação (Jo 1:3; Cl 1:16; Hb 2:10);
- Todas as coisas são sustentadas por Ele (Hb 1:3);
- Jesus, à semelhança do Pai, é o doador da vida, vivificando a todos a quem Ele quer (Jo 5:21, 25, 28; Fp 3:21)
- A obra de salvação é atribuída a Ele (Sl 79:9; Is 43:11; Is 45:21; Os 13:4).

d) Por que a divindade de Jesus é necessária?

A Bíblia apresenta algumas razões pelas quais a divindade de Jesus é absolutamente necessária:

- Só alguém que fosse Deus infinito poderia arcar com toda a pena de todos os pecados de todos os que cressem nEle;
- Nenhum ser humano, nem qualquer outra criatura poderia salvar a humanidade. Apenas o próprio Deus poderia executar tal obra. **“Ao SENHOR pertence a salvação!”** (Jn 2:9);
- Somente alguém que fosse plenamente e verdadeiramente Deus poderia ser mediador entre Deus e o homem (1º Tm 2:5).

VI – AS NATUREZAS DIVINA E HUMANA UNIDAS EM UMA SÓ PESSOA

Um dos maiores mistérios da Palavra de Deus: Cristo é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. As duas naturezas estão unidas em uma única pessoa. Nossa mente não consegue entender como duas naturezas tão distintas poderiam estar reunidas de maneira perfeita. Cristo não era um ser dividido, com dupla personalidade. Tampouco era como os semideuses da mitologia, parte homem e parte Deus. Ele é o Deus-homem: Em Cristo, a união das duas naturezas não confunde os atributos próprios de cada uma. Nem a humanidade é divinizada, nem a divindade é humanizada. Essa união é indissolúvel. Ele é e continuará sendo o Cordeiro de Deus que foi morto, mas agora vive para todo o sempre, manifestado eternamente em Sua humanidade glorificada (Ap 5:12; Ap 7:17).

Com o objetivo de pôr fim a muitas controvérsias e doutrinas falsas, a Igreja reuniu-se na cidade de Calcedônia, no ano de 451 d.C., e formulou a declaração abaixo, a qual se tornou um padrão de fé para toda a comunidade cristã no que se refere à pessoa de Cristo:

“Todos nós professamos o uno e idêntico Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, completo quanto à divindade e completo quanto à humanidade em duas naturezas inconfusas e intransmutadas, inseparadas e indivisas, unidas ambas em uma pessoa e substância.”

VII – OS OFÍCIOS DE CRISTO

a) **Cristo como profeta**: O ofício profético era reservado para aqueles chamados por Deus para anunciar os seus oráculos. O Antigo Testamento predisse a vinda de Cristo como o Profeta, ou seja, o anunciador das palavras de Deus por excelência: **“O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás” (Dt 18:15, cf At 3:22-23).**

Na verdade, o próprio Jesus falava de si mesmo como profeta (Lc 13:33; Jo 8:26-28; Mt 21:11). Como um profeta, Jesus foi superior a todos os demais, pois falava mediante um conhecimento que nenhum outro homem jamais possuiu. Cabe de maneira única a Jesus a maravilhosa tarefa de revelar o Pai (Jo 1:18). Ele é também o inspirador dos profetas, **“...pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia” (Ap 19:10).**

b) **Cristo como sacerdote**: Lemos em Hebreus 5 que o sacerdote é tomado dentre os homens para ser seu representante; age no interesse daqueles a quem representa diante de Deus. Oferece dons e sacrifícios pelos seus pecados e

pelos do povo. O sacerdócio de Jesus é estabelecido em bases superiores e difere do sacerdócio humano em vários aspectos:

- Jesus ofereceu um sacrifício perfeito. A doutrina do sacrifício expiatório de Cristo dá sentido à dispensação do Antigo Testamento com todo o seu sistema ritual, que eram apenas sombras da realidade vindoura;

“Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem. Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?” (Hb 10:1-2). O sacrifício de Cristo não foi o sangue de animais, os quais não podiam remover pecados (Hb 10:4), mas o seu próprio sangue, como cordeiro sem pecado (Hb 9:26). Ele foi a oferta perfeita pelo pecado.

- Jesus nos aproxima continuamente de Deus: Os sacerdotes não apenas ofereciam sacrifícios, mas também representavam o povo diante de Deus. Jesus é a nossa âncora da fé, penetrando no Santo dos Santos e garantindo o nosso acesso à presença de Deus (Hb 6:19-20; Hb 10:19-22).

- Jesus intercede continuamente por nós: Outra função do sacerdote no Antigo Testamento era interceder pelas pessoas. Jesus, como Sumo sacerdote, também cumpre essa função, intercedendo continuamente por nós diante do Pai: **“...por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).** **“Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm 8:34).**

c) **Cristo como Rei:** O Senhor Jesus, como nosso mediador, exerce autoridade real sobre todas as criaturas. Jesus nasceu para ser o Rei dos judeus (Mt.2:2) e possui direito legal a esse reino terreno, por ser descendente direto de Davi. Jesus porém mostrou que seu reino transcendia a esse mundo (Jo 18:36). Após a sua ressurreição, Cristo recebeu do pai autoridade sobre todas as coisas (Mt 28:19-20). Na sua segunda vinda, essa autoridade será manifestada e Ele finalmente será reconhecido como “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19:16).

VIII – DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB SOBRE A PESSOA DE JESUS

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus (1). Nele, por ele e para ele foram criadas todas as coisas (2). Na plenitude dos tempos ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerado pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria, sendo em sua pessoa, verdadeiro

Deus e verdadeiro homem (3). Jesus é a imagem expressa de seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem (4). Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus (5). Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto ele mesmo não tivesse pecado (6). Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o seu eterno Sumo Sacerdócio (7). Jesus Cristo é o único e suficiente Salvador e Senhor (8). Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na igreja (9). Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora (10).

(1) Sl 2.7; 110.1; Mt 1.18-23; 3.17; 8.29; 14.33; 16.16,27.5; Mc 1.1; Lc 4.41:22.70; Jo 1.1-2; 11.27; 14.7-11; 16.28;

(2) Jo 1.3; 1 Co 8.6; Cl 1.16,17;

(3) Is 7.14; Lc 1.35; Jo 1.14; Gl 4.45;

(4) Jo 14.7-9; Mt 11.27; Jo 10.30.38: 12.44-50; Cl 1.15-19: 2.9; Hb 1.3;

(5) Is 53; Mt 5.17; Hb 5.7-10;

(6) Rm 8.1-3; Fl 2.1-11; Hb 4.14,15; 1 Pe 2.21-25

(7) At 1.6-14; Jo 19:30,35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; 1 Co 15.4-8;

(8) Jo 14.6; At 4.12; 1 Tm 2.4,5; At 7.55,56; Hb 4.14-16; 10.19-23;

(9) Mt 28.20; Jo 14.16,17; 15.26; 16.7;1; 1 Co 6.19;

(10) At 1.11; 1º Co 15.24-28; 1º Ts 4.14-18; Tt 2.13.

Apêndice: Títulos e nomes de Jesus ao longo das Escrituras

TÍTULOS E NOMES DE JESUS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
O segundo Adão	1º Co 15:45
Advogado	1º Jo 2:1
Todo-poderoso	Ap 1:8
Alfa e Ômega	Ap 1:8; 22:13
O Amém	Ap 3:14
Apóstolo de nossa Confissão	Hb 3:1
Braço do Senhor	Is 51:9; 53:1
Autor e consumidor da Fé	Hb 12:2
Autor de Eterna Salvação	Hb 5:9
Princípio da Criação de Deus	Ap 3:14
Filho Amado	Mc 1:11
Bendito e Único Potentado	1º Tm 6:15
Renovo	Is 4:2
Pão da Vida	Jo 6:35
Autor da Salvação	Hb 2:10
Supremo Pastor	1º Pe 5:4
Cristo de Deus	Lc 9:20
Consolação de Israel	Lc 2:25
Pedra de Esquina	Sl 118:22
Conselheiro	Is 9:6
Criador	Jo 1:3
Sol Nascente	Lc 1:78
Libertador	Rm 11:26
Desejado de todas as Nações	Ag 2:7
Porta	Jo 10:7
Eleito de Deus	Is 42:1
Pai Eterno	Is 9:6
Testemunha Fiel	Ap 1:5
Primeiro e Último	Ap 1:5
Primogênito	Ap 1:5
Precursor	Hb 6:20
Glória do Senhor	Is 40:5
Deus	Is 40:3; Jo 20:28
Deus Bendito	Rm 9:5
Bom Pastor	Jo 10:11
Guia	Mt 2:6
Grande Sumo Sacerdote	Hb 4:14
Cabeça da Igreja	Ef 1:22
Herdeiro de Tudo	Hb 1:2
Santo Servo	At 4:27
Santo	At 3:14
Santo de Deus	Mc 1:24
Santo de Israel	Is 41:14
Salvação	Lc 1:69
Eu Sou	Jo 8:58
Imagem de Deus	2º Co 4:4
Emanuel	Is 7:14
Jesus	Mt 1:21
Jesus de Nazaré	Mt 21:11
Juiz de Israel	Mq 5:1

Justo	At 7:52
Rei	Zc 9:9
Rei dos Séculos	1º Tm 1:17
Rei dos Judeus	Mt 2:2
Rei dos Reis	1º Tm 6:15
Rei das Nações	Ap 15:3
Legislador	Is 33:22
Cordeiro	Ap 13:8
Cordeiro de Deus	Jo 1:29
Príncipe	Is 55:4
Vida	Jo 14:6
Luz do Mundo	Jo 8:12
Leão da Tribo de Judá	Ap 5:5
Senhor de Todos	At 10:36
Senhor da Glória	1º Co 2:8
Senhor dos Senhores	1º Tm 6:15
Senhor, Justiça Nossa	Jr 23:6
Homem de Dores	Is 53:3
Mediador	1º Tm 2:5
Mensageiro da Aliança	Ml 3:1
Messias	Dn 9:25; Jo 1:41
Deus Poderoso	Is 9:6
Poderoso	Is 60:16
Estrela da Manhã	Ap 22:16
Nazareno	Mt 2:23
Filho Unigênito	Jo 1:18
Nossa Páscoa	1º Co 5:7
Príncipe dos Reis	Ap 1:5
Príncipe da Vida	At 3:15
Príncipe da Paz	Is 9:6
Profeta	Lc 24:19; At 3:22
Redentor	Jó 19:25
Ressurreição e Vida	Jo 11:25
Rocha	1º Co 10:4
Raiz de Davi	Ap 22:16
Rosa de Sarom	Ct 2:1
Salvador	Lc 2:11
Semente da Mulher	Gn 3:15
Pastor e Bispo das Almas	1º Pe 2:25
Silo	Gn 49:10
Filho de Deus Bendito	Mc 14:61
Filho de Davi	Mt 1:1
Filho de Deus	Mt 2:15
Filho do Altíssimo	Lc 1:32
Filho do Homem	Mt 8:20
Filho da Justiça	Ml 4:2
Verdadeira Luz	Jo 1:9
Videira Verdadeira	Jo 15:1
Verdade	Jo 1:14
Testemunho	Is 55:4
Palavra	Jo 1:1
Palavra de Deus	Ap 19:13

Fonte: Bíblia de Estudo Vida Nova, Enciclopédia de Assuntos, p. 245-246.

5. O ESPÍRITO SANTO

I – INTRODUÇÃO

Amados irmãos, já estudamos sobre a Pessoa de Deus Pai, o Homem e o Pecado, Jesus Cristo, e agora passaremos a estudar a Terceira Pessoa da Trindade - O Espírito Santo.

Dentre as diferentes atividades dos membros da Trindade, quais são as apresentadas especialmente como obras de Deus Espírito Santo?

Neste capítulo, estudaremos a obra do Espírito Santo em muitos dos seus aspectos, sem perdemos o foco principal da Sua ação, que consiste em manifestar a presença ativa de Deus no mundo e, em especial, na igreja.

As Escrituras, com mais freqüência, representam o Espírito Santo como aquele que está *presente* para executar a obra de Deus no mundo, o que pode ser constatado principalmente na Nova Aliança. No Antigo Testamento, a presença de Deus muitas vezes foi manifestada nas teofanias (aparições de Deus) e através da Sua glória; nos evangelhos, o próprio Jesus manifestou a presença de Deus entre os homens. Após a glorificação de Jesus, o Espírito Santo, ativo e presente no mundo e na igreja, passou a manifestar a presença da Trindade entre nós.

Como o Espírito Santo é a pessoa da Trindade por meio de quem Deus manifesta de modo particular a sua presença na Era da Nova Aliança, Paulo se refere a Ele como a “garantia” ou “penhor” da plena manifestação de Deus que conheceremos no novo céu e na nova terra. (Ef 1: 13, 14 e Ap 21:3).

“É também nele que vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação. Tendo nele crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para a redenção da propriedade de Deus, em louvor da sua glória” (Ef 1:13, 14).

“E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Agora o tabernáculo de Deus está com os homens. Deus habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles, e será o seu Deus. Deus enxugará de seus olhos toda a lágrima. Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, pois já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21:3,4).

No próximo tópico passaremos a tratar dos vários aspectos da obra do Espírito Santo.

II – ASPECTOS DA OBRA DO ESPÍRITO SANTO DE DEUS

a) O Espírito Santo vivifica

O Espírito Santo tem o papel de dar vida a todas as criaturas, como está escrito: **“Quando escondes o teu rosto, ficam perturbados; quando lhes tiras a respiração, morrem, e voltam para o pó. Quando envias o teu Espírito, são criados”** (Salmos 104: 29, 30).

Fica claro na Bíblia que o Espírito Santo dá e sustenta a vida. Em paralelo, o Espírito Santo também tem o papel de nos dar vida nova na regeneração. Jesus disse a Nicodemus: **“o que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo”** (Jo 3.6,7).

Em sua Carta aos Romanos, Paulo afirma: **“Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou o Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita”** (Rm 8:11).

b) O Espírito Santo dá poder para o serviço

- Ele capacitou Josué com habilidades de liderança e sabedoria (Nm 27.18; Dt 34.9);
- Ele veio poderosamente sobre Saul a fim de levá-lo para a batalha contra os inimigos de Israel (1º Sm 11.6);
- Ele se apossou de Davi, quando ungido rei (1º Sm 16.13), capacitando-o para cumprir a tarefa da realeza para a qual Deus o havia chamado;
- Isaías predisse o tempo em que o Espírito Santo ungiria um Messias-Servo em grande plenitude e poder: **“Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor”** (Is 11.2-3);
- A obra do Espírito Santo na Nova Aliança é mais plena do que na Antiga Aliança: **“Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que esteja convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conheceis, pois habita convosco, e estará em vós”** (Jo 14.16-17).
- A obra capacitadora do Espírito Santo no Novo Testamento é vista primeiro, e de modo pleno, na unção e capacitação de Jesus como o Messias (Mt 3.16; Mc 1.11; Lc 3.22). Jesus foi para a tentação no deserto **“cheio do Espírito Santo”** (Lc 4.1).
- Jesus disse que a profecia de Isaías foi cumprida nele: **“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor”** (Lc 4.18-19);

- O poder do Espírito Santo foi visto no ministério terreno de Jesus em vários momentos, e pode ser visto na vida de cada um dos seus filhos;
- Outro grande exemplo da capacitação de todos os cristãos para o serviço é a atividade do Espírito Santo concedendo dons espirituais para equipar os crentes para o ministério: **“Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as como lhe apraz, a cada um, individualmente”** (1º Co 12.11);
- Os dons espirituais em atuação representam um sinal da presença de Deus Espírito Santo na igreja;
- Não podemos esquecer que a Palavra de Deus é **“a espada do Espírito”** (Ef 6.17) na batalha espiritual.

c) O Espírito Santo purifica o homem

Em sendo esse membro da Trindade chamado de Espírito Santo, fica evidente que uma de suas principais atividades seja purificar-nos do pecado e tornar-nos mais santos na conduta prática.

Quando as pessoas se tornam cristãs, o Espírito Santo realiza nelas uma obra inicial de purificação, efetuando um decisivo rompimento com os padrões do pecado que havia na vida delas antes. Após esse rompimento inicial, que ocorre na conversão, ele produz em nós o crescimento em santidade de vida. Produz o “fruto do Espírito” em nós **“amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”** (Gl 5.22-23), que são qualidades que refletem o caráter de Deus.

Nunca devemos esquecer que é *“pelo Espírito”* que somos capazes de fazer morrer *“os feitos do corpo”* e crescer em santidade pessoal: **“pois se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo Espírito mortificares as obras do corpo, vivereis, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”** (Rm 8.13-14).

d) O Espírito Santo evidencia a presença de Deus

O Espírito Santo glorifica a Jesus (Jo 16.14) e dá testemunho dele (Jo 15.26; At 5.32; 1 Jo 2.3; 1 Jo 4.2). Não obstante, o Espírito Santo também se fez conhecido em muitos momentos, através de fenômenos que indicavam sua atividade, tanto no Antigo como no Novo Testamento. (Ler Nm 11.25-26; Jz 14.6,19; 1 Sm 10.6, 10).

No Novo Testamento, o Espírito Santo tornou a sua presença evidente, e de modo visível, quando desceu como uma pomba sobre Jesus (Jo 1.32), e quando veio sobre os discípulos no Pentecostes como som de um vento impetuoso e como línguas visíveis de fogo (At 2.2-3).

Jesus prometeu que o Espírito Santo em nós seria tão poderoso a ponto de parecer um rio de água viva fluindo do mais profundo do nosso

interior (Jo 7.38), o que dá a entender que os cristãos estariam conscientes de uma presença que seria percebida de alguma maneira. Além disso, a concessão dos dons espirituais evidencia a presença de Deus Espírito Santo (1º Co 12.7-11).

Não resta dúvida que um dos principais propósitos do Espírito Santo na Nova Aliança é manifestar a presença de Deus. E quando o Espírito Santo age de várias maneiras que possam ser percebidas por crentes e incrédulos, as pessoas são encorajadas a crer que Deus está perto, cumprindo os seus propósitos na igreja e abençoando o seu povo.

e) O Espírito Santo guia e dirige o seu povo

Ao lermos a Bíblia, constatamos que o Espírito Santo deu direcionamentos específicos a várias pessoas. Ele guiou Jesus ao deserto para o período da tentação (Mt 4.1; Lc 4.1). Essa direção era tão forte que Marcos chegou a dizer: **“E logo o Espírito o impeliu para o deserto”** (Mc 1.12).

Em outros trechos das Escrituras, o Espírito Santo deu palavras diretas ao povo, dizendo a Filipe: **“Aproxima-te desse carro e acompanha-o”**. Também disse a Pedro que fosse com os três homens que chegaram até ele vindos da casa de Cornélio (At 10.19-20; 11.12).

Um dos exemplos de clara direção do Espírito Santo é quando Ele transportou uma pessoa de um lugar para outro: **“o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco[...] Mas Filipe veio a achar-se em Azoto”** (At 8.39-40).

No entanto, a direção do Espírito Santo, na maioria das vezes, está evidenciada no dia-a-dia do cristão. A Bíblia diz que os filhos de Deus são “guiados” pelo Espírito Santo: **“porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”** (Rm 8.14).

“Por isso vos digo: vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. [...]. Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúmes, ira [...] Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. [...] Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito. Não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e tendo inveja uns dos outros” (Gl 5.16, NV1)

Conforme a passagem, observamos o contraste entre os “desejos da carne” e os “desejos do Espírito”. A nossa vida deve ser uma constante resposta aos desejos do Espírito.

A direção do Espírito Santo está diretamente ligada aos “desejos do Espírito” e ao afastamento dos “desejos da carne”, pois é Ele quem nos dirige e nos capacita a viver de acordo com sua vontade.

O Espírito Santo também dá direcionamentos específicos quanto à escolha de pessoas para os ministérios ou funções na igreja: **“Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2).**

f) O Espírito Santo nos dá segurança

O Espírito Santo **“testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16)** e nos fornece evidências da obra de Deus em nossa vida: **“E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que ele nos deu” (1 Jo 3.24).** Além de testificar que somos filhos de Deus, também nos garante que Deus permanece em nós. O fato de sabermos que **“o que há em nós é maior do que o que está no mundo” (1 Jo 4.4)**, nos deixa seguros.

g) O Espírito Santo ensina e ilumina

O Espírito Santo também ensina o povo de Deus e ilumina esse povo para que possa entender os seus ensinamentos. Essa função pedagógica foi prometida por Jesus quando disse: **“o Espírito Santo [...] vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26);** e disse também: **“ele vos guiará a toda verdade” (Jo 16.13).**

Jesus garantiu que, quando os seus discípulos fossem levados a julgamento por causa do seu nome, o Espírito Santo lhes ensinaria o que dizer. (Lc 12.12; cf Mt 10.20; Mc 13.11).

A obra iluminadora do Espírito Santo é vista porque ele nos capacita a entender: **“Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente” (1º Co 2.12, NVI).** É em razão dessa iluminação que **“o homem que não tem o Espírito não aceita as coisas que vem do espírito de Deus, mas o homem espiritual discerne todas as coisas” (1º Co 12.14-15, NVI).**

Nós temos que orar continuamente para que o Espírito Santo nos dê sua iluminação, de forma que possamos entender corretamente as Escrituras e avaliarmos todas as situações de nossa vida.

h) Outros aspectos da obra do Espírito Santo

- Ele transmite a verdade (Jo 14.17; 15.26; 16.13; I Jo 5.7);
- Ele transmite sabedoria (Dt 34.9; Is 11.2);
- Ele dá conforto e liberdade (At 9.31 e 2º Co 3.17);
- Ele traz justiça, paz e alegria (Rm 14.17);
- Ele traz unidade à igreja (Ef 4.1-6; 2º Co 13.13);

- Ele dá poder ao seu povo (At 1.8; 1º Co 2.4; 2 Tm 1.7);
- Ele distribui dons (1º Co 12.11);
- Ele convence o mundo acerca do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8).

III – DECLARAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA SOBRE O ESPÍRITO SANTO DE DEUS

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina (1). É o Espírito da Verdade (2). Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras (3). Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina (4). No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, ele se manifestou de maneira singular e irrepetível, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do corpo de Cristo que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro de Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência da universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que crêem em Cristo (5). O batismo no Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja (6). Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica (7). Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (8). Opera a regeneração do pecador perdido (9). Sela o crente para o dia da redenção final (10). Habita no crente (11). Guia-o em toda a verdade (12). Capacita-o para obedecer à vontade de Deus (13). Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo (14). Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para a vida cristã vitoriosa e testemunhante (15).

- (1) Gn 1.2; Jó 23,13; Sl 51.1; 139.7-12; Is 61.1-3; Lc 4.18,19; Jo 4.24; 14.16.17; 15.26; Hb 9.14; I Jo 5.6,7; Mt 28.19;
- (2) Jo 16.13; 14.17; 15.26;
- (3) Gn 1.2; 1º Tm 3.16; 2º Pe 1.21;
- (4) Lc 12.12; Jo 14.16,17,26; 1º Co 2.10-14; Hb 9.8;
- (5) Jl 2.28-32; At 1.5; 2.1-3; Lc 24.29; At 2.41, 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; 12.12-15;
- (6) At 2.38,39; 1º Co 12.12-15;
- (7) Jo 14.16,17; 16.13,14;
- (8) Jo 16.8-11;
- (9) Jo 3.5; Rm 8.9-11;
- (10) Ef 4.30;
- (11) Rm 8.9-11;
- (12) Jo 16.13;
- (13) Ef 5.16-25;
- (14) 1º Co 12.7-11; Ef 4.11-13;
- (15) Ef 5.18-21; Gl 5.22-23; At 1.8;

6 – A DOCTRINA DA SALVAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

O ensino a respeito da salvação ocupa lugar central na revelação de Deus em sua Palavra, sendo também central para a fé cristã. Todo o relato da história bíblica, desde a criação do mundo; a formação de um povo especial (Israel); a direção da História preparando o mundo para a vinda de Jesus, a Sua obra, ensinamentos, morte e ressurreição; a vinda do Espírito Santo; tudo gira em torno de um só propósito e plano: **a salvação do homem por Deus.**

A falta de um conhecimento sólido da doutrina bíblica a respeito da salvação pode resultar em sérias distorções, danosas à vida do cristão, e prejudiciais ao desenvolvimento do reino de Deus diante da obra de evangelização e missões. Uma dessas distorções é a idéia de que a salvação é o processo de levar a humanidade ao desenvolvimento educacional e econômico, para que seja libertada dos males da ignorância e da miséria, sem levar em conta o livramento da alma, para viver eternamente com Deus, (como ensina a Teologia da Libertação e o Humanismo de maneira geral). Outro erro é o conceito de que uma pessoa salva por Jesus possa vir a perder a salvação, isto é, cair da graça. E, finalmente, existe também o erro de pensarmos que a salvação possa ser conquistada por esforços e méritos pessoais, por obediência a leis e realização de boas obras, como ensina o Espiritismo, por exemplo.

Portanto, para que tenhamos absoluta segurança e paz, para sermos estimulados a pregar as Boas Novas a outras pessoas, e para nos mantermos fiéis seguidores da sã doutrina, em meio ao emaranhado de concepções e de crenças sem base bíblica, é absolutamente necessário conhecermos bem a doutrina da salvação.

II – CONCEITO BÍBLICO DE SALVAÇÃO

Para que se entenda perfeitamente o que é salvação, segundo o ensino das Escrituras, precisamos voltar ao livro de Gênesis. Como vimos no estudo sobre a doutrina do homem, Deus criou o homem com o propósito definido de formar, de uma semente, uma humanidade que o glorificasse. Tendo ordenado ao homem que o obedecesse, este, induzido por Satanás, a antiga serpente, desobedeceu. Como conseqüência desse pecado, a morte entrou na natureza humana, tanto a morte física, como a morte espiritual, trazendo assim a completa separação de Deus, como lemos em Romanos 3.23: **“porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”**.

Com o ingresso do pecado no mundo, a humanidade se degenerou afastando-se do propósito original de Deus. O destino desse homem pecador, separado de Deus pela rebeldia do pecado, passou a ser a perdição eterna, no lugar preparado para Satanás e seus anjos, por toda a eternidade (Mateus 25.41).

A Bíblia diz:

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5:12).

Em Adão, toda a raça humana pecou, perdeu-se. Deus, então, por seu grandioso amor, decretou salvar sua criação. Salvar de quê? Do domínio de Satanás e do pecado; decidiu salvar também dos resultados do pecado: a morte e a condenação ao inferno. Deus deseja tirar a humanidade do caminho em que está, para recolocá-la no rumo certo, e assim restaurá-la completamente. Por fim, Deus objetiva glorificar os salvos, para fazer deles, na consumação dos séculos, o seu povo, que haverá de habitar no céu eternamente, para o Seu louvor e serviço.

A salvação é, portanto, o ato praticado em misericórdia e pelo poder de Deus, que consiste no resgate do homem da dominação de Satanás, das trevas, da morte e da perdição, transportando-o para o Seu próprio Reino:

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Colossenses 1:13. 14).

O ato amoroso de Deus consiste em libertar, perdoar, regenerar, adotar como filho, limpar dos pecados, justificar, dar a vida eterna, garantir a ressurreição do corpo e a habitação em glória, no lugar em que Jesus está, por toda a eternidade. A salvação, que começa com a libertação e a justificação, prossegue através do processo de santificação até o Dia do Senhor, quando Ele virá resgatar a sua herança. Então Ele dirá: **“Vinde, benditos de meu Pai”** (Mateus 25.34).

III – A INICIATIVA DA SALVAÇÃO

Deus é a origem da salvação (Apocalipse 7:10). A iniciativa da salvação é de Deus e se deve exclusivamente ao seu amor:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16).

“Mas Deus dá prova do seu amor para conosco em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5.8).

Na iniciativa divina, vemos a manifestação de sua soberania, e também outros dos seus atributos eternos, como: misericórdia, amor, graça, paciência, justiça, etc.

A iniciativa de salvação da parte de Deus antecede a própria criação. Antes de criar o homem, Deus já tinha preparado a solução contra o pecado: Jesus, o Cordeiro de Deus, o Filho unigênito, que ofereceu a sua vida em resgate dos pecadores (Apocalipse 13:8).

IV – O PLANO DE DEUS PARA A SALVAÇÃO

Em Gênesis 3:15, Deus prometeu que mandaria aquele que esmagaria a cabeça da serpente, isto é, logo após a queda, Deus começa a revelar o Seu plano de salvação. Ele determinou que seu Filho daria o sangue em resgate dos pecadores, e que esse seria o **único** meio de redenção. Ele estabeleceu o decreto de que a salvação seria alcançada e conferida apenas através do arrependimento e da fé em Jesus como seu Filho e Salvador:

“Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus(...) Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (João 3:17, 18, 36).

Nossa redenção é consequência da providência de Deus que, pelo Seu amor, nos deu vida em Cristo: **“Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus” (Efésios 2.4-6).**

A salvação é, portanto, pelo favor imerecido de Deus, sem a participação de nossas boas obras. Essa graça é a disposição íntima de Deus em amar, buscar, salvar e recuperar para si mesmo o pecador, sem esperar da parte do perdido nenhum pagamento. A manifestação visível da graça de Deus foi a dádiva de Jesus Cristo oferecendo-se em sacrifício pelo pecador.

V – O CUSTO DA SALVAÇÃO

É importante entendermos que, embora a salvação não nos custe nada, visto que é pela graça de Deus, a Bíblia afirma que o preço pago por Deus foi o maior possível. O apóstolo Pedro apresenta-nos o preço da redenção, a saber, o sangue do Senhor Jesus Cristo. Ele emprega a figura da compra de escravos. Como pecadores éramos escravos da maneira vã de viver, ou do curso deste mundo (Efésios 2:2). Estávamos sob o domínio das paixões da

carne, escravos da morte e de Satanás. Surge na História o Senhor Jesus, disposto a nos resgatar para si e para Deus, e o preço do resgate não foi prata, nem ouro; foi o Seu precioso sangue:

“(...) sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus” (1º Pedro 1.18-21).

Jesus deixou a glória celestial, fez-se homem, assumiu a culpa dos pecados de todos os homens e deu a vida por causa deles. Este foi o preço que Deus pagou pela nossa libertação, pela nossa redenção, pela nossa salvação.

VI – O PROCESSO DA SALVAÇÃO

Como já vimos, a salvação é um dom gratuito que Deus tem oferecido a todos os homens. Para melhor compreensão desse processo divino em nós, estudaremos separadamente os diversos aspectos do processo de salvação. Cabe ressaltar que o crente já é possuidor de todas as bênçãos decorrentes da salvação, pois Jesus afirmou: “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim **tem a vida eterna**” (João 6:47).

A salvação compreende a regeneração, o perdão dos pecados, a justificação, a adoção, a santificação e a glorificação.

a) Regeneração

A regeneração é o ato de Deus pelo qual ele nos dá uma nova vida espiritual. Essa mudança interior é operada pelo Espírito Santo na vida daquele que crê. O novo nascimento vem do alto:

“A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João 3:3-8).

Sem essa mudança, o homem continuaria a ser um servo do pecado, pois a sua natureza ainda seria carnal, inclinada para o mal. Através do novo

nascimento, Deus coloca em nós o desejo de servi-lo e obedecê-lo no íntimo. Ocorre uma transformação moral. A mudança operada é tão radical que a pessoa é chamada nova criatura (2º Coríntios 5:20; Gálatas 6:15).

b) Perdão de pecados

O perdão pressupõe o livramento da pena devida pelo pecado. O perdão dos pecados é concedido através de Cristo, pois nEle temos **“a redenção, pelo seu Sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça”** (Efésios 1:7). A ira de Deus é contra toda impiedade e pecado (Romanos 1:18). Jesus é aquele que nos livra da ira futura de Deus, pois Ele pagou o preço da nossa redenção. Para que pudéssemos ser libertados do castigo devido pelos nossos pecados, era necessário que Jesus levasse sobre si essa culpa (Isaias 53).

A bênção do perdão é concedida a todo aquele que se arrepende dos seus pecados e crê no sacrifício de Cristo em nosso lugar:

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (Atos 3:19).

“(...) o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. (...) Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1º João 1:7,9).

c) Justificação

A justificação ocorre no momento da regeneração e do perdão dos pecados. O conceito bíblico de justificação tem sua origem no vocabulário jurídico. É o ato de um juiz absolver alguém que é acusado de um crime. O uso da palavra no Novo Testamento indica que a justificação é também uma declaração legal da parte de Deus. Poderíamos então definir a justificação como **“um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual Ele considera nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós e declara-nos justos à vista dEle”** (Grudem, Wayne – Teologia Sistemática, pág. 604).

Mas, em que sentido somos justificados? No momento da regeneração, Deus, considerando os méritos do sangue de Jesus, absolve o homem de seus pecados e o declara justo diante dEle mesmo. Essa declaração legal de justiça da parte de Deus inclui duas facetas:

- Deus nos livra de pagarmos a penalidade dos pecados do passado, presente e futuro:

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm. 8:1).

“Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes,

quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Rm 8:33,34).

- Deus nos declara possuidores dos méritos da perfeita justiça diante dEle. Isso acontece porque Ele nos imputa a justiça de Cristo, considerando-a como nossa. O sentido de imputar é “lançar na conta de alguém”. Deus, pela sua graça, “credita” a perfeita justiça de Cristo em nossa conta.

“Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado” (Romanos 4:1-8).

“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes: e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:1).

“(…) ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (Filipenses 3:9).

d) Adoção

A adoção também se dá no momento da regeneração e é o ato pelo qual Deus nos introduz na sua família e nos concede todos os privilégios decorrentes disso. Como seres criados, nós somos, por natureza, filhos de Deus. Além disso, como pecadores, éramos considerados “filhos da ira” (Efésios 2:3) e, portanto, inimigos de Deus. O evangelho de João nos mostra que a adoção é uma exclusividade daqueles que crêem.

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome” (João 1:12).

A adoção nos traz outros grandes privilégios:

- O cristão tem o privilégio de chamar a Deus de Pai. Dirigimo-nos a Ele, não como um escravo se dirige a seu senhor, mas como um filho se dirige ao pai. O próprio Deus, pelo seu Espírito, nos dá essa segurança (Romanos 8:15-16). Por causa da adoção, temos o privilégio de sermos dirigidos pelo Espírito Santo (Romanos 8:14). Outro grande privilégio da adoção, nem sempre reconhecido, é o fato de sermos corrigidos por Deus como filhos (Hebreus 12:5-7,10). Como

filhos de Deus e co-herdeiros com Cristo, temos o privilégio de compartilhar tanto os seus sofrimentos quanto a sua glória futura (Rm 8:17).

- Como filhos de Deus, somos membros da mesma família e assim podemos ser chamados “irmãos” e “irmãs” em Cristo (1º Coríntios 1:10, Tiago 1:2, Romanos 16:1, etc.).

e) **Santificação**

Conquanto a regeneração seja o início do processo de santificação, a obra ainda não está completa. O propósito da santificação é preparar-nos para o serviço no Reino de Deus e para a glória futura. **“Santificação é uma obra progressiva da parte de Deus e do homem que nos torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo em nossa vida presente” (Grudem, Wayne – Teologia Sistemática, pág. 622).**

O crente, embora possua a nova natureza, tem que lutar contra a sua antiga natureza, enquanto estiver aqui neste mundo. A carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne (Gálatas 5:17). Esse mesmo Espírito nos habilita a continuarmos lutando, até o dia em que teremos a vitória final. Apesar de ser uma obra de Deus, pois é Ele quem santifica (1º Coríntios 6:11), somos exortados a buscar a santificação, condição essencial para andarmos com Deus e termos uma vida frutífera (Hebreus 12:14, 2º Coríntios 7:1, Romanos 12:1);

f) **Glorificação**

A glorificação é o último estágio do processo de salvação. Inclui a ressurreição para os que estiverem mortos quando da volta de Jesus, e a transformação dos nossos corpos mortais em corpos glorificados, adequados à vida futura. Essa “redenção de nosso corpo” (Romanos 8:23b) visa preparar-nos perfeitamente para o serviço e o gozo da presença de Deus. O dia da nossa glorificação será um dia de grande vitória, pois será o dia da derrota da morte, o último inimigo a ser derrotado:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte” (1º Coríntios 15:24-26).

“E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1º Coríntios 15:54-55).

Essa é a nossa gloriosa esperança, não apenas nossa, mas de toda a criação que aguarda esse dia glorioso!

“Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:18-23).

VII – A NOSSA RESPONSABILIDADE NA SALVAÇÃO

Como já vimos, a salvação do pecador é obra exclusiva de Deus, e é concedida pela sua graça, através do sacrifício feito pelo Filho unigênito, Jesus Cristo. Deus decidiu salvar o homem, e definiu o meio de salvar. Nessa determinação, Deus estabeleceu as condições necessárias a serem cumpridas pelo pecador, para poder alcançar a salvação oferecida. Atender a essas condições é a responsabilidade do pecador, diante da manifestação do amor de Deus, de forma que possam ser perdoados, justificados, adotados como filhos, e venham a gozar as bênçãos da vida eterna.

Como seres morais, portanto livres, podemos fazer escolhas e tomar decisões. Isso também se aplica ao nosso relacionamento com Deus e à salvação. Nessa capacidade de escolher, de decidir, de querer ou não querer, é que reside a responsabilidade fundamental do homem pela sua própria salvação.

a) Devemos crer

O Senhor Jesus pregava: **“Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Marcos 1.15)**. Paulo, ao escrever aos romanos, diz que Abraão foi justificado pela fé (Romanos 5.1); ao carcereiro de Filipos, Paulo exortou que cresse (Atos 16.31). O próprio Senhor Jesus declarou: **“Quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna” (João 5.24)**.

Crer, no sentido bíblico, é mais do que aceitar algo como verdadeiro. É confiar e submeter-se. Quem crê confia em Cristo para sua salvação, sabe que Jesus pode salvar, e que deseja salvar. E, finalmente, submete-se, entrega-se a Ele, passando a segui-lo por toda a vida.

b) Devemos nos arrepender

Para que uma pessoa seja salva, não basta reconhecer o seu pecado. É necessário, também, que se arrependa dele. O verdadeiro arrependimento é muito mais que mero remorso. Consiste numa disposição íntima de rejeição do mal e do desejo sincero de praticar o bem. É a intenção de abandonar o pecado e viver uma nova vida diante de Deus. O termo “arrependimento” é tradução

de uma palavra grega, *metánoia*, que significa mudança de mente. Por esse motivo, o ímpio é exortado a deixar o seu mau caminho (Isaias 55.7).

c) Devemos invocar o nome de Jesus

Invocar significa clamar, gritar, chamar em auxílio. O homem pecador, tomando consciência de sua situação de perdido, e querendo ser salvo, precisa clamar a Jesus e pedir que Ele o salve, a exemplo do cego Bartimeu e do ladrão da cruz. A Palavra de Deus é clara: **“Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Romanos 10.13).**

d) Devemos confessar nossos pecados

Confissão é quebrantamento. Nela não há lugar para o orgulho, a auto-apreciação, a justiça própria, a auto-indulgência, pois tudo cede lugar a um profundo constrangimento de quem reconhece que não é bom, e completamente incapaz de se livrar da culpa e da pena pelo pecado. Deus nos perdoa no momento em que, crendo em Jesus e nos arrependendo, lhe confessamos os nossos pecados. Essa confissão não precisa ser feita a nenhum homem, mas diretamente a Deus, porque somente ele pode perdoar os pecados, como nos diz a Bíblia:

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1º João 1.9).

“Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo; pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” (Romanos 10.9.10).

e) Devemos receber a Cristo através de um convite pessoal

Toda as condições estabelecidas por Deus, sobre as quais já falamos, culminam no ato do pecador receber o Senhor Jesus em seu coração. É a abertura do mundo interior do homem, do coração, da consciência, da vontade, da personalidade, enfim, de todo o seu ser, para que Jesus assuma o controle de tudo como Senhor. É a rendição; é o ajoelhar-se diante do Rei, é depor as armas e tornar-se seu servo.

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apocalipse 3.20).

VIII – O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

A colocação do tema no capítulo referente à Doutrina da Salvação decorre da nossa crença de que o batismo com o Espírito Santo, após a implantação da Nova Aliança e do derramamento do Espírito sobre toda a carne, ocorre no momento da conversão.

Uma leitura completa e atenta do tópico será por demais esclarecedora, e, com certeza, todas as dúvidas sobre o tema serão eliminadas.

Os textos abaixo servirão de base para todo o estudo:

João 7:38, 39 – “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem: pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”.

João 14:16, 17 – “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós os conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”.

Na atualidade, o tema Batismo com o Espírito Santo tem sido motivo de muitos debates e discussões nas faculdades, seminários e institutos teológicos, sem contar com as inúmeras divisões geradas na Igreja de Jesus Cristo no século XX, muitas vezes decorrentes de uma exegese equivocada e de uma hermenêutica desprovida de princípios basilares para uma boa compreensão e aplicação do texto bíblico.

O grande ponto de tensão com os irmãos pentecostais é a resposta ao questionamento a respeito da existência ou não de um Batismo com o Espírito Santo posterior e distinto da conversão.

Nós entendemos que o Batismo com o Espírito Santo ocorre no momento da conversão, e explicaremos bíblicamente o nosso entendimento.

O movimento pentecostal, surgido no início do século nos Estados Unidos, e cuja maior representante brasileira é a Igreja Assembléia de Deus, defende a doutrina de que todo crente deve buscar a experiência de um batismo com o Espírito Santo **posterior à conversão**, cuja evidência inicial se dá com o falar em outras línguas.

Diante do exposto, os objetivos principais do tópico são:

1º - avaliar a doutrina pentecostal do Batismo com o Espírito Santo, buscando confrontá-la com o texto bíblico, visando uma melhor compreensão do tema;

2º - Defender uma interpretação, a nosso ver mais correta, das passagens bíblicas utilizadas como base para essa doutrina; 3º - Buscar na Bíblia explicação e respaldo para as experiências espirituais que têm freqüentemente ocorrido na vida de muitos irmãos em momentos posteriores à conversão, propondo uma modificação terminológica para as referidas experiências, que os pentecostais chamam de Batismo com o Espírito Santo.

a) Argumentos pentecostais para a doutrina do B.E.S.⁶

Os pentecostais alegam primeiramente que os discípulos de Jesus eram crentes nascidos de novo muito antes do dia de Pentecostes, talvez durante a vida e o ministério de Jesus, mas com certeza na hora em que Jesus, após a sua ressurreição, **“soprou sobre eles e disse-lhes: Recebereis o Espírito Santo”** (cf. Jo 20.22).

Como segundo passo para justificar a sua doutrina, os pentecostais argumentam que Jesus ordenou aos seus discípulos que **“não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai”** (At 1.4), dizendo-lhes: **“sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias** (At 1.5), afirmando também que: **“recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo”**.

Quando chegou enfim o dia de Pentecostes, línguas de fogo pousaram sobre eles, **“todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”** (At 2.4). Para os pentecostais isso mostra claramente que eles receberam um batismo no (ou com o)⁷ Espírito Santo e que embora os discípulos fossem nascidos de novo muito antes do Pentecostes, nesse dia eles receberam um “batismo com o Espírito Santo” que resultou em grande capacitação para o ministério e também no falar em línguas como evidência inicial desse batismo.

Para justificar a validade do padrão, segundo o qual as pessoas primeiro nascem de novo e mais tarde são batizadas com o Espírito Santo, os pentecostais utilizam passagens como Atos 8, onde os samaritanos se tornaram cristãos quando **“deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo”** (At 8.12), mas só mais tarde receberam o Espírito Santo quando os apóstolos Pedro e João vieram de Jerusalém e oraram por eles (At 8.14-17).

Outra passagem muito utilizada pelos pentecostais é Atos 19, em que Paulo chegou até a cidade de Éfeso e encontrou “alguns discípulos” (At 19.1). Entretanto, **“impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam”** (At 19.6).

Com base nos textos citados e, às vezes com base no capítulo 10 de Atos, que fala da conversão de Cornélio, os pentecostais argumentam que os crentes atuais, assim como os apóstolos, devem pedir a Jesus um “batismo com o Espírito Santo” e, desse modo, seguir o padrão de vida dos discípulos. Argumentam também que, se recebermos o B.E.S., isso resultará em muito mais poder para o ministério em nossa vida, exatamente como aconteceu na vida dos discípulos, e também no falar em línguas como evidência inicial.

⁶ B.E.S. será a sigla utilizada quando nos referirmos ao Batismo com o Espírito Santo.

⁷ Não importa muito se traduzimos a frase grega *em pneumati* por “no Espírito” ou “com o Espírito”, porque ambas são traduções aceitáveis e parece que usam essas duas expressões indiferentemente.

b) A Bíblia e o “batismo com o Espírito Santo”

Em toda a Bíblia só existem sete passagens que se referem à expressão batismo com o Espírito Santo.⁸

Nas quatro primeiras passagens, João Batista fala de Jesus e prediz que ele batizaria com o Espírito Santo, senão vejamos:

1 – Mateus 3.11: “Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele *vos batizará com o Espírito Santo* e com fogo”.

2 – Marcos 1.8: “Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, *vos batizará com o Espírito Santo*”.

3 – Lucas 3.16: “Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias: ele *vos batizará com o Espírito Santo e com fogo*”.

4 – João 1.33: “Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que *batiza com o Espírito Santo*”.

Com base nas passagens, não podemos chegar a conclusões exatas do que seria o batismo com o Espírito Santo, mas certamente somos capazes de entender através da exegese e da análise histórico-cultural que o batismo de João Batista era a porta de entrada para um grupo, um corpo de discípulos que o seguiam.

Que João almejava conceder ao remanescente leal uma existência distinta e reconhecível como um novo grupo de pessoas, é sugerido pela declaração do historiador judeu Flávio Josefo (*Antiguidades xviii.5.2*) de que João era um “homem bom que ordenava os judeus a: praticarem a virtude, serem justos uns para com os outros e piedosos para com Deus, e que se formassem num grupo por meio do batismo”.⁹

Essas palavras de Josefo nos dizem claramente que João formou uma comunidade religiosa na qual se entrava por meio do batismo nas águas.

A 5ª e 6ª passagens que se referem ao batismo com o Espírito Santo encontram-se em Atos 1.5 e Atos 11.16:

5 – Atos 1.5: “João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis *batizados com o Espírito Santo*, não muito depois destes dias”.

6 – Atos 11.16: “Então me lembrei da palavra do Senhor, quando disse: João, na verdade batizou com água, mas vós sereis *batizados com o Espírito Santo*”.

⁸ A tradução usada neste tópico é a Almeida Revistas e Atualizada.

⁹ In História dos Hebreus. Obra Completa, CPAD.

À margem de toda interpretação do que seja o batismo com o Espírito Santo, não podemos deixar de entender que esse fenômeno celestial ocorreu realmente no dia de Pentecostes, conforme relata Atos 2.4: “o Espírito Santo caiu com grande poder sobre os discípulos e os que estavam juntos falaram em outras línguas, e cerca de três mil pessoas se converteram”.

Fato notório é que em todos os seis versículos os escritores bíblicos usam quase exatamente a mesma expressão em grego, havendo algumas variações na ordem da palavra ou no tempo do verbo para ajustar a frase”¹⁰.

A última passagem contida no Novo Testamento encontra-se na primeira epístola de Paulo aos Coríntios:

7 – 1 Coríntios 12.13: “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer Judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito”.

O grande problema hermenêutico dessa passagem é sabermos se a mesma se refere ou não ao mesmo fenômeno aludido nos outros seis versículos.

Muitas traduções inglesas são diferentes e trazem o versículo da seguinte maneira: “Pois *por um só Espírito* todos nós fomos batizados em um corpo”.

Com base nas traduções, os irmãos pentecostais concluem que esse versículo não se refere ao batismo com o Espírito Santo, mas a algum outro evento, pois argumentam que em todos os outros seis versículos é Jesus quem batiza as pessoas, e o “elemento” (paralelo à água no batismo físico) é o Espírito Santo, e, no caso da passagem em comento, quem batiza é o próprio Espírito Santo.

Assim sendo, os pentecostais dizem que 1º Co 12.13 não deve ser levado em conta quando questionamos o que o Novo Testamento quer dizer com “batismo com o Espírito Santo”.

O ponto crucial da questão é que a interpretação léxico-sintática correta deste versículo pode ser a solução do problema, quando se quer defender a tese de que o batismo com o Espírito Santo é um evento que coincide com a conversão e ocorre com todos os crentes.

No versículo, Paulo afirma que o batismo no/com/pelo Espírito Santo nos faz membros do corpo de Cristo. Se essa passagem se refere ao batismo com o Espírito Santo, mesmo evento tratado nas outras seis passagens, Paulo está dizendo que ele aconteceu a todos os coríntios *quando eles se tornaram membros do corpo de Cristo, isto é, quando eles se tornaram cristãos*. Afinal, foi o evento que os tornou membros da igreja do Senhor Jesus.

¹⁰ Em todas as passagens a expressão utilizada é o verbo *baptizo* (batizar) unido à frase preposicional *em pneumatí hagio* (em [ou com] o Espírito Santo), com exceção de Marcos, que omite a preposição *en*.

Se tal conclusão é a correta, o argumento pentecostal de um batismo com o Espírito Santo diferente da conversão se torna falível.

É bem verdade que, se levarmos em consideração algumas traduções inglesas, somos impulsionados a concluir que as afirmações de Paulo em 1 Co 12.13 podem não se referir ao B.E.S., mas a outro evento cujo significado, **curiosamente**, ainda está oculto para os pentecostais.

Entretanto, o texto bíblico em grego de 1º Co 12.13 utiliza expressões quase idênticas às utilizadas nas seis outras passagens retro-citadas, referindo-se a elas como o mesmo evento, ou seja, o batismo com o Espírito Santo, senão vejamos:

Paulo diz *em heni pneumati [...] ebaptishemen* (“em um Espírito [...] fomos batizados”).

Excetuando-se a referência a “um Espírito” ao invés de “o Espírito Santo”, todos os demais elementos são iguais, o que por amor à hermenêutica bíblica nós somos obrigados a interpretar todos os sete versículos como sendo referências ao B.E.S.

A principal implicação da conclusão é que, pelo menos no que concerne ao apóstolo Paulo, o batismo com o Espírito Santo ocorria no momento da conversão, pois ele afirma que todos os cristãos de Corinto receberam esse batismo e, por isso, se tornaram membros do corpo de Cristo.

Como decorrência, observamos que, do mesmo modo que as pessoas se tornavam discípulos de João Batista através do batismo com água, os crentes se tornam discípulos e corpo de Cristo após o batismo com o Espírito Santo de Deus, que ocorre na conversão.

Desse modo, as palavras de João nos evangelhos passam a lançar luz sobre essa análise hermenêutica, pois ele disse que batizava com água, mas que Jesus batizaria com o Espírito Santo.

Diante do exposto, não podemos afirmar que o B.E.S. tratado na Bíblia é uma experiência posterior à conversão, como pensam os nossos irmãos pentecostais, mas sim uma manifestação de Deus sobre as nossas vidas no momento da conversão.

c) O batismo com o Espírito Santo e o livro de atos dos apóstolos

Como já vimos, a expressão “batismo com o Espírito Santo” ocorre duas vezes no livro de Atos dos Apóstolos (At 1.5 e At 11.16). Entretanto, é em Atos 2 que a promessa se cumpriu pela primeira vez, quando o Espírito Santo caiu com grande poder sobre os discípulos e os que estavam juntos.

Até o presente momento estamos tentando defender a tese de que o batismo com o Espírito Santo ocorre no momento da conversão. Mas, então, como podemos justificar o ocorrido em Atos 2, com homens e mulheres que já eram discípulos de Jesus e que com certeza já eram crentes no momento do derramamento do Espírito Santo? O problema continua quando lemos Atos 8,

que fala dos samaritanos que se converteram com a pregação de Filipe, mas só depois que Pedro e João chegaram é que receberam o Espírito Santo.

Afinal, por que o batismo com o Espírito Santo ocorreu depois da conversão dos discípulos, dos samaritanos e dos efésios, conforme tratam os capítulos 2, 8 e 19 de Atos, em uma aparente justificativa para a doutrina pentecostal do B.E.E.?

Quando nós lemos as narrativas do Antigo Testamento, raramente pensamos que as mesmas servem de padrão para o comportamento cristão e/ou para a vida da igreja atualmente. Certamente, jamais utilizaríamos como forma de descobrir a vontade de Deus, colocar uma lâ fora e esperar que Deus a molhe ou a deixe seca como fez com Gideão.

Do mesmo modo, os crentes atuais não deixarão de cortar os seus cabelos por receio de perderem as suas forças, seguindo o exemplo de Sansão.

O mesmo comportamento não ocorre quando nós nos deparamos com o livro de Atos, pois tendemos a querer incorporar os seus acontecimentos à vida da igreja atual, com força de doutrina.

No dizer de Gordon D. Fee & Douglas Stuart: “Raras vezes, portanto, pensamos que as histórias do Antigo Testamento estabelecem precedentes bíblicos para as nossas vidas. Do outro lado, esta é a maneira normal para os cristãos lerem Atos. Não somente nos conta a história da igreja primitiva, como também nos serve como o modelo normal para a igreja de todos os tempos. E esta é exatamente a nossa dificuldade hermenêutica”¹¹.

De um modo geral, grande parte dos movimentos evangélicos tendem a “restaurar” as práticas e acontecimentos ocorridos em Atos, como se tudo o que ocorreu na igreja do primeiro século deva ser observado como regra para nós hoje.

O que os pentecostais tentam restaurar são os acontecimentos relacionados ao batismo com o Espírito Santo ocorridos em Atos 2,8,10 e 19, incorporando-os como regra na vida da igreja atual. Entretanto, o primeiro passo para uma hermenêutica sábia desse livro é lermos Atos levando em consideração o “movimento” natural do livro em cumprimento às determinações de Jesus contidas em At 1.8: **“Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”**.

Não é coincidência que Lucas, no relato histórico da vida da Igreja Primitiva, tenha dividido o livro da seguinte maneira: expansão geográfica do Evangelho em Jerusalém (caps 1-7), em Samaria e Judéia (caps 8-10) e nos confins da terra (caps 11-28).

¹¹ In Entendes o que lês? Pág. 79, Ed. Vida Nova.

Sem deixarmos de lado a compreensão desse “movimento do Espírito Santo” na realização da história da igreja primitiva, passaremos a analisar as passagens que vêm sendo utilizadas pelos irmãos pentecostais para respaldar a doutrina do batismo com o Espírito Santo após a conversão.

d) A experiência dos discípulos com o B.E.S (Atos 2)

Não poderemos negar que os discípulos já eram regenerados no dia de Pentecostes. Quando Pedro disse a Jesus **“tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16)**, estava em evidência uma obra regeneradora do Espírito Santo em seu coração, pois o próprio Jesus disse: **“não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt 16.17)**.

Conforme Mt 8.26, os discípulos eram homens de pequena fé, mas possuíam fé no Senhor Jesus.

Jesus também havia falado que: **“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer” (Jo 6.44)**, e, com certeza, os discípulos tinham ido e seguido a Jesus, pois eram seus discípulos.

Jesus também pediu a Pedro que cuidasse dos Seus cordeiros (Jo 21.15-17, e isso também indicava que Pedro era discípulo Seu.

Em João 20.21-22, Jesus disse: **“Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”**.

Mas, afinal, por que os discípulos já sendo convertidos passaram posteriormente (Atos 2) pela experiência do batismo com o Espírito Santo?

O teólogo Wayne Grudem¹² lança uma grande luz sobre a aparente contradição quando afirma que: “Devemos entender que o dia de Pentecostes é muito mais que um evento específico na vida dos discípulos de Jesus e daqueles que estavam com eles. **O dia de Pentecostes foi o ponto de transição entre a obra e ministério do Espírito Santo na Antiga Aliança e a obra e ministério do Espírito Santo na Nova Aliança**. Obviamente, o Espírito Santo esteve agindo através de todo o Antigo Testamento, pairando por sobre as águas no primeiro dia da criação (Gn 1.2), capacitando pessoas para o serviço a Deus, para a liderança e para a profecia (Êx 31.3; 35.31; Dt 34.9; Jz 14.6; 1º Sm 16.13; Sl 51.11, etc.). Mas, durante esse tempo, a obra do Espírito Santo na vida de indivíduos era, em geral, realizada com menos poder”.

Conforme João 7:38, 39 e João 14:16, 17, o Espírito Santo só poderia ser concedido após a glorificação de Jesus.

O pentecostal Stanley M. Horton, num comentário exegético de Atos 2:4, talvez sem perceber a importância de seu posicionamento no ataque da própria doutrina pentecostal do B.E.S., disse:¹³ “Agora, que Deus

¹² In Teologia Sistemática, pág. 640, Ed. Vida Nova, 1ª ed. 1999.

¹³ In O Livro de Atos, pág. 29, Editora Vida, 4ª imp., 195.

reconhecera a Igreja como o novo templo, o passo seguinte era derramar o Espírito sobre os membros do corpo”.

Horton entende que houve uma mudança na ação do Espírito Santo sobre a humanidade, pois enquanto o Tabernáculo era o lugar da habitação de Deus, hoje é a Igreja o lugar da habitação do Seu Espírito, e a Igreja é o corpo de crentes de todos os lugares do mundo em todas as épocas. Assim sendo, todo crente, como parte desse corpo, recebeu o batismo com o Espírito Santo, que não é privilégio de algumas partes do corpo, mas de todo o corpo.

Ante o exposto, podemos afirmar que o dia de Pentecostes inaugurou uma nova etapa da ação do Espírito Santo sobre a humanidade, uma etapa muito mais poderosa.

Na Antiga Aliança, a ação do Espírito Santo veio apenas sobre algumas pessoas com poder expressivo para o ministério, mas Moisés ansiava pelo dia em que o Espírito Santo seria derramado sobre todo o povo de Deus: **“tomara todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!” (Nm 11.29).**

Não resta dúvida que o dia de Pentecostes foi um momento sublime e extraordinário na história do mundo, pois naquele dia o Espírito Santo começou a atuar entre o povo de Deus com o poder da Nova Aliança.

Esse fato nos ajuda a entender o que ocorreu com os discípulos no Pentecostes. Eles receberam uma nova e extraordinária capacitação do Espírito Santo porque viviam na época da transição entre a obra do Espírito Santo na Antiga Aliança e a obra do Espírito Santo na Nova Aliança.

Com base no que vimos, podemos concluir que os discípulos só tiveram a experiência do batismo com o Espírito Santo após a conversão porque viveram numa época de transição na obra do Espírito Santo. Assim sendo, atualmente não faz sentido que primeiro vivamos uma experiência mais fraca com o Espírito Santo, própria da Antiga Aliança, para depois recebermos uma obra mais poderosa, típica da Nova Aliança. **Não podemos nos esquecer que a Nova Aliança já foi implantada, e que o Espírito Santo habita em todos os crentes a partir da conversão.**

e) O pentecostes de Samaria (Atos 8)

Talvez o tópico anterior tenha servido para esclarecer a mente de alguns irmãos quanto ao batismo com o Espírito Santo. Entretanto, será muito fácil desfazer tudo o que foi dito, se não analisarmos cuidadosamente a passagem que se refere à conversão dos samaritanos e o posterior B.E.S. com a vinda de João e Pedro (Atos 8).

Se o dia de Pentecostes, comemorado em Jerusalém naquele ano, foi o marco da transição da ação do Espírito Santo sobre a humanidade, como podemos explicar idêntica e posterior ocorrência com o povo de Samaria?

Será que o ocorrido em Samaria não é um exemplo convincente para provar a doutrina pentecostal do B.E.S.?

Se os samaritanos já eram convertidos no momento em que João e Pedro chegaram, por que o B.E.S. só ocorreu depois da conversão?

A animosidade entre judeus e samaritanos era algo muito evidente no tempo dos apóstolos, inclusive a própria Bíblia afirma que: “os judeus não se dão com os samaritanos” (Jo 4.9).

Os líderes judeus viam nos samaritanos um povo inferior, pois se tratava de uma raça mista formada por ancestrais judeus e gentios. Além disso, não podemos olvidar que os próprios apóstolos carregavam em sua formação religiosa essa herança estigmatizante com relação aos vizinhos samaritanos.

Mas Deus, em sua majestosa providência, aguardou, de maneira soberana, para dar aos samaritanos a capacitação da Nova Aliança do Espírito Santo diretamente pelas mãos dos apóstolos (At 8.14-17), de forma que ficasse evidente aos principais líderes da comunidade de Jerusalém, e aos próprios discípulos (que eram judeus), que os samaritanos não eram cidadãos de nível inferior, mas membros plenos da igreja.

Wayne Gruden¹⁴ nos ajuda a esclarecer o evento ora tratado da seguinte maneira: “Dessa forma, o evento em Atos 8 foi uma espécie de “Pentecostes de Samaria”, um derramamento especial do Espírito Santo sobre o povo de Samaria, uma raça mista formada por ancestrais judeus e gentios, de modo que se tornasse evidente a todos que as bênçãos plenas e o poder do Espírito Santo, pertencentes à Nova Aliança, tinham vindo também a esse grupo de pessoas e não estavam limitadas apenas aos judeus. Como esse é um evento especial na história da redenção, no processo em que o padrão de Atos 1.8 se concretiza no livro de Atos, não é um padrão a ser repetido por nós hoje. É simplesmente parte da transição entre a experiência com o Espírito Santo na Antiga Aliança e a experiência com o Espírito Santo na Nova Aliança”.

Assim sendo, para nós hoje não faz nenhum sentido experimentarmos primeiro a Velha Aliança para depois vivermos a Nova Aliança com o Senhor Jesus Cristo.

f) A experiência de Cornélio e dos Efésios (Atos 10 e 19)

É simples a solução hemenêutica para o que aconteceu com Cornélio, pois nada nas Escrituras comprova que ele já era convertido antes de Pedro chegar e pregar-lhe o Evangelho. Certamente ele ainda não havia confiado em Cristo para que pudesse receber a salvação.

Em suma, Cornélio não creu primeiro na morte e ressurreição de Jesus pela vida dele para que depois tivesse uma segunda experiência posterior à conversão. Logo, ele recebeu o batismo com o Espírito Santo no momento em que se converteu ouvindo as palavras de Pedro (Atos 10).

¹⁴ In Teologia Sistemática, pág. 643, Ed. Vida Nova, 1ª ed., 1999.

Cornélio foi um dos primeiros exemplos de como o Evangelho foi levado “até os confins da terra”.

Não podemos deixar de entender o “movimento do Espírito Santo” agindo para que as determinações de Jesus em Atos 1:8 fossem cumpridas.

Se lermos todo o capítulo 10 de Atos, observamos que Deus quis também mostrar a Pedro que, além dos judeus e samaritanos, as obras novas também eram para os gentios (Cornélio era um centurião romano), ou seja, a experiência de Cornélio funciona como um marco da ação do Espírito fora dos limites do judaísmo e em direção ao mundo, e não como determinismo doutrinário acerca do B.E.S.

Quanto aos efésios (Atos 19), Grudem¹⁵ afirma que: “mais uma vez encontramos uma situação de algumas pessoas que não tinham realmente ouvido o Evangelho da Salvação por meio de Cristo. Elas tinham sido batizadas no batismo de João Batista (At 19.3); portanto eram, provavelmente, pessoas que tinham ouvido João Batista pregar (ou tinham conversado com quem havia ouvido sua pregação) e tinham sido batizadas “no batismo de João” (At 19.3) como sinal de que estavam arrependidas dos seus pecados e preparando a si mesmas para o Messias que estava por vir. Com certeza não tinham ouvido da morte e ressurreição de Cristo, pois nem sequer tinham ouvido que existia o Espírito Santo (At 19.2).

Concluimos, portanto, que os “discípulos” de Éfeso eram “discípulos” apenas pelo fato de terem sido seguidores de João Batista e que ainda estavam aguardando a vinda do Messias. Eles não tinham o entendimento correto a respeito da Nova Aliança (At 19.1-2), mas, quando ouviram os ensinamentos acerca de Jesus, creram e receberam o poder do Espírito Santo digno do Evangelho do Senhor ressurreto.

Diante do exposto, fica claro que a experiência dos irmãos de Éfeso não deve servir de padrão para nós, pois, quando ouvimos falar de Cristo, não ficamos aguardando a sua primeira vinda, mas ficamos sabendo de sua vida, morte e ressurreição, e, assim que nos convertemos, já tivemos uma experiência poderoso com o Espírito Santo de Deus, própria da Nova Aliança.

g) O silêncio de Deus no restante do Novo Testamento

Talvez os pentecostais possam até ter algum argumento contrário ao que foi exposto, mas certamente não saberão responder ao seguinte questionamento: Se o batismo com o Espírito Santo deve ser buscado após a conversão, por que não há nenhuma exortação de Deus quanto à necessidade dessa busca em passagens neo-testamentárias prescritivas?

As cartas paulinas estão repletas de conselhos, exortações, palavras de ânimo, etc. Diante disso, por que Paulo não fez nenhuma menção quanto à

¹⁵ In Teologia Sistemática, pág. 644, Ed. Vida Nova, 1ª ed., 1999.

necessidade de se buscar o batismo com o Espírito Santo posterior à conversão em suas numerosas epístolas?

A resposta é uma só: Deus nunca quis que os acontecimentos relatados em Atos sobre o B.E.S. (passagens descritivas) servissem de doutrina (passagens prescritivas) para a igreja que foi surgindo após a transição da obra do Espírito Santo sobre a humanidade. O dia de Pentecostes foi um **marco** na ação do Espírito Santo sobre a igreja e não uma **marca** que deveria acompanhar a igreja como fonte de doutrina e, principalmente, de divisão.

A única exortação de Deus quanto ao batismo com o Espírito Santo, visando a unidade do corpo de Cristo, é a seguinte: “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito” (1º Co 12.13).

Se estudarmos detidamente a história da igreja, observaremos que em muitas épocas tentou-se dividi-la em duas categorias de crentes, tais como: cristãos batizados no Espírito / cristãos comuns; cristãos comuns/ “discípulos”, etc.

A Igreja Católica Romana, *e.g.*, possui três categorias: cristãos comuns, sacerdotes e santos.

Embora saibamos que o ensino pentecostal não visa a divisão da membrasia em categorias, o efeito prático da doutrina do B.E.S. posterior à conversão é esse.

Há igrejas que possuem cargos exclusivos para os “batizados”, gerando nos “não-batizados” um sentimento de inferioridade danoso para as suas vidas. Ademais, como a evidência inicial desse “batismo” é o falar em línguas, não são poucos que, psicologicamente “pressionados”, emitem sons decorrentes de um aprendizado de convivência, para que possam ter um novo “status” espiritual na membrasia.

Não obstante os danos acima tratados, muitos irmãos têm vivido crises existenciais e espirituais por não terem experimentado o batismo com o Espírito Santo nos moldes pentecostais, o que tem causado terríveis conseqüências na caminhada cristã. Muitos têm uma vida consagrada, profetizam, já foram usados por Deus para curar enfermos, mas como nunca experimentaram a *glossolalia* (falar em línguas), ficam de fora do rol dos “batizados”.

A divisão dos crentes em “castas” muitas vezes funciona como elemento de fragmentação do corpo de Cristo. E é de suma importância que entendamos que o Novo Testamento não traz nenhum ensino sobre um cristianismo de dois níveis ou de duas categorias. Prova disso é que, como já vimos, não há nenhuma exortação de Pedro ou Paulo para que as igrejas com

problemas de moral e/ou de frieza espiritual, ou com falta de poder, busquem um batismo com o Espírito Santo.

Diante do exposto, não há nada no Novo Testamento que dê suporte fático-teológico para a divisão da membresia em duas classes.

h) Como se explicam as experiências atuais?

Em que pesem todos os argumentos que foram utilizados para que possamos fazer uma boa hermenêutica a respeito do tema “batismo com o Espírito Santo”, não podemos simplesmente deixar de lado as grandiosas experiências que muitos irmãos dizem ter tido com o Espírito Santo do Senhor, após a conversão. Expulsão de demônios, sonhos, visões, línguas, profecias, curas, milagres são algumas das muitas manifestações do poder de Deus que membros do corpo de Cristo têm vivido em muitas igrejas contemporâneas, quer sejam pentecostais ou não. Afinal, foi o próprio Jesus Cristo quem disse: “Estes sinais acompanharão os que crêem” (Mc 16:17).

Na história da igreja, os genuínos movimentos de avivamento sempre estiveram firmados em premissas louváveis, tais como: confissão de pecados, arrependimento verdadeiro, confiança no perdão do Senhor, entrega de todas as áreas da vida para o serviço do Senhor, e, principalmente, retorno às Escrituras de forma incondicional, acompanhado da crença em sua inerrância e infalibilidade. O resultado prático dessas atitudes não poderiam ser outro senão o surgimento de igrejas vivas, submissas a Deus, comprometidas com a evangelização, desprendidas do materialismo e da vaidade humana, enfim, “cheias do Espírito Santo”.

Atualmente, não podemos simplesmente taxar de carnisais ou diabólicas todas as experiências que muitos irmãos sinceros têm vivido com Deus, quando buscam uma vida de contínua santificação, pois o ministério do Espírito Santo na Nova Aliança está em pleno vigor e vai continuar até a volta de Cristo.

As experiências que muitos irmãos têm vivido com Deus após a conversão não podem ser tratadas com desdém, pois, embora não seja correto chamá-las de batismo com o Espírito Santo, são experiências de enchimento do Espírito Santo que podem ocorrer em vários momentos em nossas vidas.

No livro de Atos, nós temos vários exemplos de repetidos enchimentos com o Espírito Santo. Em Atos 2.4, os discípulos e os que estavam juntos foram todos cheios do Espírito Santo. Em atos 4.8, quando estava diante do Sinédrio, Pedro foi cheio do Espírito Santo. Algum tempo depois, quando Pedro e os demais apóstolos voltaram à igreja para contar o que tinha acontecido (At 4.23), uniram-se em oração e foram novamente cheios do Espírito Santo: “Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus” (At 4.31, NVI).

Como nós vimos, embora Pedro tivesse sido cheio do Espírito Santo no dia de Pentecostes, posteriormente, antes de falar ao Sinédrio, foi novamente cheio do Espírito Santo após o grupo de cristãos reunidos acabar de orar.

Com base nessas passagens, Grudem ¹⁶ afirma: “Portanto, é apropriado entender o enchimento do Espírito Santo não como uma experiência única, mas como um evento que pode ocorrer várias vezes na vida de um cristão.. Alguém poderia objetar que uma pessoa que já está “cheia” do Espírito Santo não pode tornar-se mais cheia. Se um copo está cheio de água, não se pode colocar mais água nele. Mas o copo de água é uma analogia deficiente para nós, que somos pessoas reais, pois Deus é poderoso para nos fazer crescer e tornar-nos capazes de conter muito mais da plenitude e do poder do Espírito Santo. Uma analogia melhor poderia ser a de um balão, que pode estar “cheio” de ar mesmo que tenha muito pouco ar dentro de si. Quanto mais ar é soprado para dentro dele, o balão se expande e em certo sentido fica “mais cheio”. É assim conosco: podemos estar cheios do Espírito Santo e ao mesmo tempo também sermos capazes de receber muito mais do Espírito Santo”.

É também importante frisar que esse “enchimento não é necessariamente acompanhado pelo falar em línguas, pois há exemplos na Bíblia que tratam de diversos resultados do enchimento do Espírito: Jesus foi cheio do Espírito Santo, ele profetizou (Lc 1.67-79). Os discípulos foram cheios do Espírito e pregaram poderosamente o Evangelho (At 4.31).

Por fim, podemos afirmar que, embora uma experiência de ser cheio do Espírito Santo possa resultar no dom de falar em línguas (ou no recebimento de algum outro dom), não podemos estabelecer regras para a ação do Espírito Santo, pois é Ele quem distribui os dons “como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1º Co 12.11), sem nos esquecermos também que todos os dons são para a edificação da igreja e não para a sua fragmentação.

A ordem de Deus para nós é: “busquem com dedicação os melhores dons” e “procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (1º Co 12.31 e 14.12).

Irmãos, não podemos jamais esquecer que Deus quer sempre derramar e encher as nossas vidas com o Seu Espírito, pois o maior interessado em edificar uma igreja viva, relevante, forte, poderosa e santa, é Ele mesmo.

Que o Senhor nos abençoe!

¹⁶ In Teologia Sistemática, pág. 651, Ed. Vida Nova, 1ª ed., 1999.

IX – DECLARAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA SOBRE A SALVAÇÃO E A ELEIÇÃO

a) SALVAÇÃO

A salvação é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como Único Salvador e Senhor (1). O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz (2). A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser (3). É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação (4).

(1) Sl 37:39; Is 55:5; Sf 3:17; Tito 2:9-11; Ef 2:8-9; At 15:11; 4:12;

(2) Is 53:4-6; 1º Pe 1:18-25; 1º Co 6:20; Ef 1:7; Ap 5:7-10;

(3) Mt 16:24; Rm 10:13; 1º Ts 5:23-24; Rm 5:10;

(4) Rm 6:23; Hb 2:1-4; João 3:14; 1º Co 1:30; At 11:18.

A Regeneração é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato, o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por ele selado para o dia da redenção final, e é liberado do castigo eterno dos seus pecados (1). Há duas condições para o pecador ser regenerado; arrependimento e fé. O arrependimento implica em mudança radical do homem interior, que o afasta do pecado e o faz voltar-se para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador (2). Nessa experiência de conversão, o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz (3).

(1) Dt 30:6; Ez 36:26; João 3:3-5; 1º Pe 1:3; Tiago 1:18; 1º Co 5:17; Ef 4:20-24;

(2) Tito 3:5; Rm 8:20; João 1:11-13; Ef 4:32; At 11:17;

(3) 2º Co 1:21,22; Ef 4:30; Rm 8:1; 6:22.

A Justificação, que ocorre simultaneamente com a regeneração, é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absolve, no perdão, o homem de seus pecados e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens (1). Essa regra é concedida não por causa de quaisquer obras meritórias praticadas pelo homem, mas, por meio de sua fé em Cristo (2).

(1) Is 53:11; Rm 8:33; 3:24;

(2) Rm 5:1; At 13:39; Mt 9:6; 2º Co 5:31; 1º Co 1:30.

A Santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita (1). Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo (2).

(1) João 17:17; 1º Ts 4:3; 5:23; 4:7;

(2) Pv 4:18; Rm 12:1,2; Fil 2:12,13; II Cor 7:1; 3:18; Hb 12:14; Rm 6:19; Gl 5:22; Fp 1:9-11.

A Glorificação é o ponto culminante da obra da salvação (1). É o estado final, permanente, da felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo (2).

(1) Rm 8:30; 2º Pe 1:10,11; 1 João 3:2; Fp 3:12; Hb 6:11;

(2) 1º Co 13:12; 1º Ts 2:12; Ap 21:3,4.

b) ELEIÇÃO

A eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça (1). Antes da criação do mundo, Deus, no exercício da sua soberania divina e à luz de sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, predestinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr dos tempos, aceitariam livremente o dom da salvação (2). Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre-arbítrio de cada um e de todos os homens (3). A salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus (4). Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do amor de Deus em Cristo Jesus (5). O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o dom do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação (6).

(1) Gn 12:1-3; Êx 19:5; Ez 36:22,23,32; 1º Pe 1:2; Rm 9:22-24; 1º Ts 1:4;

(2) Rm 8:28-30; Ef 1:3-14; 2º Ts 2:13, 14;

(3) Dt 30:15-20; João 15:16; Rm 8:35-39; 1º Pe 5:10;

(4) João 3:16,36; João 10:28,29; 1º João 2:19;

(5) Mt 24:13; Rm 8:35-39; 1º João 2:27-29; Jr. 32:40;

(6) João 10:28; Rm 8:35-39, Jd 24; Ef 4:30.

7 – A DOCTRINA DA IGREJA **(ECLESIOLOGIA)**

I – INTRODUÇÃO

Amados irmãos, chegamos ao último capítulo da disciplina **Alicerces da Nossa Fé** e passaremos a abordar a doutrina da igreja. É de suma importância que todos conheçam um pouco sobre esse tema, pois ele envolve respostas às seguintes questões: o que significa a palavra “igreja”? O que é uma igreja batista? Como nós surgimos? Quais os princípios batistas? Por que nós não batizamos crianças? Como é a forma de governo de uma igreja batista? Qual é o significado da Ceia do Senhor? Qual deve ser o nosso envolvimento com o Estado? Qual é a importância de cada um no Corpo de Cristo? Todos os crentes têm dons espirituais? Como devemos agir para sermos uma igreja pura e aprovada pelo Senhor? Qual a Visão, Missão, Valores e Propósitos da IBLN? Como são divididos os nossos Ministérios?

Tentaremos abordar de forma clara e objetiva os pontos principais da Eclesiolgia sempre trazendo uma visão evangélica batista.

Que o Senhor nos ajude nesse novo desafio.

II – O QUE SIGNIFICA A PALAVRA “IGREJA”?

O nome “igreja” é muitas vezes mal compreendido e uma noção correta começa pela volta à origem da palavra, que vem do grego *ἐκκλησία* (ekklesía).

A palavra grega (ekklesía) encontra-se 3 vezes em Mateus, 23 no livro de Atos, 62 nas cartas de Paulo, 2 em Hebreus, 1 em Tiago, 3 na Terceira Epístola de João e 20 no Apocalipse. A palavra **ekklesía** não foi criada por Jesus, mas Ele usou o termo que já era utilizado pelos gregos para se referir à assembleia dos cidadãos de um Estado livre, reunidos e convocados à toque de trombeta pelas ruas da cidade. Não obstante, a palavra **Ekklesía** (assembleia) só é usada uma vez no Novo Testamento com o sentido dado pelos gregos. O escrivão da cidade de Éfeso aconselhou a Demétrio e a seus companheiros que submetessem o caso de Paulo e de seus companheiros ao julgamento da **ekklesía** grega (At 19:23-41).

Entre os hebreus, **ekklesía** era a congregação de Israel reunida perante o Tabernáculo, no deserto, ao som de uma trombeta de prata. Com o significado de congregação, essa palavra encontra-se duas vezes no NT. (At 7:38; Hb 2:12).

Tanto no grego como no hebraico, a palavra significa uma assembléia popular, e não uma comissão ou concílio.

A palavra igreja (**ekklesia**), no uso cristão, tem três significados que precisamos analisar com muita atenção:

a) Igreja como instituição: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16:18). Jesus edificou uma instituição baseada na afirmação de Pedro de que Ele (Jesus) é o Cristo, o filho do Deus vivo. A palavra “minha” é enfática, e faz distinção das assembleias dos gregos e dos hebreus. É importante frisar que o Novo Testamento não usa adjetivos para definir a “igreja”. Os conhecidos adjetivos: “universal”, “invisível”, “espiritual”, “católica” são criações humanas.

A figura de um edifício se encontra no Novo Testamento em relação à igreja como instituição, mas nunca se encontra o nome da igreja em relação ao edifício em que esta se congrega, como usamos comumente. Podemos ver a igreja de Jesus como uma instituição a partir das seguintes verdades: 1) Cristo é o Criador; 2) é o arquiteto: determina o material que entra no edifício (pedras vivas); 3) é o mestre da obra; 4) é o alicerce: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento” (1º Co 3:11); 5) é o dono: “minha igreja”; 6) é o morador do edifício: habita-o através da presença do Espírito Santo.

Do mesmo modo, a figura de um organismo também foi utilizada com o objetivo de simbolizar a igreja como instituição; 1) Cristo é a cabeça. A sua soberania é exercida pelo Espírito Santo; 2) A igreja é o corpo de Cristo. O corpo tem uma relação vital com a cabeça e recebe toda a direção dela.

b) Igreja como congregação particular (igreja local): Uso mais comum da palavra igreja no Novo Testamento, e representa um grupo de pessoas regeneradas, num lugar reunidas de forma voluntária e em conformidade com as palavras de Jesus Cristo. As igrejas primitivas congregavam-se em casas; a Ceia do Senhor era celebrada numa dessas casas (At 2:46). Uma das igrejas primitivas se reunia na casa de Maria, mãe de João Marcos (At 12:12). Paulo mandou saudações a pelo menos três igrejas em casas particulares: a da casa de Áquila e Priscila (Rm 16:3, 5), a reunida na casa de Ninfas (Cl 4:15) e a da casa de Filemom, em Colossos (Filemom 2). Muitas igrejas, nos tempos atuais, tiveram o seu começo assim. A Primeira Igreja Batista de Richmond (EUA), por exemplo, foi constituída em 1870, com quatorze membros, na casa de um irmão chamado Franklin. Na atualidade, temos muitos exemplos de igrejas locais, tais como: 1ª Igreja Batista de João Pessoa, Igreja Presbiteriana Central, Igreja Batista Central de Fortaleza, etc.

c) Igreja como “os salvos de todos os tempos: Terceiro significado da palavra “igreja”. Em Hebreus 12:22,23, lemos: “Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, à miríades de anjos, à universal assembleia e igreja dos primogênitos inscritos no céu”. Essa igreja vai ser a esposa do Cordeiro. Como o próprio título afirma, essa igreja será

formada por todos os salvos de todos os tempos e transcende os muros denominacionais.

III – UM POUCO DA HISTÓRIA DOS BATISTAS

a) Nossa história no mundo

A história mundial dos batistas pode ser contada a partir de duas raízes principais: suas doutrinas e seu nome no cenário mundial.

Considerando as raízes doutrinárias, os batistas saem diretamente das páginas do Novo Testamento, dos lábios e ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, e têm sua trajetória marcada pela oposição a toda corrupção da doutrina cristã claramente exposta no Novo Testamento.

Ao consultar a DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA da Convenção Batista Brasileira você verá que as nossas doutrinas saem, com clareza límpida, das Sagradas Escrituras.

A corrupção de algumas doutrinas e práticas do cristianismo começam a surgir muito cedo em sua história, como pode ser constatado nos escritos dos apóstolos. Essa corrupção foi se ampliando após a “conversão” do Imperador Constantino (306 a 337) ao cristianismo, ocorrida a partir de 312 quando incorporou a cruz ao seu estandarte e passou a favorecer os cristãos.

Muitos resistentes rejeitavam as inovações doutrinárias e as práticas e por isso foram perseguidos, exilados e mortos.

Eles mantiveram acesas as doutrinas cristãs genuínas e possibilitaram que, através dos tempos, outros se levantassem na Idade Média, como Cláudio de Turim, Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne, Pedro Vado, João Wycliffe, João Huss e muitos outros.

Com o surgimento da Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero e deflagrada em 31 de outubro de 1517, (quando da publicação das suas famosas 95 teses, na porta do Castelo de Wittenberg), criou-se a oportunidade para que muitos grupos dissidentes intensificassem suas pregações. Entre eles, os chamados Anabatistas, que sustentavam muitas doutrinas que os batistas hoje esposam e que representavam o grupo mais ativo e poderoso daquele momento. O nome ANABATISTAS significa: “os rebatizadores”.

Finalmente, em 1608, um grupo de refugiados ingleses, que foram para a Holanda em busca da liberdade religiosa, liderados por John Smyth, pregador, e Thomas Helwys, advogado, organizaram, em Amsterdã, em 1609, uma igreja de doutrina batista, como era o sonho dos dois líderes.

John Smyth batizou-se por imersão e em seguida batizou os demais fundadores da igreja, constituindo-se assim a primeira igreja organizada, tendo

como espelho as doutrinas do Novo Testamento, inclusive o batismo por imersão, mediante a profissão de fé em Jesus Cristo.

Logo depois, com a morte de John Smyth, e após a decisão de Thomas Helwys e seus seguidores de regressarem para a Inglaterra, a igreja organizada se desfez e parte dos seus membros se uniram aos menonitas.

Considerando as raízes do nome batista, a história começa com a organização da igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612, por Thomas Helwys e seus seguidores, já batizados na igreja em Amsterdã. É esta igreja que agora inicia a linhagem de igrejas batistas que começam a crescer na Inglaterra sob severa perseguição por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana.

A perseguição aos batistas e a outros grupos separatistas os levou a várias partes do mundo e, em especial, às colônias da América do Norte, em busca da liberdade religiosa.

Dois ilustres homens são considerados fundadores das igrejas batistas em solo americano: Roger Williams, que organizou a Primeira Igreja Batista de Providence, em 1639, na colônia que ele fundou com o nome de Rode Island; e John Clark, que organizou a Igreja Batista de Newport, também em Rode Island, conhecida desde 1648. Os batistas se espalharam pelas diversas colônias da América do Norte e foram influentes na formação da Constituição Americana de 1781.

Em 1791, um jovem pastor inglês chamado William Carey, sentindo forte compaixão pelas multidões pagãs da Índia, decidiu iniciar, com o apoio de vários pastores, um movimento para o envio de missionários àquelas terras. Assim foi criada a Sociedade de Missões no Estrangeiro, que tem tido uma participação muito grande na expansão da obra batista na Ásia e África, além de outros continentes, e inclusive no Brasil.

Por sua vez, os batistas norte-americanos foram grandemente motivados a evangelizar o mundo. Um jovem casal de missionários: Adoniram e Ana Judson, enviados em 1812 pela Igreja Congregacional para evangelizar a Índia, com destino a Calcutá, examinando a bíblia, especialmente o Novo Testamento, quanto à doutrina do batismo, (já que iriam se encontrar com o missionário batista William Carey e seu grupo de pastores), acabou por concluir que os batistas estavam certos. Eles foram batizados pelo Pastor William Ward, companheiro de Carey. O mesmo fato aconteceu com outro missionário congregacional, também enviado à Índia, Luther Rice, que igualmente foi batizado, tornando-se batista.

Eles decidiram que Adoniram Judson permaneceria no Oriente e Luther Raice voltaria aos Estados Unidos para mobilizar os batistas para a obra missionária. Seu trabalho vingou, e em maio de 1814 foi fundada uma convenção em Filadélfia com o nome de “Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no Estrangeiro”.

A partir daí, a obra missionária dos batistas iniciou um gigantesco crescimento, chegando inclusive, através dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, ao Brasil, onde foi organizada, no dia 15 de outubro de 1882, a Primeira Igreja Batista para Brasileiros. Desse trabalho é que surgiu a Convenção Batista Brasileira.

Hoje, os batistas estão presentes em cerca de 200 países (representam uma população de perto de quarenta milhões de membros) e atingem cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro.

Em 1882, quando foi organizada a Primeira Igreja Batista voltada para a evangelização do Brasil, já existiam duas outras igrejas batistas organizadas por imigrantes norte-americanos residentes na região de Santa Bárbara D'Oeste e Americana, SP.

Os casais de missionários batistas norte-americanos recém chegados ao Brasil, William Buck Bagby e Anne Luther Bagby (pioneiros) e Zacharias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor, auxiliados pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, batizado em Santa Bárbara D'Oeste, decidiram iniciar a sua missão na cidade de Salvador, Bahia, cuja população era de 250.000 habitantes. Ali chegaram no dia 31 de agosto de 1882 e, no dia 15 de outubro, organizaram a PIB do Brasil com 5 membros: os dois casais de missionários e o ex-padre Antônio Teixeira.

Nos primeiros vinte e cinco (25) anos de trabalho, Bagby e Taylor, auxiliados por outros missionários e por um número crescente de brasileiros, evangelistas e pastores, já tinham organizado 83 igrejas, com aproximadamente 4.200 membros.

b) A Convenção Batista Brasileira

Segundo José dos Reis Pereira, Salomão Guinsburg foi a primeira pessoa a pensar na organização de uma convenção nacional dos batistas brasileiros, mas somente em 1907 a idéia foi concretizada. A.B.Deter, Zacharias Taylor e Salomão Guinsburg concordaram em dar prosseguimento ao plano. Eles conseguiram a adesão de outros missionários e de líderes brasileiros, inclusive Francisco Fulgêncio Soren, que tinha, inicialmente, algumas reservas.

A comissão organizadora optou pela data de 22 de junho de 1907 para organizar a convenção, na cidade de Salvador, quando transcorreriam os primeiros 25 anos do início do trabalho batista brasileiro, também começado na referida cidade.

No dia aprazado, no prédio do ALJUBE, onde funcionava a PIB de Salvador, em sessão solene, foi realizada a primeira assembléia da Convenção Batista Brasileira, composta de 43 mensageiros enviados por igrejas e organizações. A casa estava cheia. O clima era de festa, celebrando o que Deus fizera a partir daquele início tão pequeno!

c) Como surgiu a Igreja Batista do Lago Norte?

Ano de 1979. Lago Norte. Deus coloca no coração do irmão João Amadeu Gomes, membro da Igreja Memorial Batista, o desejo de realizar reuniões de oração aos sábados, em sua residência, com vistas à organização de uma igreja batista. Dirige-se a seu pastor, Ver. Éber Vasconcelos, e dele imediatamente recebe autorização para tanto. Assim, semanalmente, orientados pelo Espírito Santo de Deus e coordenados pelo pastor Feliciano, irmãos estudam a bíblia. Informados de que membros da Terceira Igreja Batista do Plano Piloto, residentes também no Lago Norte, se reúnem sistematicamente com os mesmos propósitos, os grupos se unem. A premência na compra de uma propriedade destinada a templo leva o grupo a posicionar-se quanto à organização da igreja.

Ano de 1980. Pastores se reúnem. Pastor Éber Vasconcelos, pela Igreja Memorial Batista; pastor Júlio Borges, pela Terceira Igreja Batista do Plano Piloto; pastor Joeder Rocha, pela Convenção Batista do Distrito Federal, além do irmão Amadeu. A data escolhida para a organização da igreja é 1º de maio de 1981.

Cabe à Terceira Igreja Batista do Plano Piloto realizar, em seu templo, a solenidade. Pastores e irmãos de todo o Distrito Federal comparecem. Vinte e dois é o número de membros da nova igreja. Indecisos quanto ao local para as reuniões eclesiais, opta-se pela utilização da garagem existente na residência do irmão José Maurício da Silva Barbosa. E assim acontece. O primeiro pastor efetivo, Valdir Ribeiro Soares, posteriormente é escolhido pastor emérito.

E assim passam-se os anos... pastores vêm e vão. Membros de igual forma. E se comprova o que Mateus registra no capítulo 7, versículo 25, do seu evangelho:

“E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa; contudo não caiu, porque estava fundada sobre a rocha”.

“... e estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus”
(Lucas 24.53).

Maria José Cunha Gomes
(Membro fundadora).

IV – COMO É O GOVERNO DE UMA IGREJA BATISTA?

Existem 3 (três) formas principais de governo de igreja: a) **Episcopal** (Igreja Católica, Anglicana, Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo); b) **Presbiterial** (Igrejas Presbiterianas) e c) **Congregacional** (Igrejas Batistas).

A Bíblia é clara quando determina que o princípio governante para uma igreja local é a soberania de Jesus Cristo. A autonomia da igreja tem como fundamento o fato de que Cristo está sempre presente e é a cabeça da congregação do seu povo. A igreja, portanto, não pode sujeitar-se à autoridade de qualquer outra entidade religiosa. Sua autonomia, no entanto, é válida somente quando exercida sob o domínio de Cristo.

A democracia, o governo pela congregação, é a forma certa somente na medida em que, orientada pelo Espírito Santo, providencia e exige a participação consciente de cada um dos membros nas deliberações do trabalho da igreja. Uma igreja é um corpo autônomo, sujeito unicamente a Cristo, sua cabeça. Seu governo democrático, no sentido próprio, reflete a igualdade e responsabilidade de todos os crentes, sob o autoridade de Cristo.

As igrejas primitivas, que modelaram a forma de governo para os batistas, tinham a forma congregacional de governo, conforme At 1:15,22; At 6:2; At 13:13; At 14:23; At 10:1-4; 16:22-29. Com base nesses versículos, cada igreja batista é governada pelos seus membros, não havendo interferência de uma sobre a outra.

V – COMO É A NOSSA RELAÇÃO COM O ESTADO?

Tanto a Igreja como o Estado são ordenados por Deus e responsáveis perante Ele. Cada um é distinto; cada um tem um propósito divino; nenhum deve transgredir os direitos do outro. Devem permanecer separados, mas igualmente manter a devida relação entre si e para com Deus. Cabe ao Estado o exercício da autoridade civil, a manutenção da ordem e a promoção do bem-estar público. A Igreja é uma comunhão voluntária de cristãos, unidos sob o domínio de Cristo, para o culto e serviço em seu nome. O Estado não pode ignorar a soberania de Deus, nem rejeitar suas leis como a base da ordem moral e da justiça social. Os cristãos devem aceitar suas responsabilidades de sustentar o Estado e obedecer ao poder civil, de acordo com os princípios cristãos. O Estado deve à Igreja a proteção da lei e a liberdade plena, no exercício do seu ministério espiritual. A Igreja deve ao Estado o reforço moral e espiritual para a lei e a ordem, bem como a proclamação clara das verdades que fundamentam a justiça e a paz. A Igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo Estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A Igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o estado. A Igreja e o Estado são constituídos por Deus e perante Ele responsáveis. Devem permanecer distintos, mas têm a obrigação do reconhecimento e reforço mútuos, no propósito de cumprir-se a função divina.

VI – QUAIS AS ORDENANÇAS QUE O SENHOR DEU PARA A SUA IGREJA?

As ordenanças são atos simbólicos estabelecidos por Jesus Cristo para observação perpétua, até a sua volta, como testemunhas das verdades centrais do Evangelho, e cuja celebração representa um fator constitutivo da igreja.

a) Batismo

A palavra batismo vem do grego “Baptismo” e significa imergir, mergulhar, limpar com água. O batismo é o testemunho da mudança de vida e integração no corpo de Cristo, através da fé no Filho de Deus.

1 - O batismo é uma ordem deixada pelo próprio Cristo

Jesus nos dá o exemplo pedindo a João Batista para ser batizado no texto do Evangelho de Mateus 3:13-15. Ele mesmo e seus discípulos (João 3:22 e 4:1,2). Jesus ordenou aos seus discípulos, na grande comissão, que continuassem batizando (Mateus 28:19; Marcos 16:16).

2 - A fórmula do batismo

A fórmula é a mesma deixada pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19).

3 – Os simbolismos do batismo

A bíblia nos apresenta vários simbolismos do batismo. Vejamos alguns:

<i>Identificação com Cristo no sepultamento e ressurreição</i>	Romanos 6:3 e 4; Colossenses 2:12
<i>Integração ao Corpo de Cristo (Igreja)</i>	Atos 2:41; 1º Coríntios 12:13
<i>Purificação</i>	Atos 22:16; Hebreus 10:22
<i>Regeneração ou Novo Nascimento</i>	Tito 3:5; João 3:5
<i>Enxerto em Cristo</i>	Gálatas 3:27

O batismo não tem poder para salvar. As pessoas são batizadas, não para serem salvas, mas porque já são salvas. Sepulta-se apenas os mortos, e somente os que estiverem sepultados poderão ressuscitar.

A ordem deixada por Cristo é a mesma mencionada em Atos 18:8b. **“ouviram, creram e foram batizados”**. Se você já creu em Jesus como Senhor

e Salvador de sua vida, mas ainda não se batizou, não espere mais, procure o pastor e dê seu nome a ele para o próximo batismo.

b) Ceia do Senhor

Como judeus, por descendência, Jesus participava das festas de Israel, entre elas a Páscoa, palavra derivada do hebraico *pesah*, que significa “passar por cima”, no sentido de poupar. Festa que tem como intuito lembrar a libertação do povo de Israel do cativeiro do Egito naquela noite histórica registrada no texto de Êxodo capítulo 12.

Na noite em que foi traído, o Senhor Jesus, junto com Seus discípulos, celebrou a Páscoa e logo após instituiu a Ceia, que passou a ser o memorial para os que confessam o Seu nome (Mateus 26:17-30; Marcos 14:12-26; Lucas 22:7-23 e 1º Coríntios 11:23-30).

Aspectos dessa ordenança:

1 – Comemoração

“Fazei isto em memória de mim”. Cada vez que o Corpo de Cristo se reúne para participar da Ceia, comemora, de modo muito especial, a morte de Cristo como cordeiro imolado na cruz para salvar a humanidade (1º Coríntios 11:24).

2 – Instrução

A Ceia do Senhor é uma lição objetiva que nos revela dois fundamentos do Evangelho, a saber:

- Encarnação:

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...” (João 1:14).

“Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6:33).

- Expição:

“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (João 6:48-51).

“Pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mateus 26:28).

3 - Comunhão:

Compartilhando em unidade do pão e do vinho da Ceia, lembramos que pela fé podemos viver em comunhão com Deus através do Espírito Santo.

4 - Segurança:

Semelhantemente, também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: **“Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim” (1º Coríntios 11:25).**

“... quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento não tem força senão pela morte; visto que nunca tem valor enquanto o testador vive. Pelo que nem o primeiro pacto foi consagrado sem sangue; porque, havendo Moisés anunciado a todo o povo todos os mandamentos segundo a lei, tomou o sangue dos novilhos e dos bodes, com água, lã purpúrea e hissopo e aspergiu tanto o próprio livro como todo o povo, dizendo: Este é o sangue do pacto que Deus ordenou para vós. Semelhantemente aspergiu com sangue também o tabernáculo e todos os vasos do serviço sagrado. E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que estão no céu fossem purificadas com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus” (Hebreus 9:14-24).

“... ao qual Deus propôs como propiciação, pela fé, no seu sangue, para demonstração da sua justiça por ter ele na sua paciência, deixado de lado os delitos outrora cometidos; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:25 e 26)

5 - Responsabilidade:

“De modo que qualquer que comer do pão, ou beber do cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor” (1º Coríntios 11.27).

Ser digno não significa não ter pecados, mas que somos honestos com Deus, assumindo os pecados e nos propondo a deixá-los para vivermos uma vida de melhor comunhão com o Senhor.

c) Principais teorias sobre a ceia do Senhor

1 – Transubstanciação: Teoria que interpreta literalmente o pão como o corpo de Cristo e o vinho como seu sangue. Esta é a teoria adotada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Seus defensores afirmam que assim que o padre profere a fórmula “Este é o meu corpo”, o milagre acontece, transformando o pão na carne e o vinho no sangue de Cristo.

2 – Consubstanciação: Teoria luterana. Diz que Cristo, espiritualmente, une-se à substância do pão e do vinho no momento em que são ingeridos.

3 – Meio da Graça: Teoria calvinista e anglicana. Defende que se recebe graça e bênçãos espirituais no momento em que se toma a ceia.

4 – Memorial: É a teoria que a Bíblia apresenta. O Senhor Jesus disse: “*Fazei em memória de mim*” (Lucas 22:19; 1º Coríntios 11:25). Esta é a verdadeira forma de participação da Ceia do Senhor. Nós cremos na ceia como um memorial.

VII – QUAL A VISÃO, MISSÃO, VALORES DA IBLN?

Até o presente momento, estudamos sobre questões relacionadas à igreja de Jesus como um todo, bem como especificidades relacionadas à denominação batista. A partir de agora trataremos de informações concernentes à Igreja Batista do Lago Norte como igreja local.

a) **Missão:**

Glorificar a Deus e proclamar o evangelho de Jesus Cristo, dando legítimo testemunho da salvação em Cristo, buscando alcançar e fazer discípulos por meio da eficácia da Palavra, do poder da oração, da alegria, do louvor e da comunhão.

b) **Visão de futuro:**

Ser uma referência no Lago Norte, como um lugar da graça de Deus para restaurar vidas e facilitar relacionamentos dinâmicos em Jesus Cristo.

c) **Propósitos (Por que nós existimos?):**

Proclamação – (ganhar vidas em Jesus);

Edificação – (crescer continuamente em santidade);

Serviço – (servir através de Ministérios da Igreja);

Comunhão – (viver em comunhão como membros do mesmo corpo);

Adoração – (glorificar a Deus através das nossas vidas).

d) Valores:

- Uma igreja firmada na Palavra;
- Uma igreja dirigida pelo Espírito;
- Uma igreja comprometida com Jesus;
- Uma igreja edificada com Propósitos;
- Uma igreja unida em Amor;
- Uma igreja que glorifica a Deus;
- Uma igreja que trabalha em Rede Ministerial;
- Uma igreja comprometida com a Evangelização;
- Uma igreja sustentada por Oração.

e) O que é a Rede Ministerial?

Para cumprir o propósito SERVIÇO, a nossa igreja utiliza a ferramenta chamada Rede Ministerial que ajuda cada membro a compreender o seu papel dentro da igreja, sempre levando em consideração que o Senhor quer **PESSOAS CERTAS, NOS LUGARES CERTOS, PELAS RAZÕES CERTAS.**

Para entendermos melhor o que é **Rede Ministerial**, passaremos a resumir alguns dos seus princípios:

a) A Rede Ministerial tem como alvo auxiliar os crentes a serem frutíferos e realizados num lugar significativo de serviço dentro da sua igreja local;

b) Devemos servir (ministrar) porque assim glorificamos a Deus e edificamos outras pessoas;

c) Quando nos convertemos, somos, ao mesmo tempo, batizados com o Espírito Santo e Deus nos dá dons espirituais; (1º Co 12:13). Temos pelo menos um dom espiritual;

d) Os dons espirituais são capacitações divinas e devem ser usados com propósitos espirituais;

e) Os dons nos são concedidos para que exerçamos um ministério significativo (1º Co 12:11), e são dados a cada crente segundo o desígnio e a graça de Deus (1º Co 12:18);

f) Cada crente é um ministro em potencial (1º Pe 4:10);

g) A diferença dos nossos dons não nos faz independentes no Corpo de Cristo, mas devemos ser **INTERDEPENDENTES**, pois o plano de Deus é que sirvamos como um corpo: “... **assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros**” (Rm 12:5).

Em resumo, a Rede Ministerial é uma ferramenta utilizada com o objetivo de fazer de cada membro da nossa igreja um ministro de Deus, servindo em um dos nossos ministérios.

f) Como é a organização ministerial de nossa igreja?

<p>1. <u>MINISTÉRIO PASTORAL</u></p> <p>1 – Aconselhamento; 2 – Visitação e assistência; 3 – Proclamação; 4 – Acompanhamento dos ministérios</p> <p>2. <u>MINISTÉRIO DE DIACONIA</u></p> <p>1 – Tarefas que dão suporte ao ministério pastoral; 2 – Usar os seus dons espirituais na proclamação do evangelho, auxílio a crentes e não-crentes, encorajamento, ação social, administração, hospitalidade e intercessão; 3 – Promover a comunhão e harmonia entre os membros da igreja; 4 – Detectar necessidades materiais de famílias da igreja, viabilizando suporte e ajuda.</p> <p>3. <u>MINISTÉRIO DE EVANGELISMO E MISSÕES</u></p> <p>1 – Viabilizar a visão da igreja para a área de evangelismo e missões; 2 – Direcionar as ações da igreja na área de evangelismo e missões; 3 – Promover vínculos entre missionários e organizações missionárias; 4 – Informar e conscientizar a igreja da importância do evangelismo e de missões; 5 – Realizar conferências missionárias e outras atividades que visem promover missões; 6 – Treinar e equipar membros da igreja na evangelização pessoal.</p> <p>4. <u>MINISTÉRIO DE AÇÃO SOCIAL</u></p> <p>1 – Dar assistência primordialmente aos membros da igreja e a outros necessitados, como expressão de amor e objetivo da evangelização; 2 – Conscientizar a igreja e a comunidade sobre o que é a ação social; 3 – Elaborar e manter cadastro de carentes atendidos ou por atender, da própria igreja, ou externas a ela.</p>	<p>5. <u>MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO</u></p> <p>1 – Promover a integração dos novos convertidos à igreja, desde a sua decisão até o seu batismo; 2 – Promover e implantar o ministério de portadores de necessidades especiais; 3 – Treinar membros da igreja para o desenvolvimento do ministério de apoio espiritual, visitação e aconselhamento de novos convertidos; 4 – Coordenar os serviços de boas-vindas e recepção de pessoas durante as atividades da igreja; 5 – Criar um ambiente agradável para o bem-estar de pessoas, especialmente as visitantes; 6 – Organizar e desenvolver atividades e programas para os membros da igreja, com a finalidade de atingir todas as faixas etárias; 7 – Cuidar da preparação de todos os candidatos a batismo, oferecendo-lhes apoio espiritual, emocional e prático.</p> <p>6. <u>MINISTÉRIO DE ADORAÇÃO & LOUVOR</u></p> <p>1 – Assessorar o pastor na elaboração da ordem dos cultos semanais e especiais; 2 – Coordenar o programa musical da igreja; 3 – Prestar assistência aos coros e grupos musicais da igreja; 4 – Ministrando cursos de aperfeiçoamento e orientação das equipes envolvidas no ministério de adoração e louvor; 5 – Orientar a montagem de repertório dos grupos musicais da igreja; 6 – Despertar em cada integrante dos grupos musicais a necessidade de ter uma vida de discípulo de Jesus e um compromisso com a igreja.</p> <p>7. <u>MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ E DISCIPULADO</u></p> <p>1 – Identificar a visão de futuro da igreja para a educação cristã e buscar constantemente o seu cumprimento; 2 – Primar pelo amadurecimento espiritual dos membros da igreja, pelo desenvolvimento dos seus dons espirituais e pela conseqüente produção de frutos na vida cristã;</p>
---	---

<p>3 – Coordenar o processo de discipulado e ensino da igreja, especialmente utilizando a Escola Bíblica.</p> <p>4 – Realizar seminários, simpósios e reuniões periódicas de treinamento de líderes;</p> <p>5 – Providenciar material didático e pedagógico;</p> <p>6 – Servir como referência para todos os crentes que desejam aprender mais a Bíblia e crescer em sua vida espiritual.</p> <p>8. <u>MINISTÉRIO INFANTO-JUVENIL</u></p> <p>1 – Promover o amadurecimento espiritual das crianças através do conhecimento da Palavra de Deus;</p> <p>2 – Promover atividades, num ambiente alegre e descontraído, que desenvolvam na criança o sentido de crescimento cristão e conhecimento da Palavra de Deus;</p> <p>3 – Despertar na criança a busca por relacionamentos verdadeiros com Deus Pai, por meio de Jesus Cristo;</p> <p>4 – Desafiar a criança a compartilhar com outros o que tem aprendido e participado na igreja.</p> <p>9. <u>MINISTÉRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES</u></p> <p>1 – Desenvolver programas e projetos que promovam o comprometimento dos jovens e adolescentes da igreja com Cristo e o desenvolvimento dos seus dons espirituais e da comunhão.</p> <p>2 – Promover atividades num ambiente alegre e descontraído e proporcionar experiências que desenvolvam nos jovens e adolescentes o sentido de crescimento cristão e conhecimento da Palavra de Deus;</p> <p>3 – Promover encontros, eventos e atividades de comunhão, integração e recreação para jovens e adolescentes da igreja.</p> <p>10. <u>MINISTÉRIO DA FAMÍLIA</u></p> <p>1 – Desenvolver um programa contínuo de apoio e fortalecimento de casais e famílias, em busca de uma caminhada com Jesus, para que os lares sejam sólidos;</p> <p>2 – Desenvolver um programa de aconselhamento e preparação para o casamento nas mais variadas áreas da vida a dois;</p> <p>3 – Dar suporte aos casais com dificuldades emocional e espiritual, por meio do aconselhamento;</p> <p>4 – Promover atividades e eventos para casais e famílias, estimulando a maturidade espiritual e emocional e a comunhão entre as famílias.</p> <p>5 - Dar acompanhamento aos recém-casados em sua jornada inicial de vida e na solidificação do casamento.</p>	<p>6 – Realizar atividades e eventos para namorados e noivos, visando ao amadurecimento espiritual e emocional nas decisões relacionadas ao casamento.</p> <p>11. <u>MINISTÉRIO DE ORAÇÃO E INTERCESSÃO</u></p> <p>1 – Desenvolver um programa permanente de oração, que envolva pessoas de todos os segmentos da igreja;</p> <p>2 – Desenvolver a consciência da importância da oração na vida da igreja, por meio de atividades e dos ministérios da igreja;</p> <p>3 – Manter grupos de oração intercedendo pelas atividades da igreja enquanto elas se realizam;</p> <p>4 – Promover encontros de oração específicos como: vigílias, encontros matinais e outros.</p> <p>12. <u>MINISTÉRIO DE PATRIMÔNIO</u></p> <p>1 – Supervisionar, acompanhar e zelas pelos bens móveis e imóveis, e pelos serviços gerais prestados à igreja;</p> <p>2 – Providenciar a execução de serviços de prevenção, manutenção e restauração de bens móveis;</p> <p>3 – Manter atualizado o cadastro patrimonial da igreja.</p> <p>13. <u>MINISTÉRIO DE FINANÇAS E MORDOMIA</u></p> <p>1 – Avaliar o desempenho financeiro da igreja, apresentando gráficos de crescimento, análise da realidade e possibilidades;</p> <p>2 – Definir as possibilidades de desenvolvimento da igreja;</p> <p>3 – Estabelecer procedimentos de modo a permitir a eficiência, a segurança e a agilidade no processamento do controle financeiro, tanto de entrada como de saída;</p> <p>4 – Promover a realização de campanhas financeiras para fins específicos;</p> <p>5 – Elaborar propostas orçamentárias;</p> <p>6 – Assessorar o tesoureiro na confecção dos relatórios e balanços.</p> <p>14. <u>MINISTÉRIO COM PEQUENOS GRUPOS</u></p> <p>1 – Coordenar o programa de pequenos grupos;</p> <p>2 – Treinar a liderança para implantação de pequenos grupos;</p> <p>3 – Implantar e desenvolver pequenos grupos.</p>
--	--

VIII – DECLARAÇÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA SOBRE ECLESIOLOGIA

IGREJA

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento (1). Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com a finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho (2). As igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pela Palavra de Deus, sob a orientação do Espírito Santo (3). Há nas igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As igrejas devem relacionar-se com as demais igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer sejam de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou comprometimento de lealdade a Cristo e sua Palavra. Cada igreja é um templo do Espírito Santo (4). Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja” em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre Ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus (5).

(1) Mt 18:17; At 5:11; 20:17, 28; 1º Co 4:17; 1 Tm 3:5; 3º João 1.9; 1º Co 1:2,10

(2) At 2:41,42;

(3) Mt 18:15-17;

(4) At 20:17,28; 6:3-6; 13:1-3; Tito 1:5-9; 1º Tm 3:1-3; Fp 1:1; 1º Co 3:16.17; At 14:23; 1º Pe 5:1-4;

(5) Mt 16:18; Cl 1:18; Hb 12:22-24; Ef 1:22,23; 3:8-11; 4:1-16; 5:22-32; João 10:16; Ap 21:2,3.

O BATISMO E A CEIA DO SENHOR

O Batismo e a Ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja estabelecidas pelo próprio Senhor Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica (1). O Batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e

pessoal (2). Simboliza a morte e o sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos (3). O Batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (4). A Ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho (5). Nesse memorial o pão representa o seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho simboliza o seu sangue derramado (6). A Ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o Batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes (7).

(1) Mt 3:5,6,13-17; 26:26-30, 28:19; João 3:22,23; 4:1,2; 1º Co 11:20,23-30;

(2) At 2:41,42; 8:12,36-39; 10:47,48; 16:33, 18:8;

(3) Rm 6:3-5; Gl 3:27; Cl 2:12; 1º Pe 3:21;

(4) Mt 28:19; At 2:38,41,42; 10:48;

(5) e (6) Mt 26:26-29; 1º Co 10:16,17-21; 11:23-29;

(7) Mt 26:29; 1º Co 11:26-28; At 2:42; 20:4-8.